

# LACCOBRIGA

A OCUPAÇÃO ROMANA NA BAÍA DE LAGOS

# **LACCOBRIGA**

**A OCUPAÇÃO ROMANA NA BAÍA DE LAGOS  
ROMAN SETTLEMENT AROUND THE LAGOS BAY**

# Ficha Técnica

## **Câmara Municipal de Lagos|**

### **Presidente**

Julio José Monteiro Barroso

### **Vereadora da Cultura**

Maria Joaquina Matos

## **Exposição|**

### **Programação**

Alexandre Barata

### **Coordenação executiva**

Elena Morán

### **Comissariado científico e selecção de peças**

Ana Margarida Arruda

### **Museologia**

Rui Parreira

### **Produção**

Jorge Rocha

### **Secretariado**

Ana Guerreiro

Ana Paula Santos

### **Documentação**

Câmara Municipal de Lagos

IPPAR|Instituto Português do Património

Arquitectónico

Palimpsesto, Lda.

Pedro Barros

UNIARQ|Centro de Arqueologia da

Universidade de Lisboa

### **Ilustrações e mapas**

Jorge Pereira

IPA|Pedro Barros

### **Museografia**

Jorge Rocha

Mónica Franco

### **Concepção gráfica**

Jorge Rocha

### **Conservação, restauro e montagem do mosaico**

Museu Monográfico de Conimbriga

João Raimundo

Manuel Santo

Pedro Sales

Virgílio N. Hipólito Correia

apoio científico: Cristina Oliveira

### **Conservação e restauro de peças**

Andreia Machado

### **Apoio museográfico**

Luís Duque

Sérgio Santos

### **Montagem**

Centro Cultural de Lagos

Pedro Conceição

Departamento de Ambiente e Serviços Urbanos |

DASU (Director: Jorge Reis)

Carpintarias: Fernando Santos, José Filipe,

Paulo Pereira

Serralharias: Amândio Gonçalo, Carlos Pinto

João Rosa

Pintura: António Bento, Fernando de Jesus

Reis, Jorge Baptista, José Augusto Fernandes

José Manuel Alves, Nelson Marreiros

### **Luminotecnia**

Carlos Barradinha

Carlos Oliveira

### **Instalações eléctricas**

José Beles

Pedro Vicente

### **Cedência de peças**

Museu Nacional de Arqueologia | IPM

Museu Municipal Dr. Santos Rocha | Câmara

Municipal da Figueira da Foz

Museu Municipal Dr. José Formosinho | Câmara

Municipal de Lagos

Instituto Português de Arqueologia

UNIARQ | Centro de Arqueologia da Universidade

de Lisboa

### **Impressão digital**

Ultraimagem

**Transporte de peças**  
Câmara Municipal de Lagos

**Seguros**  
AXA

**Recepção**  
Ana Cristina Santos  
João Silva  
Luiana Nascimento

**Vigilância**  
Beatriz Reis  
Maria Santos Felix  
Ivone Teixeira

**Manutenção**  
Almerinda Magalhães

**Apoio logístico**  
Colipraia, Construções Turísticas, Lda.  
DECI (Director: José António Martins)  
DPMCHP  
IPPAR - Direcção Regional do Algarve

**Catálogo**  
**Coordenação editorial**  
Elena Morán

**Texto**  
Ana Margarida Arruda

**Classificação de peças**  
Ana Margarida Arruda  
Elisa Rosa Barbosa de Sousa  
Pedro Rigueiras Lourenço

**Alinhamento do catálogo de peças**  
Rui Parreira  
Tânia Fernandes

**Concepção gráfica**  
Jorge Rocha

**Fotografias**  
Câmara Municipal de Lagos | Francisco Castelo  
Cristina Ramos  
Divisão de Documentação Fotográfica | IPM  
Elena Morán  
IPPAR | Manuel Ribeiro; Rui Parreira

José Paulo Ruas  
Museu Municipal Dr. Santos Rocha  
Palimpsesto, Lda  
Pedro Barros  
Victor Gonçalves

**Traduções**  
Jenny Compton  
Rui Parreira

**Impressão**  
Litográfis

**Agradecimentos**  
Ana Cardoso  
Ana Isabel Santos  
António Carrilho  
Cristina Ramos  
Eduardo Porfírio  
Manuel Herculano da Conceição Lopes  
João Nuno Marques  
Luís Raposo  
Maria José Neves  
Miguel Serra  
Museu Municipal Dr. Formosinho  
Museu Municipal Dr. Santos Rocha  
Museu Nacional de Arqueologia  
Pedro Barros  
Rui Almeida  
Rui Barbosa  
Teresa Laço  
Virgílio N. Hipólito Correia

**Edição**  
Câmara Municipal de Lagos  
Março de 2007

**Tiragem**  
600 exemplares

**Depósito Legal**  
256933/07

**ISBN**  
978-972-8773-06-9



Se o topónimo Lacóbriga tem para os lacobrigenses um timbre familiar e é evocativo das suas longínquas origens históricas, não é menos verdade que o relacionamento da maioria da população de Lagos com o seu passado mais remoto tem sido pautado pelo desconhecimento, tão perdido tem aquele andado na bruma dos tempos.

Gostamos mais daquilo que conhecemos, ao passo que a ignorância gera, com frequência, incompreensões. É por isso que a Câmara Municipal de Lagos, através da Direcção de Projecto Municipal do Centro Histórico e Património, tem procurado concretizar todo um conjunto de acções de salvaguarda, pesquisa e divulgação do património arqueológico do Concelho, no sentido de ir devolvendo aos lacobrigenses e dar a conhecer ao Mundo a memória de um processo histórico que, nesta cidade, remonta ao 1º milénio antes da era cristã.

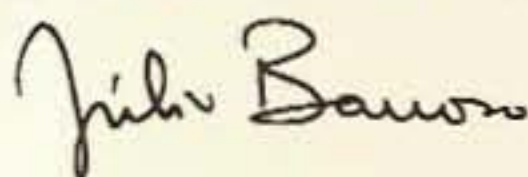
Pela primeira vez desde a sua descoberta, há já mais de um século, apresenta-se numa mesma sala um conjunto de objectos de grande qualidade artística e elevado significado histórico. Este acontecimento, que significativamente tem lugar no Centro Cultural de Lagos, permite, por fim, valorizar adequadamente algumas das peças pertencentes ao acervo do Museu Municipal Dr. José Formosinho. Ao apresentar esta mostra, não posso deixar de agradecer o empenho da equipa da UNIARQ / Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, que, no cumprimento de um protocolo de colaboração em boa hora estabelecido com esta Autarquia, tem vindo a concretizar as investigações sobre o Monte Molião e o seu território, das quais agora se divulgam os primeiros resultados. Mas, na oportunidade, é também meu desejo sublinhar o empenho dos colaboradores da Câmara Municipal que, de uma forma entusiástica, participaram nesta realização, e agradecer às entidades que conosco cooperaram. A todos, bem hajam!

Although the place name *Laccobriga* sounds familiar to the inhabitants of Lagos, reminding them of their distant historic origins, the majority of the inhabitants of Lagos are not aware of evidence of their remote past, therefore lost in the mists of time.

We mostly love what we do know, while ignorance leads frequently to misunderstanding. This is why the Lagos Municipality, through its Department for cultural heritage and town's restoration (DPMCHP), sought to develop a whole series of actions for the protection, research and diffusion of the County's archaeological heritage, in order to give back to the inhabitants, and to make more widely known, the memory of an historical process which, in this town, goes back to the 1<sup>st</sup> millennium B.C.

For the first time since its discovery over one century ago, a group of artefacts of a great artistic quality and high historical significance, found in Lagos or in its neighbourhoods, is now exhibited within the same room. This event, which significantly takes place in the Cultural Centre of Lagos, finally allows a suitable historical evaluation of some objects from the collection of the Town Museum Dr. José Formosinho. Introducing this exhibition, I am deeply grateful for the involvement of the Centre of Archaeology of the Lisbon University (UNIARQ), fulfilling an agreement established with the Lagos Municipality focussing on research at Monte Molião and the surrounding area, the first results of which are now being presented. But I also would like to acknowledge the enthusiastic contribution of the employees of the Câmara for this achievement, and all the help given by the authorities and companies who worked together with us. To all of them, thank you!

O Presidente da Câmara Municipal | The Mayor of Lagos



(Júlio Barroso)

# LACCOBRIGA E O SEU TERRITÓRIO

## A OCUPAÇÃO ROMANA NA BAÍA DE LAGOS

Ana Margarida Arruda  
(UNIQ: Centro de arqueologia da Universidade de Lisboa)

### 0. Nota prévia

O texto que se segue, bem como a própria exposição que ele serve, decorrem da investigação que, desde há um ano, se tem levado a efeito no âmbito de um projecto de investigação, financiado pela Câmara Municipal de Lagos e gerido pela Faculdade de Letras de Lisboa e pela UNIQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa), que a autora dirige a propósito de Monte Molião e do seu território. Nesse contexto, visitaram-se museus e instituições, desenharam-se e classificaram-se espólios, re-localizaram-se sítios e escavou-se em Monte Molião.

Nas actividades deste projecto, colaboraram Elisa Rosa Barbosa de Sousa e Pedro Rigueiras Lourenço, contratados pela Faculdade de Letras para participarem, a tempo integral, nos trabalhos de campo e gabinete que o projecto exige.

Mas quer o projecto quer esta exposição, e conseqüentemente este texto, não teriam sido possíveis sem a preciosa e esforçada colaboração de Elena Morán, do Gabinete de Arqueologia da Direcção de Projecto Municipal do Centro Histórico e Património da Câmara Municipal de Lagos, a cuja Vereadora da Cultura, Joaquina Matos, devo também agradecer toda a disponibilidade evidenciada.

Um agradecimento especial é ainda devido a Rui Parreira, que aceitou colaborar connosco nesta exposição, e cuja preparação científica e técnica foi indispensável quer no «desenho» e na planificação, quer na fase de montagem.

Ao Museu Nacional de Arqueologia, Museu Municipal da Figueira da Foz Dr. António dos Santos Rocha, Museu Municipal de Lagos Dr. José Formosinho e ao IPA, agradecemos o empréstimo de peças e as facilidades concedidas no acesso aos materiais. Também estamos gratos a Cristina Ramos, Rui Almeida, Teresa Laço, Elena Morán, Iola Filipe e Luís Duque e à empresa Palimpsesto, que disponibilizaram espólios e dados.

# LACCOBRIGA AND ITS TERRITORY

## ROMAN SETTLEMENT AROUND THE LAGOS BAY

Ana Margarida Arruda  
(UNIARQ: Centro de arqueologia da Universidade de Lisboa)

### 0. Author's note

The following text, like the exhibition itself, is a result of the research that since one year ago was carried out, in relation to a research project on the archaeological site at Monte Molião. The project was financed by the Lagos Municipality and managed by the Lisbon *Faculdade de Letras* and the UNIARQ (*Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa*), under the Author's direction. Within this context, several museums and institutions were visited, the drawing and classifying finds was carried out, a number of sites were surveyed, and archaeological fieldwork took place on the site of Monte Molião.

Elisa Rosa Barbosa de Sousa and Pedro Rigueiras Lourenço were engaged by the *Faculdade de Letras* to work full time on the project both in fieldwork and in the laboratory.

However, neither the project nor this exhibition, and this text, would not have been possible without the valuable and enthusiastic contribution of Elena Morán, archaeologist of the *Direcção de Projecto Municipal do Centro Histórico e Património* of the Lagos Municipality. I also wish to emphasise my gratitude to town councillor, Joaquina Matos for all her time and assistance.

I am also grateful to Rui Parreira, who agreed to collaborate with us in this exhibition, and whose scientific and technical curatorial training and knowledge was indispensable in the design and planning, and also in the presentation of the exhibition.

I wish to thank the Museu Nacional de Arqueologia, the Museu Municipal da Figueira da Foz Dr. António dos Santos Rocha, the Museu Municipal de Lagos Dr. José Formosinho and the Instituto Português de Arqueologia /IPA, for the loan of pieces and for the facilities in accessing materials. I also would like to acknowledge the help of Cristina Ramos, Rui Almeida, Teresa Laço, Elena Morán, Iola Filipe and Luís Duque, and the Palimpsesto Company, who made material and data available.



Estatueta de bronze do deus Mercúrio. Museu Nacional de Arqueologia  
Bronze statuette of the god Mercury. Museu Nacional de Arqueologia  
(Foto: José Pessoa/Divisão de Documentação Fotográfica - Instituto Português de Museus)



## 1. Introdução

A área da baía de Lagos foi intensamente ocupada durante a época romana. Dessa ocupação e da sua intensidade falam os abundantes vestígios arqueológicos que, desde o século XIX, têm vindo a ser descobertos na região.

Os trabalhos de Estácio da Veiga, primeiro, e de Santos Rocha, depois, permitiram identificar, aqui, um conjunto de sítios de funcionalidade e tipologia diversas e ainda recolher um considerável acervo de materiais. A estes juntaram-se outros sítios e outros espólios, recuperados na segunda metade do século XX e ainda no início do novo milénio, o que produziu uma já muito razoável quantidade de informação. Por razões várias, a grande maioria destes dados permaneceu, até hoje, inédita, não tendo sido, por isso mesmo, tida em consideração nas escassas, e muitas vezes laterais, análises elaboradas sobre a ocupação romana do Algarve Ocidental em geral, e sobre o Concelho de Lagos, em particular. A oportunidade de juntar, pela primeira vez, e num único espaço, muitos espólios que se encontram dispersos por várias instituições (Museu Nacional de Arqueologia, Museu Municipal da Figueira da Foz, Museu Municipal de Lagos, Reserva do IPA Silves, UNIARQ) tornou possível a elaboração de uma leitura conjunta, e diacronicamente problematizada, sobre as características da ocupação romana num espaço específico: a baía de Lagos e a Ribeira de Bensafirim. A síntese que agora se ensaia é, naturalmente, provisória, como, aliás, quase todas as sínteses o são. Com efeito, as intervenções arqueológicas ditadas por situações de emergência, quer no próprio centro histórico da sede do Concelho, quer no seu território, vão certamente prosseguir, trazendo novos dados que poderão acrescentar, ou mesmo, em certos aspectos, alterar, as leituras aqui agora propostas. Por outro lado, o projecto que a Faculdade de Letras de Lisboa e a UNIARQ, com o apoio da Câmara Municipal de Lagos, têm em curso em Monte Molião contribuirá, seguramente, para esclarecer muitos aspectos que permanecem envoltos em alguma obscuridade, concretamente os que dizem respeito ao papel que o sítio poderá ter tido, enquanto organizador do território e como lugar central, durante boa parte da ocupação romana.

Nesta breve introdução, não posso deixar também de referir que o binómio Lacóbriga/Lagos foi, de algum modo, um pesado lastro na investigação e no conhecimento sobre o passado romano desta região. Com efeito, Lagos, bem como Monte Molião e mesmo Fonte Velha, foram quase sempre citados a propósito da localização do topónimo referido nas fontes clássicas, tendo assim sido relegados para planos injustamente inferiores todos os outros aspectos relevantes da sua ocupação da primeira metade do I milénio da nossa Era. Com efeito, as conjecturas sobre a adscrição à actual cidade ou ao Monte Molião do núcleo urbano onde se localizaram as origens longínquas da sede do Concelho dominaram o debate desde sempre, e o desinvestimento no estudo das colecções recuperadas há 100 anos não ajudou a centrá-lo em outros domínios.

Com esta exposição, e com o projecto de Monte Molião (que prevê não só novas escavações no sítio, e edição da respectiva monografia, mas também a publicação integral dos materiais recuperados por Estácio da Veiga e Santos Rocha, no final do século XIX e início do XX, respectivamente) pretende-se

## 1. Introduction

The Lagos bay area was intensively occupied during the Roman times. Plenty of archaeological remains, which have been discovered in this area since the 19<sup>th</sup> century, tell us about that occupation and its importance.

The fieldwork of Estácio da Veiga, and, after him, of Santos Rocha, made it possible, not only to identify a set of sites of differing function and typology, but also to assemble a considerable amount of material. To these, other sites and other collections were added, having been identified in the second half of the 20<sup>th</sup> century and also in the beginning of the new millennium, thus producing a considerable amount of data. For several reasons, the great majority of this data remained, until now, unpublished, thus not having been considered in the scarce analyses of the wider context of the Roman occupation of the Western Algarve as a whole, and of the Lagos county in particular. The opportunity to bring together, for the first time, and within the same room, many materials which are normally dispersed amongst several collections (Museu Nacional de Arqueologia, Museu Municipal da Figueira da Foz, Museu Municipal de Lagos, IPA in Silves, Uniarq in Lisbon) has made possible a comprehensive and diachronically critical presentation about the characteristics of the Roman settlement within a specific area: the Lagos bay and the Bensafirim valley.

The information included in this article is, of course, provisional. Due to the fact that archaeological work, dictated by rescue situations, in the Lagos historical centre itself, or in the county area, will certainly continue to be carried out, bringing new data which may increase, or even change in some details, the present understanding of the evidence. As a result, the Project that the Lisbon *Faculdade de Letras* and the UNIARQ, with the support of the Lagos Municipality, are carrying out in Monte Molião, will certainly help to confirm some aspects which are still unclear, specifically those about the role the site had, as a central place, in the organisation of the territory during a substantial period of the Roman occupation.

By way of this brief introduction, one cannot ignore the binomial *Laccobriga/Lagos*, which has, in a certain way, too much weight in the research and in the knowledge of the Roman past of this area. In fact, Lagos, like Monte Molião and even Fonte Velha, has always been quoted when trying to locate the place name mentioned by the classical writers, unfairly relegating to the shadow all other important aspects of the region's settlement during the first half of the 1st millennium A.D.<sup>1</sup> In fact, the guesstimate of attributing to the actual city or to the Monte Molião the location of the urban centre, which in the Antiquity originated Lagos, has always dominated the debate, and the non-investment in the study of the material collected one hundred years ago did not help to concentrate it in other fields.

With this exhibition, and with Monte Molião's Project (which includes not only new archaeological excavations on the site and the editing of the correspondent monographic study, and also the comprehensive publication of the materials collected by Estácio da Veiga and Santos Rocha by the end of the 19<sup>th</sup> and beginning 20<sup>th</sup> century, respectively) we wish to build up knowledge on the Roman period at Lagos

<sup>1</sup> We have used the conventional, European Christian dating of B.C. (Before Christ) and A.D. (Anno Domini, i.e., in the year of the Lord) not for religious reasons, but simply because that is what most readers are familiar with [translator's note].

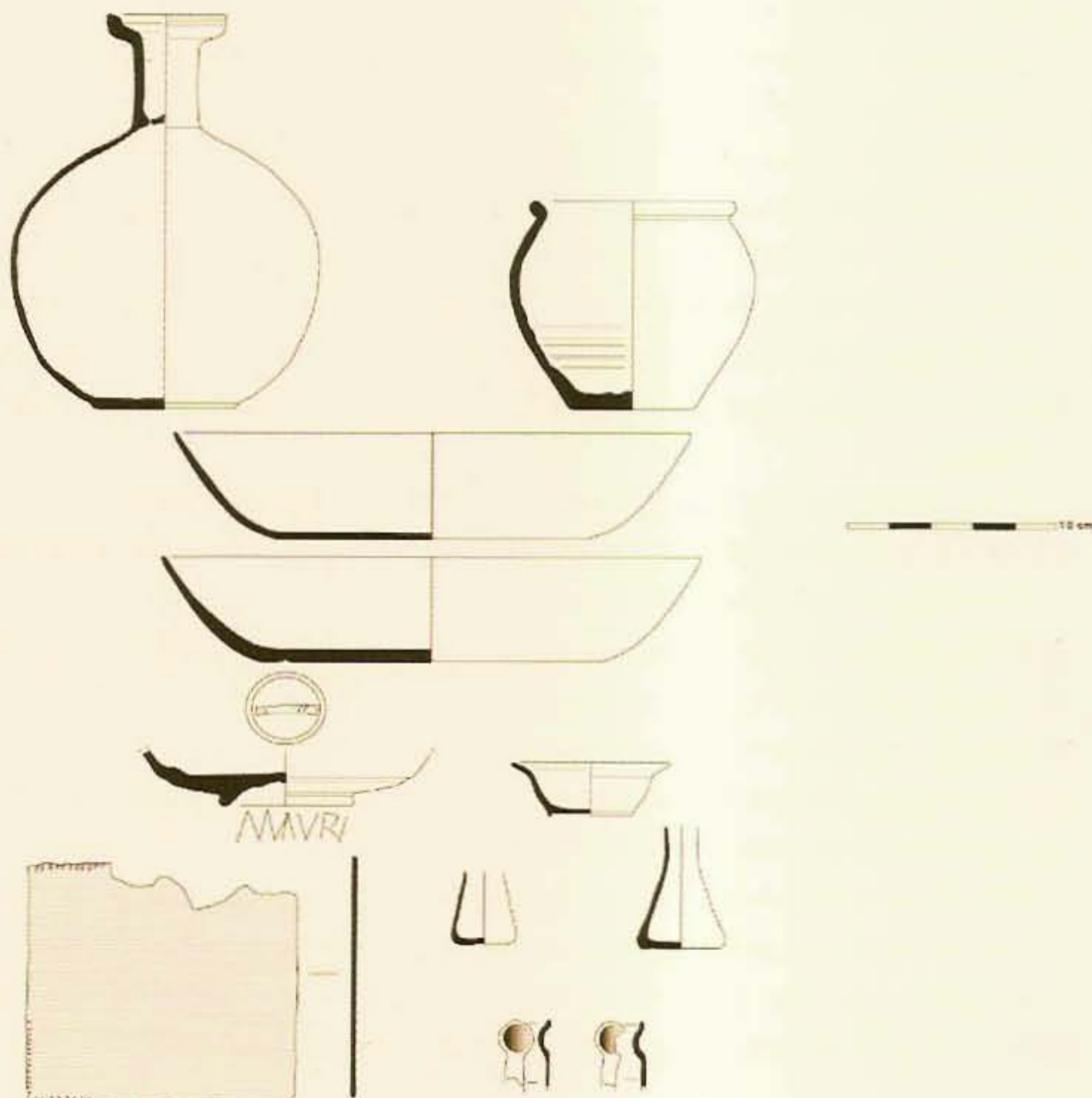
construir conhecimento sobre a época romana na baía de Lagos. Naturalmente, que a questão de Lacóbriga e da sua localização é merecedora de discussão, mas pareceu importante que não fosse ela a nortear o percurso e as trajectórias da pesquisa actual.

Este é o primeiro passo de uma caminhada que esperamos levar a bom termo e em prazos razoáveis, mesmo que saibamos que as estradas que teremos que percorrer são por vezes pedregosas e poeirentas. Mas «... *al andar se hace camino*...».

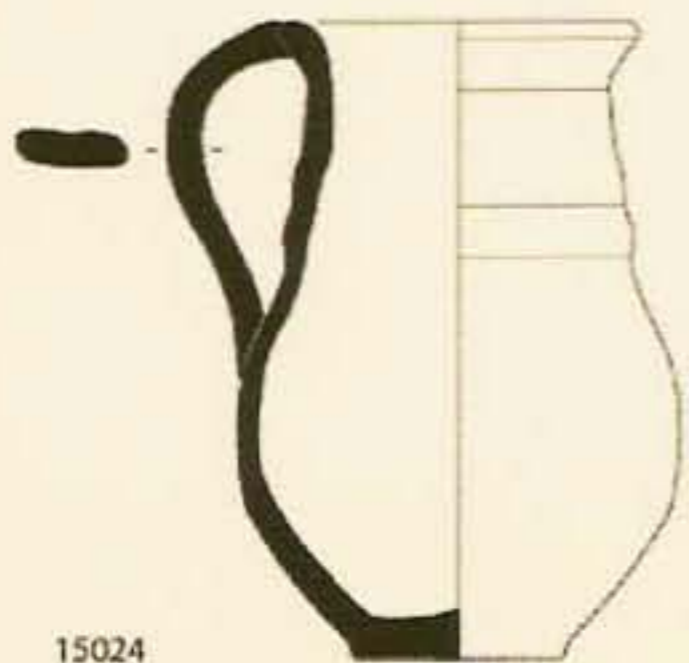
bay. Of course, the quest for *Laccobriga* and its location deserves discussion, but it seemed for us important that this should no longer guide the way of the actual research.

This is the first step of a long walk we wish to bring to a good end and within a reasonable time, although we know that the roads we have to walk are sometimes stony and dusty. But «... *al andar se hace*

<sup>2</sup> Antonio Machado, *Campos de Castilla*, Proverbios y Cantares: XXIX [translator's note].



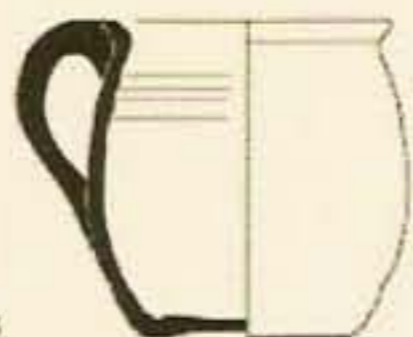
10 cm



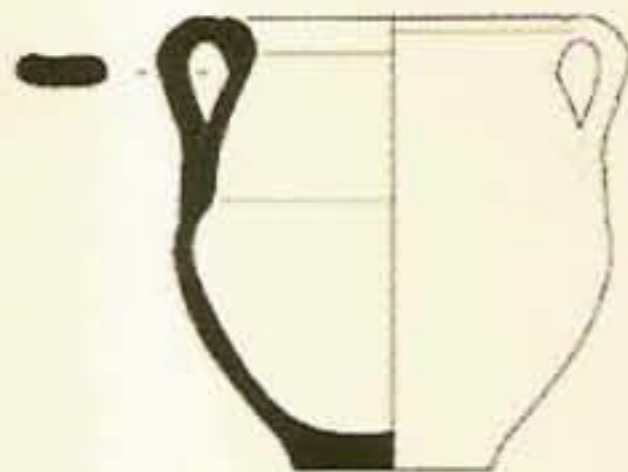
15024



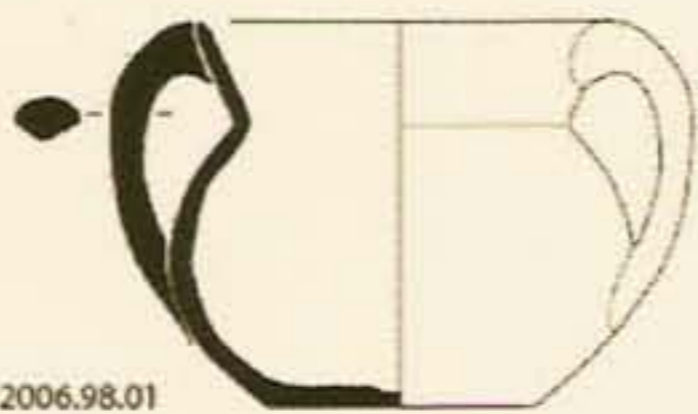
15531



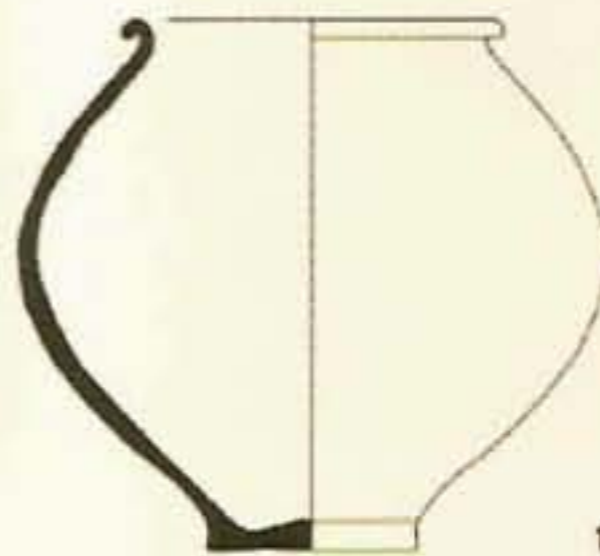
2006.97.88



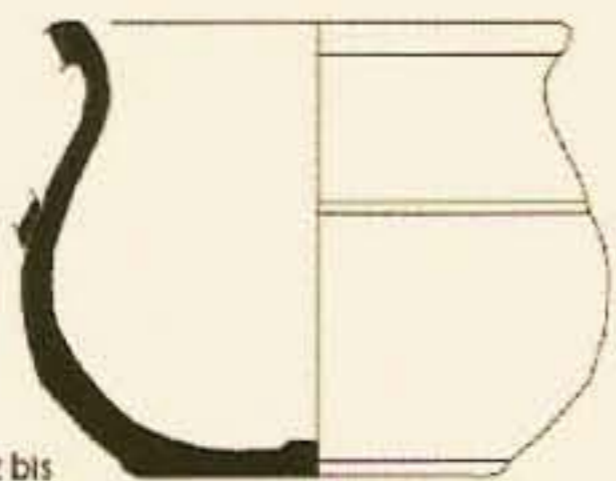
15025



2006.98.01



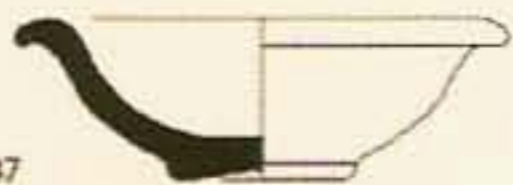
15018



15552 bis



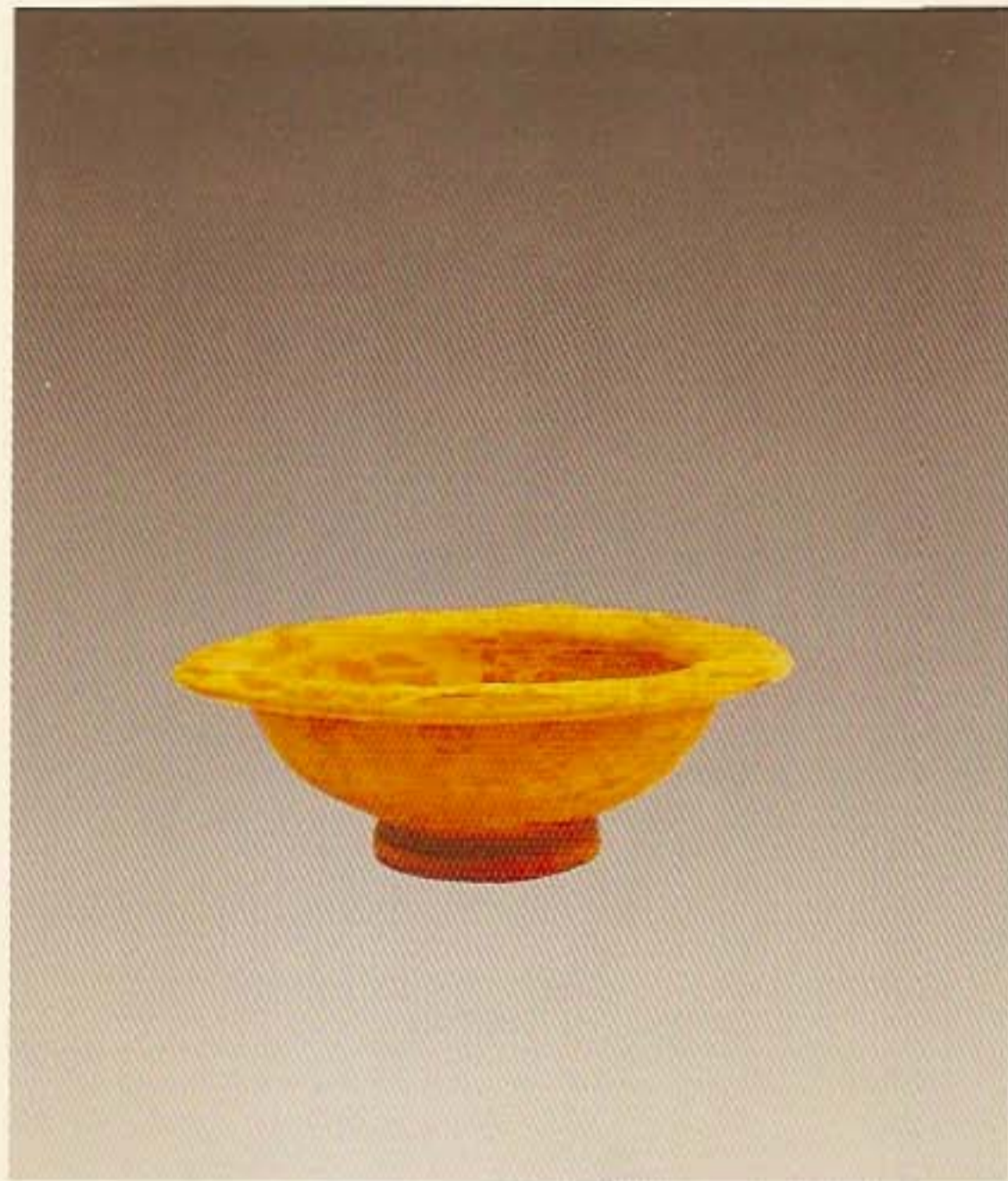
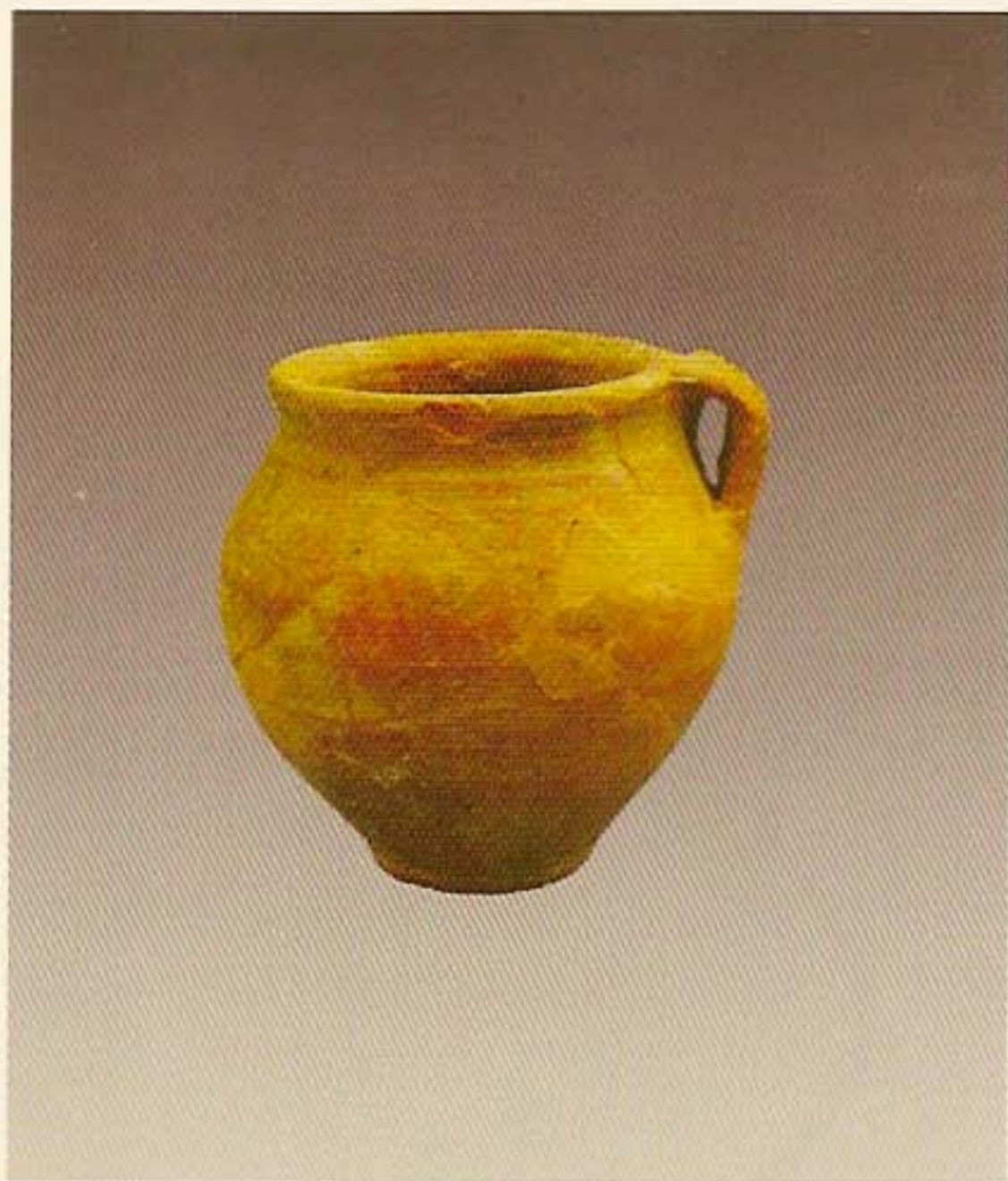
2006.97.122

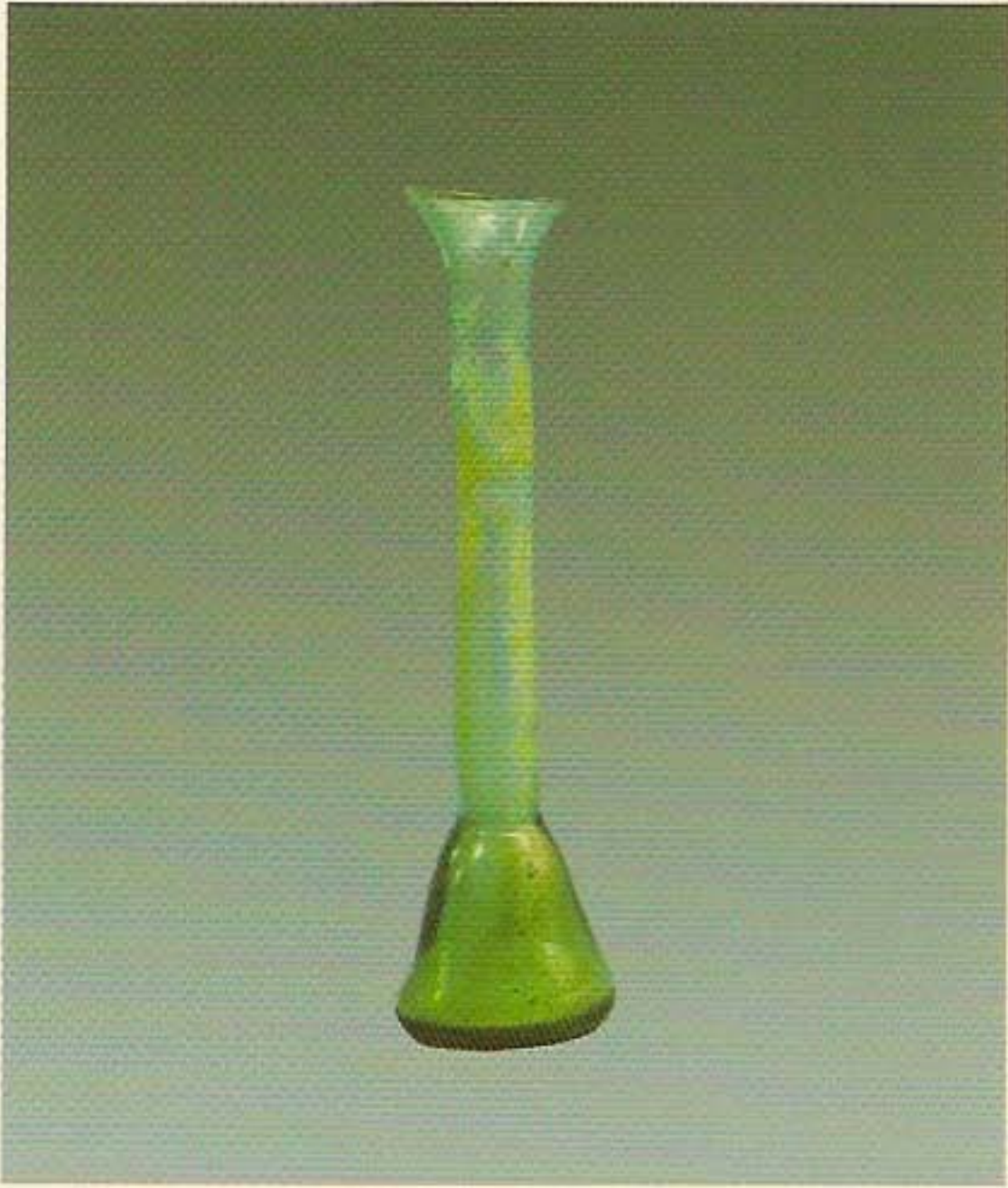


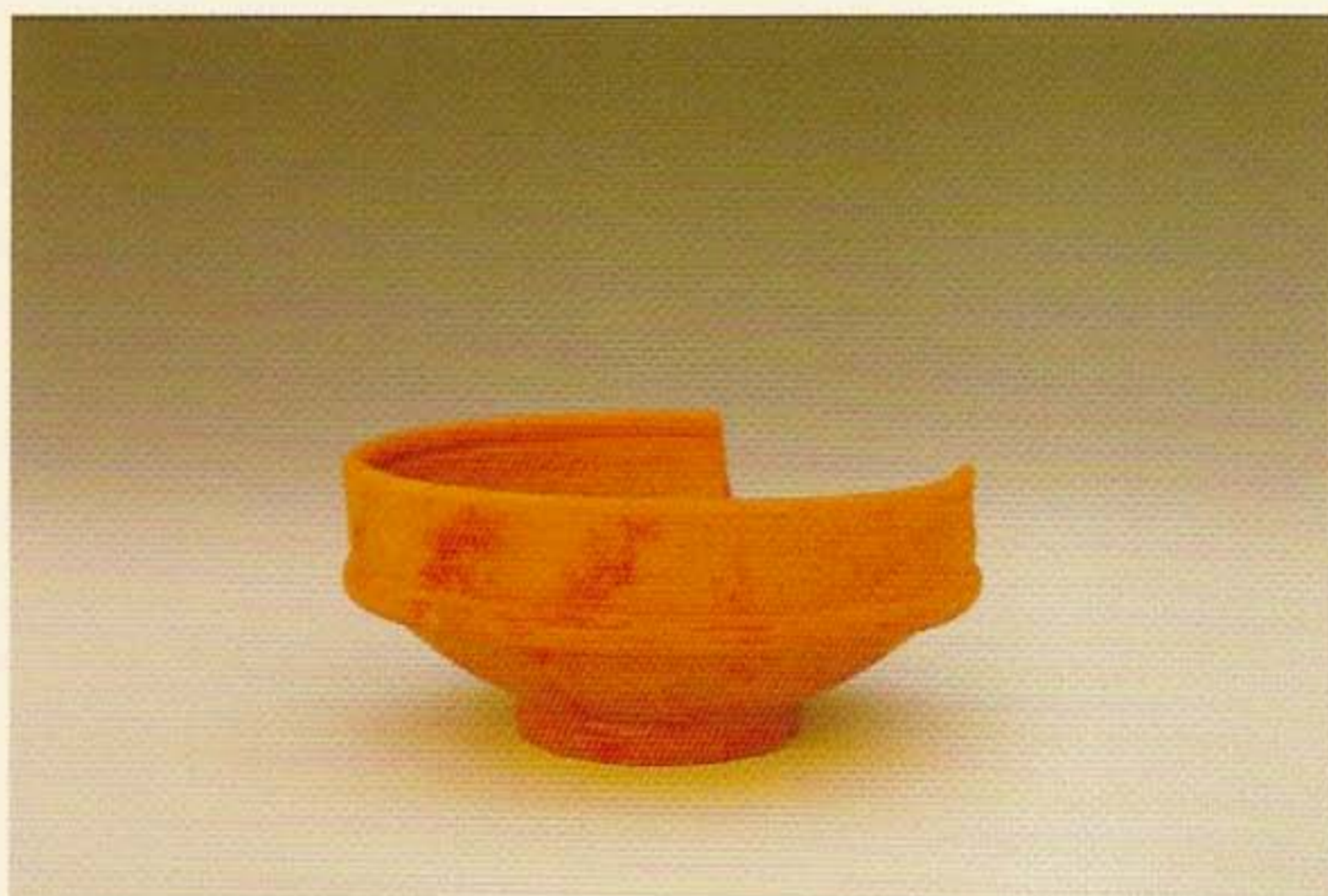
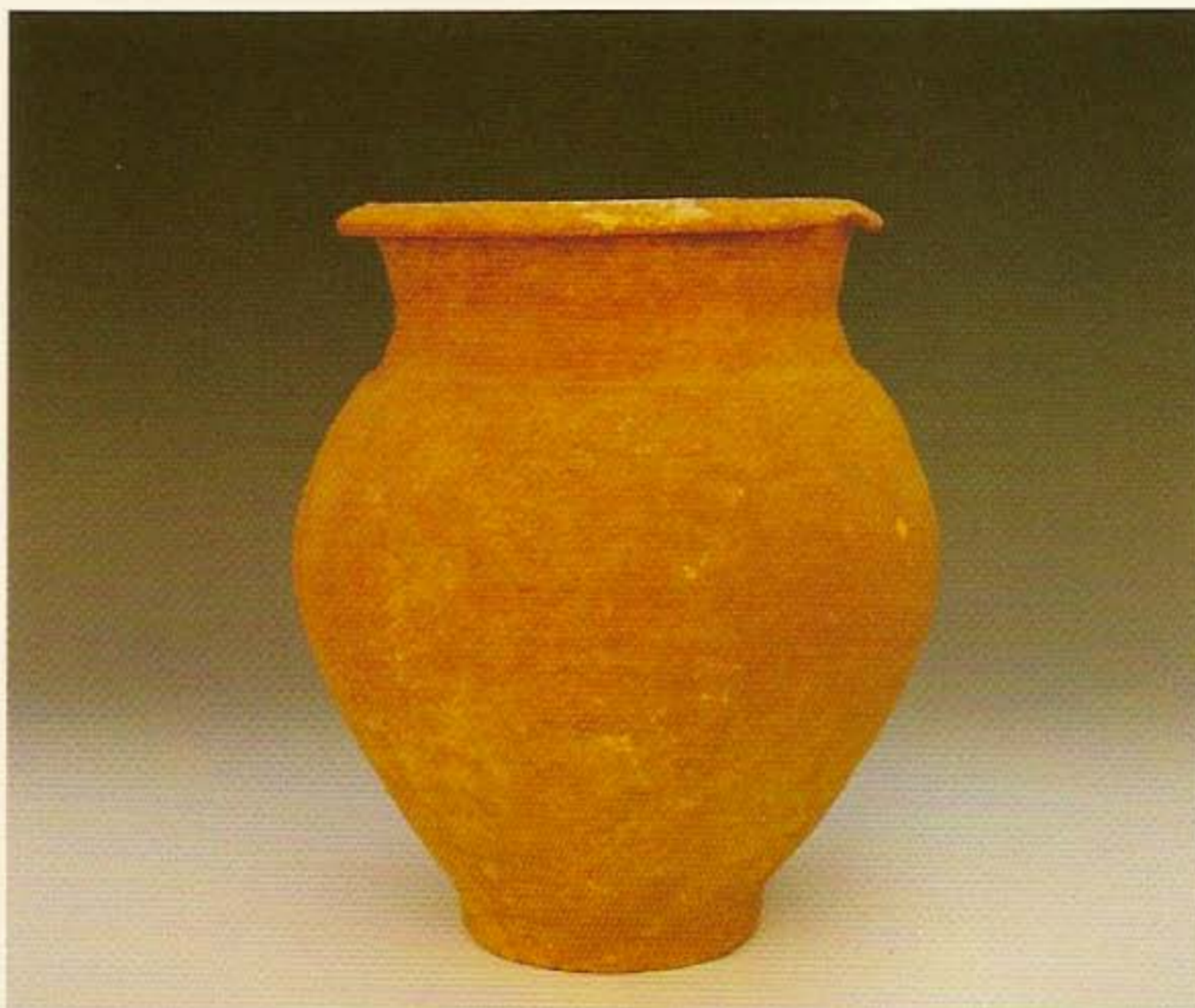
2006.97.87



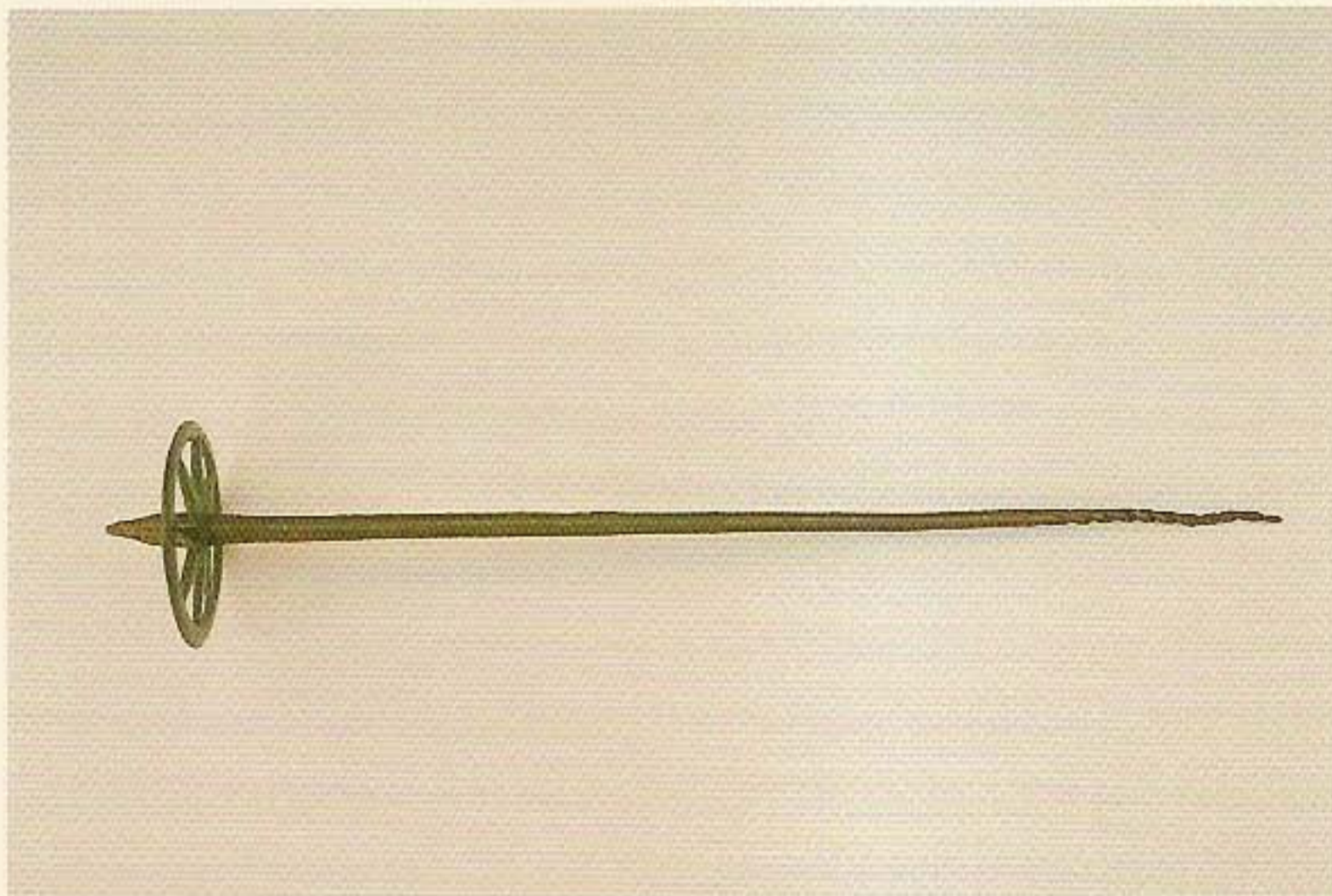
2006.97.123







16 Cerâmicas das necrópoles de Monte Molião. Museu Municipal de Lagos  
Pottery finds from the cemeteries of Monte Molião. Museu Municipal de Lagos





## 2. Lacóbriga / Lagos

A identificação de Lagos com Lacóbriga foi quase sempre admitida, sem grandes reservas. Os textos clássicos e o topónimo actual conjugaram-se para que a tradição, iniciada no século XVI por André de Resende e Frei João de São José, ganhasse corpo e se desenvolvesse.

A descoberta, nos finais do século XIX, de Monte Molião e das suas necrópoles, e o vasto e rico espólio encontrado, associados à escassez de vestígios arqueológicos até então identificados na área urbana da cidade, justificaram que Estácio da Veiga propusesse, ainda que com algumas reservas, a localização, neste lugar, da Lacóbriga de Pompónio Mela, no que viria a ser seguido por muitos autores posteriores. Contrariava-se, assim, de algum modo, os renascentistas, mas também Frei Vicente Salgado que, no século XVIII, colocava também Lacóbriga na área de Lagos, mas no chamado Paúl.

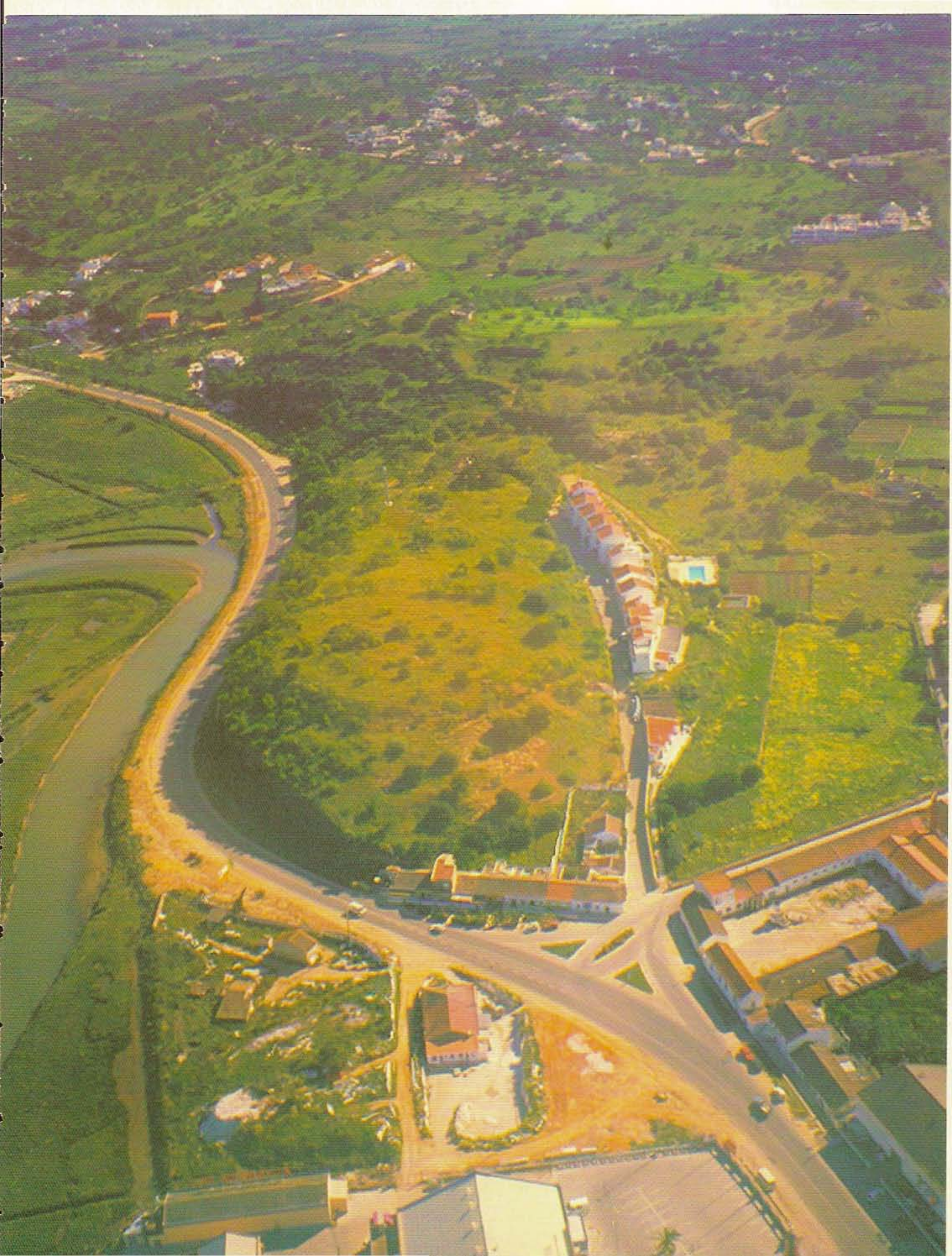
De qualquer modo, devemos reconhecer que a localização de Lacóbriga em Lagos, ou em qualquer outro sítio localizado nas suas imediações, tem efectivamente fundamentos suficientemente válidos para ser defendida, parecendo hoje que Monte Molião é, como veremos, um forte candidato a essa identificação.

No texto de *chorographia*, ou *De Situ Orbis*, escrito por Pompónio Mela no primeiro século da nossa Era, diz-se expressamente que «...no [Promontório] Sagrado [localizam-se] *Laccobriga* e *Portus Hannibalis*...» (III, 1, 7). É certo que as coordenadas que Ptolemeu indica para este núcleo urbano permitem a sua localização a Sul de *Olisipo* e a Norte de *Miróbriga* (Ptolemeu, II, 5, 5) e será também problemático fazer descer até ao Algarve os Célticos, entidade étnica que o topónimo terminado em *-briga* parece indicar. Mas parece indiscutível que o texto de Mela (III, 7) não permite sustentar a localização de *Laccobriga* na fachada ocidental portuguesa, como já foi defendido por alguns autores, uma vez que assim teríamos de situar, também nesta região, *Portus Hannibalis*, e que ambos estão adstritos ao Promontório *Sacrum* pelo autor da «*De chorographia*». Refira-se ainda que as coordenadas dadas por Ptolemeu (II, 5, 2) para o mesmo Promontório permitem situá-lo no Algarve e ainda que tanto o texto de Estrabão (III, 1, 4), como o de Plínio (II, 2, 42) sustentam a sua identificação com o Cabo de S. Vicente.

Por outro lado, as reservas apontadas para a localização de Lacóbriga na área de Lagos prenderam-se muitas vezes com a ausência de dados arqueológicos que a sustentassem: os achados de época romana eram escassos na cidade e sobre Monte Molião sabia-se muito pouco.

Os trabalhos recentes no último sítio vieram modificar o panorama conhecido, tendo ficado evidenciada não só uma ocupação pré-romana muito significativa (de características eminentemente mediterrâneas e não célticas), como também é considerável a que diz respeito à época romana republicana. Deve, contudo destacar-se que as escavações de 2006 puseram a descoberto, ainda que parcialmente, uma estrutura de grandes dimensões, datada de época romana alto imperial, que corresponde, quase seguramente, a um edifício público, cuja funcionalidade e a planta definitiva se espera clarificar no decorrer dos trabalhos de campo de 2007.

Ainda que sejam legítimas as objecções etimológicas para a evolução *Laccobriga*/Lagos, já foi admitido anteriormente que apenas o elemento *Lacco* do topónimo (que é formado por dois elementos independentes *Lacco* e *-briga*) teria dado origem a Lagos e seria o nome pré-romano do *oppidum*. O sufixo (*-briga*)



teria sido acrescentado em época romana e não teria, assim, que relacionar-se com qualquer entidade etno-linguística referente ao mundo céltico.

Atendendo ao que é possível ler nos textos clássicos, quer quanto a *Laccobriga* propriamente dita, quer no que se refere ao próprio *Promontorium Sacrum*, à análise do topónimo, bem como aos dados que nos últimos anos a arqueologia tem proporcionado, não só no Monte Molião, mas também na cidade de Lagos, parece hoje possível defender, com alguma segurança, que nesta área se localizou um núcleo urbano que, na época romana, era conhecido por *Laccobriga*. Parece provável que esse sítio (na Idade do Ferro talvez apenas designado por *Lacco*) se situava em Monte Molião, uma vez que os vestígios de uma ocupação pré-romana são evidentes, sendo também claro que, durante a época romana, houve no local edifícios de carácter público de grande dimensão.

Terá sido, portanto, este o cenário do episódio descrito por Plutarco em «*Sertorius*», quando descreve o cerco de Lacóbriga pelos exércitos romanos chefiados por Metelo e o subsequente apoio de Sertório aos habitantes locais que, segundo os cálculos dos generais romanos, sem água certamente sucumbiriam em dois dias. Sertório terá impedido a conquista do sítio indígena, fornecendo homens e água, e saiu vencedor no confronto com os exércitos romanos.

Como já foi dito anteriormente, há evidências arqueológicas que provam que o Monte Molião estava já ocupado na época em que os acontecimentos descritos no parágrafo anterior tiveram lugar. Ficou também documentado que o sítio correspondeu a um povoado indígena a partir do século IV a.C..



## 2. Laccobriga/Lagos

The identification of Lagos with *Laccobriga* has almost always been accepted without question. The classical texts and the modern place name were linked together, to strengthen and develop the tradition, which André de Resende and Frei João de São José began in the 16<sup>th</sup> century.

By the end of the 19<sup>th</sup> century, the discovery of Monte Molião with its cemeteries together with the large amount of rich material found there, as well as the scarcity of archaeological remains identified at that time within the urban area of the town of Lagos, led Estácio da Veiga to suggest that the location of Pomponius Mela's *Laccobriga*, was some distance away from the modern town of Lagos. By suggesting this, he would be followed by many later writers. In some ways, the Renaissance authors were therefore contradicted, however in the 18<sup>th</sup> century Frei Vicente Salgado, also suggested the location of *Laccobriga* in the area of Lagos known as Paúl.

We can now dispute the theory that the location of *Laccobriga* is within the town of Lagos, or in any other site situated in its immediate area, and it seems that nowadays Monte Molião is, as we shall see, a strong candidate to be identified as the location of *Laccobriga*.

The text «*De chorographia*», or «*De situ orbis*», written by Pomponius Mela in the 1st century A.D., expressly says that «...in the Sacred [promontory are located] *Laccobriga* and *Portus Hannibalis*...» (III, 1, 7). It is certain, that the coordinates given by Ptolemy, in the 2<sup>nd</sup> century A.D., for this urban centre agree with its location being south of *Olisipo* and north of *Mirobriga* (Ptolemy, II, 5, 5), and that it is also problematic to locate as «south» as in the Algarve, the Celts, an ethnic entity which the word ending *-briga* is associated with. But it seems uncontroversial that Pomponius Mela's text (III, 7) does not support the location of *Laccobriga* in the western coast of today's Portugal, as argued by some authors, for then we would also have to locate *Portus Hannibalis* there, both sites being situated on the *Sacrum* promontory according to the author of «*De chorographia*». One should also stress that the coordinates given by Ptolemy (II, 5, 2) for this promontory enable us to locate it in the Algarve, and also that Strabo's text (III, 1, 4), as well as Pliny's (II, 2, 42) support its identification with Cape St. Vincent.

Also, the other theories against the location of *Laccobriga* in the Lagos area are due to the absence of archaeological data to support it: the Roman finds were scarce in the town, and at that time little was known about Monte Molião.

Recent work on this site has modified this view, bringing together evidence of a significant pre-Roman settlement (the character of which is eminently Mediterranean and non-Celtic), together with a considerable amount of data on the Roman republican occupation. However, one should stress that the 2006 excavation season brought to light, although partially, a wide building, dating back to the Roman imperial age. Certainly it corresponds to a public building whose function and final plan we expect to confirm during the 2007 excavation season.

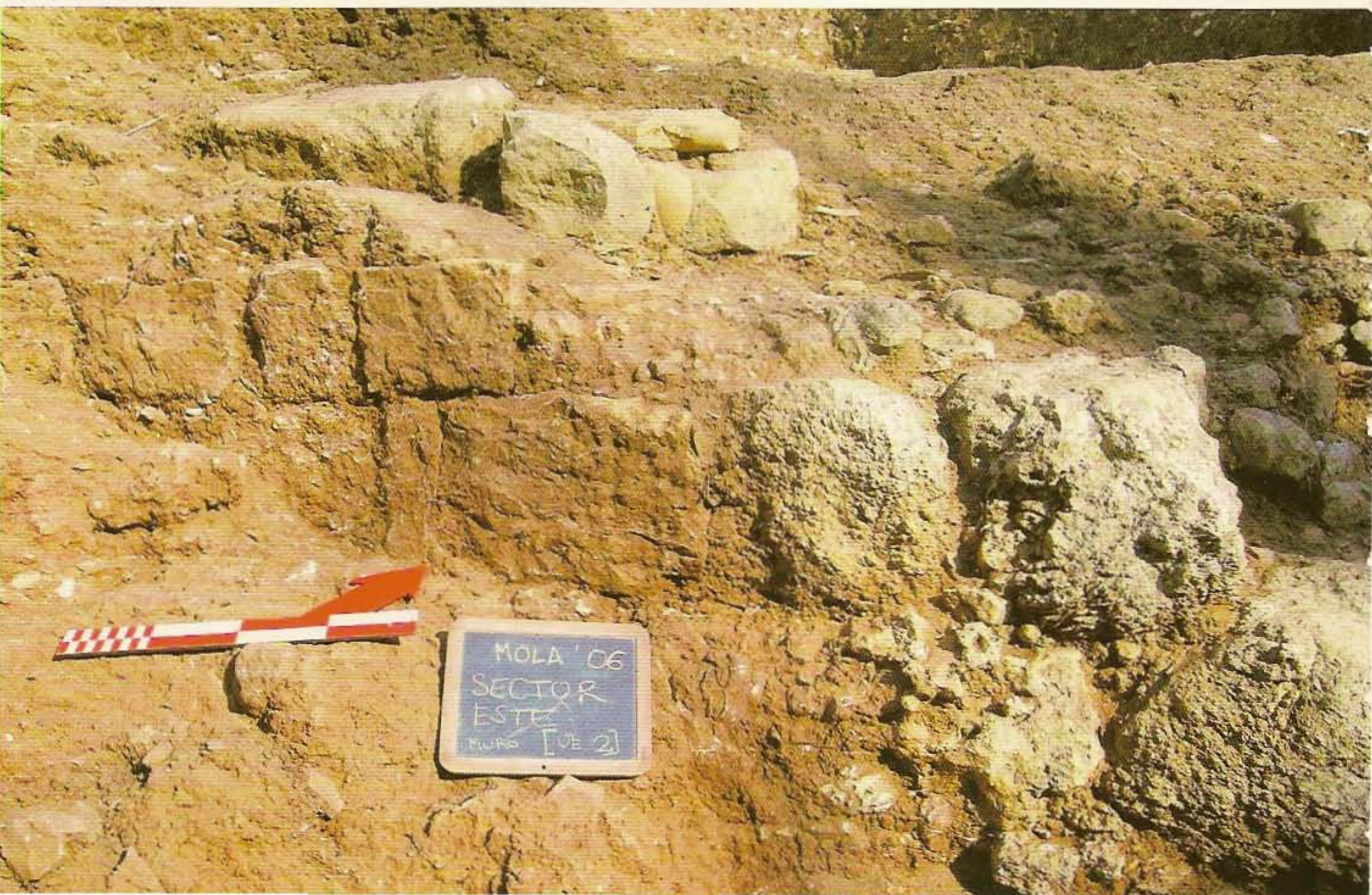
Although the theories against the etymological evolution *Laccobriga/Lagos* are legitimate, it had been previously believed that only the element *Lacco* (in a place name formed by two independent elements, *Lacco* and *-briga*) would have given birth to the place name Lagos, being thus the pre-Roman name of the

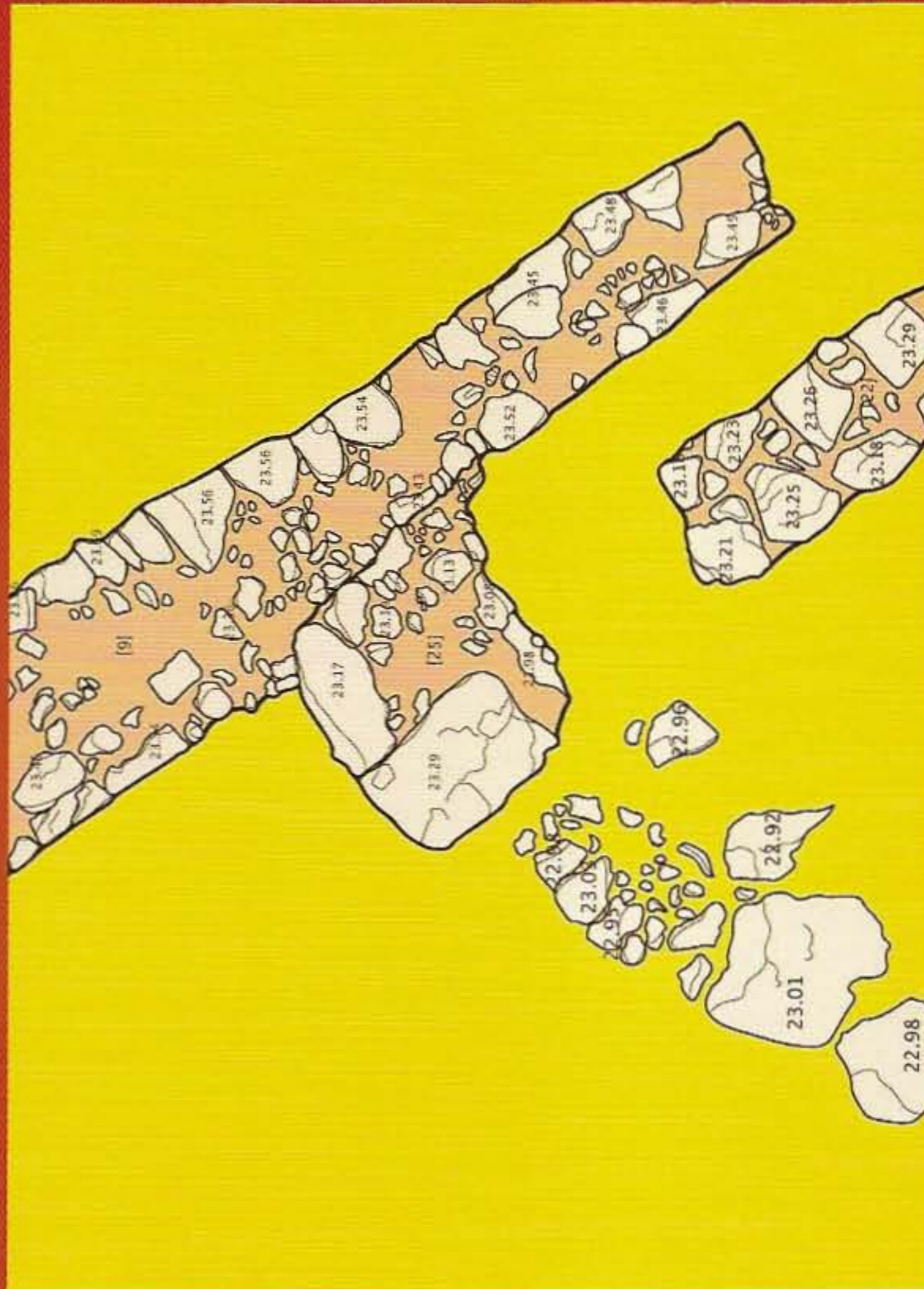
*oppidum*. So, the ending *-briga* would have been added in Roman times, and should no longer be connected with any ethnic-linguistic entity related to the Celtic world.

According to what we can read in the classical texts, about *Laccobriga* itself as well as about the *Promontorium Sacrum*, and also when considering the place name analysis and recent archaeological data, not only from Monte Molião but also from the town of Lagos, it seems nowadays possible to sustain, with some security, that an urban centre once existed in this area, which was known in Roman times as *Laccobriga*. It seems possible that this site (simply called *Lacco* in the Iron Age) was located on the Monte Molião, since the remains of a pre-Roman settlement are obvious, and because it is also clear that, in Roman times, public buildings of a considerable size existed there.

This was probably the scenario of the incident described in Plutarch's «*Sertorius*», when describing the siege of *Laccobriga* by the Roman troops led by Metellus and the subsequent support of Sertorius to the local inhabitants who, having no water, and according to the belief of the Roman generals, would hold out for no longer than two days. Sertorius impeached the conquest of this indigenous site, supplying it with men and water, and won the fight against the Romans.

As we said before, there is enough archaeological evidence proving that the Monte Molião was already occupied by the time of the incidents described above. It was also recorded that the site corresponds to an indigenous settlement starting from the 4<sup>th</sup> century B.C.





Planta de estrutura romana (século I d.C.) em Monte Molião  
Detail plan of Roman building of the 1<sup>st</sup> century A.D. excavated at Monte Molião

◀ Parede romana, no corte Este de Monte Molião  
Roman wall at the East cut at Monte Molião

### 3. A ocupação romana da Baía de Lagos

Como atrás se explicou, o início da ocupação romana da baía de Lagos parece ser indissociável dos acontecimentos militares decorrentes da conquista romana do extremo Ocidente peninsular. Terá sido assim a partir da primeira metade do século I a.C. que o contacto com o mundo itálico se intensificou.

Contudo, há dados que permitem afirmar que já a partir da segunda metade do século II a.C. os habitantes de Monte Molião consumiam produtos alimentares e manufacturados produzidos na bacia do Mediterrâneo, nomeadamente na Península Itálica, mas também no Norte de África e na baía de Cádiz. Estes consumos do século II a.C. estão materializados quer por numismas, quer por numerosos fragmentos cerâmicos que foram recuperados nos trabalhos de campo, e que permitem saber que se consumia vinho itálico, preparados de peixe gaditanos e azeite norte africano. Os recipientes utilizados nesses consumos eram também maioritariamente produzidos em Itália, como ficou comprovado pelas cerâmicas campanienses e de paredes finas recolhidas, cerâmicas de mesa destinadas a comer e a beber, respectivamente.

Monte Molião era assim, no século II a.C., um sítio integrado nas correntes comerciais então activas no Mediterrâneo, situação que decorre da já existente em momento anterior. Como já atrás se disse, os dados que se recuperaram nas escavações de 2006 indicam que, a partir do século IV a.C., o sítio fazia parte de um universo comercial, e talvez mesmo político, que se desenhou na área meridional do Ocidente peninsular, universo esse completamente entrosado no mundo mediterrâneo.

Os espólios republicanos do século II a.C. em Monte Molião devem portanto entender-se numa lógica comercial, a que poderá não ser alheia a presença de exércitos e colonos romanos na Península Ibérica, a partir dos finais do século III.

Estas importações do século II a.C. prosseguem durante todo o século seguinte, ainda que, se se der como adquirido o facto de ter sido este o local que os exércitos romanos cercaram em 79 a.C., e que se defendeu com a ajuda dos 6000 homens de Sertório, pode admitir-se que alguns desses materiais tenham aqui chegado numa lógica de abastecimento militar.

De qualquer forma, o que importa reter é o facto de Monte Molião ter sido efectivamente um sítio importante durante este período, como o atestam as numerosas importações e as construções que puderam ser postas a descoberto durante os trabalhos de campo.

À semelhança de Vila Velha de Alvor (*Ipses*) e do Cerro da Rocha Branca, em Silves (*Cilpes*), teve papel preponderante na penetração dos padrões culturais e mentais da romanidade, ainda que aparentemente tenha resistido aos exércitos romanos e sido auxiliada pelas tropas lusitanas, mesmo que estas fossem então comandadas por generais itálicos. As relações que os três *oppida*, e ainda *Portus Hannibalis*, mantiveram entre si são ainda difíceis de avaliar, nesta fase da investigação. Desconhece-se se concertaram estratégias comerciais ou militares, ou a existência de relações de cooperação ou de dependência.

O que é sabido é que nenhum adquiriu, em época alto imperial, estatuto municipal, como sucedeu, no Algarve Oriental, a *Balsa* e a *Ossonoba*. Se esta situação decorreu da atitude de Lacóbriga durante a

### 3. The Roman settlement around the Lagos bay

As explained before, the beginning of the Roman occupation around the Lagos bay cannot be separated from the military events consequential to the Roman conquest of the extreme western Iberia. Thus, the contacts with the Roman world would have been more intense from the 1st century B.C.

Even so, there is enough data to confirm that already from the second half of the 2<sup>nd</sup> century B.C. the inhabitants of Monte Molião were consuming supplies and manufactured products from the Mediterranean basin, namely from Italy, but also from North Africa and from Cadiz bay. This has been confirmed not only by the coins but also by several pottery sherds recorded during archaeological fieldwork. These allow us to know that Italian wine, fish derivatives from *Gadir* and North African olive oil were consumed here. The pottery vessels used were mostly produced in Italy, as shown by the recorded campana and thin-walled vessels, tableware respectively used for eating and drinking.

Thus, the Monte Molião settlement was, in the 2<sup>nd</sup> century B.C., a site integrated within the trade routes active in the Mediterranean, a system that had been ongoing since earlier times. As seen before, data from the 2006 fieldseason show that, since the 4<sup>th</sup> century B.C., the site was part of the trading, and maybe political network of South-Western Iberia, and thus completely incorporated within the Mediterranean world.

The Roman republican materials of the 2<sup>nd</sup> century B.C. found at Monte Molião must then be understood within a trading framework, which may derive from the presence of the Roman troops and settlers in Iberia, from the end of the 3<sup>rd</sup> century B.C.

These imports of the 2<sup>nd</sup> century B.C. continue during the whole of the following century, although some of the objects could have reach the site as military supplies, if we assume that this place is the one put under siege by the Romans in 79 B.C. and defended with the help of the 6000 men sent by Sertorius.

However, what is important to keep in mind is the fact that Monte Molião was indeed a significant site during this period, as shown by a large number of imports and the buildings brought to light by the archaeological excavations

As in the case of the Vila Velha de Alvor (*Ipses*) and the Cerro da Rocha Branca, in Silves (*Cilpes*), the site played an outstanding role in the spread of Rome's cultural and idealistic patterns, although it apparently resisted the Roman armies and was helped by Lusitanian troops, even though Roman generals commanded them. The relations among these three *oppida*, and also *Portus Hannibalis*, are still difficult to evaluate, at this stage of the research. We do not know if they coordinated trade or military strategies, or if they had cooperation or dependent links.

What we do know is that in early Roman imperial times none of these sites acquired a municipal status, unlike *Balsa* and *Ossonoba* in the eastern Algarve. If this situation is a result of the attitude of *Laccobriga* during the sertorian war and, some years later, of a hypothetical support of the central Algarve area to the followers of Pompey in their fight against Julius Caesar, is a suggestion that should not be immediately discarded, even when the peripheral location could have also contributed to the minor



guerra sertoriana e, alguns anos mais tarde, de um hipotético apoio da região ocidental do Algarve aos pompeianos na sua luta contra Júlio César, é hipótese que não deve descartar-se de imediato, ainda que a localização periférica possa também ter contribuído para a menoridade do estatuto jurídico dos três sítios ocidentais. A verdade é que nem Lacóbriga, nem *Cilpes* ou *Ipses* foram Municípios, não tendo passado de simples *oppida*, apesar das duas últimas terem cunhado moeda, da primeira, juntamente com *Portus Hannibalis*, estar citada em Pompónio Mela (43-44 d.C.) e em Ptolemeu - século II d.C. (ainda que com coordenadas erradas) e de *Cilpes* e *Ipses* serem referidas e localizadas no manuscrito de Artemidoro (100 a.C.). Mas nem Estrabão (século I a.C.) nem Plínio (século I d.C.) citam nenhum destes sítios, que, no entanto, foram certamente núcleos urbanos com alguma importância, na época romana.

Com o fim das guerras lusitanas, o território actualmente português, em geral, e o Algarve em particular, integraram-se no mundo provincial romano e as evidências da romanização plena são muitas na região, e agora não só em Monte Molião.

Durante a primeira metade do século I d.C., os espaços rurais, ao longo da Ribeira de Bensafrim, enchem-se de construções romanas, mas também junto à costa começam a crescer edifícios, de tipo *uilla* e programa-se a ocupação da área da actual cidade de Lagos.



Anverso e reverso de denário de prata de Monte Molião (2º quartel do século II a.C.)  
Silver denarius (obverse and reverse) from Monte Molião (second quarter of the 2nd century B.C.)

juridical status of those three western places. The truth is that neither *Laccobriga*, nor *Cilpes* or *Ipses* had a municipal status, being only simple *oppida*, even when the last two sites minted coins, and when *Laccobriga*, along with *Portus Hannibalis*, is mentioned by Pomponius Mela (A.D. 43-44) and Ptolemy (2<sup>nd</sup> century A.D., despite having the wrong coordinates), and even when *Cilpes* and *Ipses* are referred to and located in the manuscript of Artemidorus (100 B.C.). But neither Strabo (1<sup>st</sup> century B.C.), nor Pliny (1<sup>st</sup> century A.D.) mention any of these sites, even though in Roman times they were certainly urban centres of some importance.

By the end of Lusitanian wars, the Portuguese territory of today, including the Algarve, was incorporated within the Roman provinces and there is a large amount of evidence for large scale Romanisation not only in the Monte Molião but also in the whole area around Lagos.

During the first half of the 1<sup>st</sup> century A.D., the rural areas along the Bensafirim river were covered with Roman buildings, and also near the coast, buildings of the *villa* type begin to rise, and the occupation of the present Lagos town area was planned.

Today, there is enough evidence to assume that Monte Molião has been the centre of this «internal colonisation» process. The urban plan of this site is greatly changed, with public buildings as well as with private constructions. This can be seen in the recorded plans, as well as in the metal or pottery finds made during the archaeological excavations. Some of the rooms of the original buildings were paved with mosaic floors, as inferred from the considerable amount of *tessellae* found in the 2006 field season. Data allow us to maintain that Monte Molião was the «central place» of the territory around Lagos bay, and that from this site the occupation of the surrounding land was controlled and organised.

The evidence of imported goods of the 1<sup>st</sup> century A.D. to Monte Molião is very abundant, and they continued to be so in large amounts until the end of the 2<sup>nd</sup> century A.D. They include tableware, first coming from Italy, later from South Gaul, and after this from Andalusia and North Africa. Food supplies shipped in amphorae, like olive oil and fish sauces, arrived mainly from Andalusia, i.e., from the province *Baetica*.

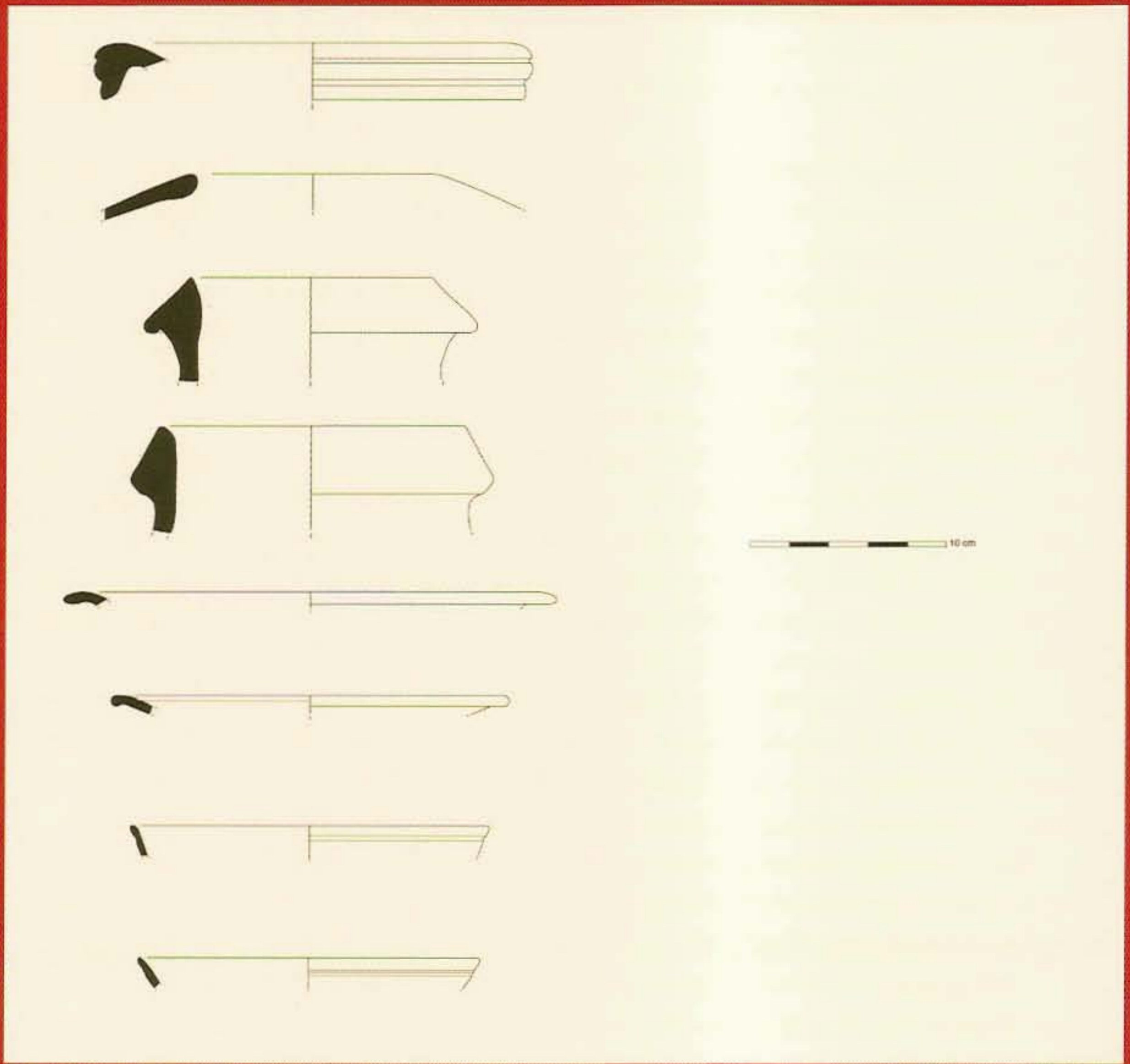
But, besides being an administrative centre, activities at Monte Molião including farming, weaving and spinning, and fishing were practised by some of its inhabitants. These activities are, once again, made evident by the collected material.

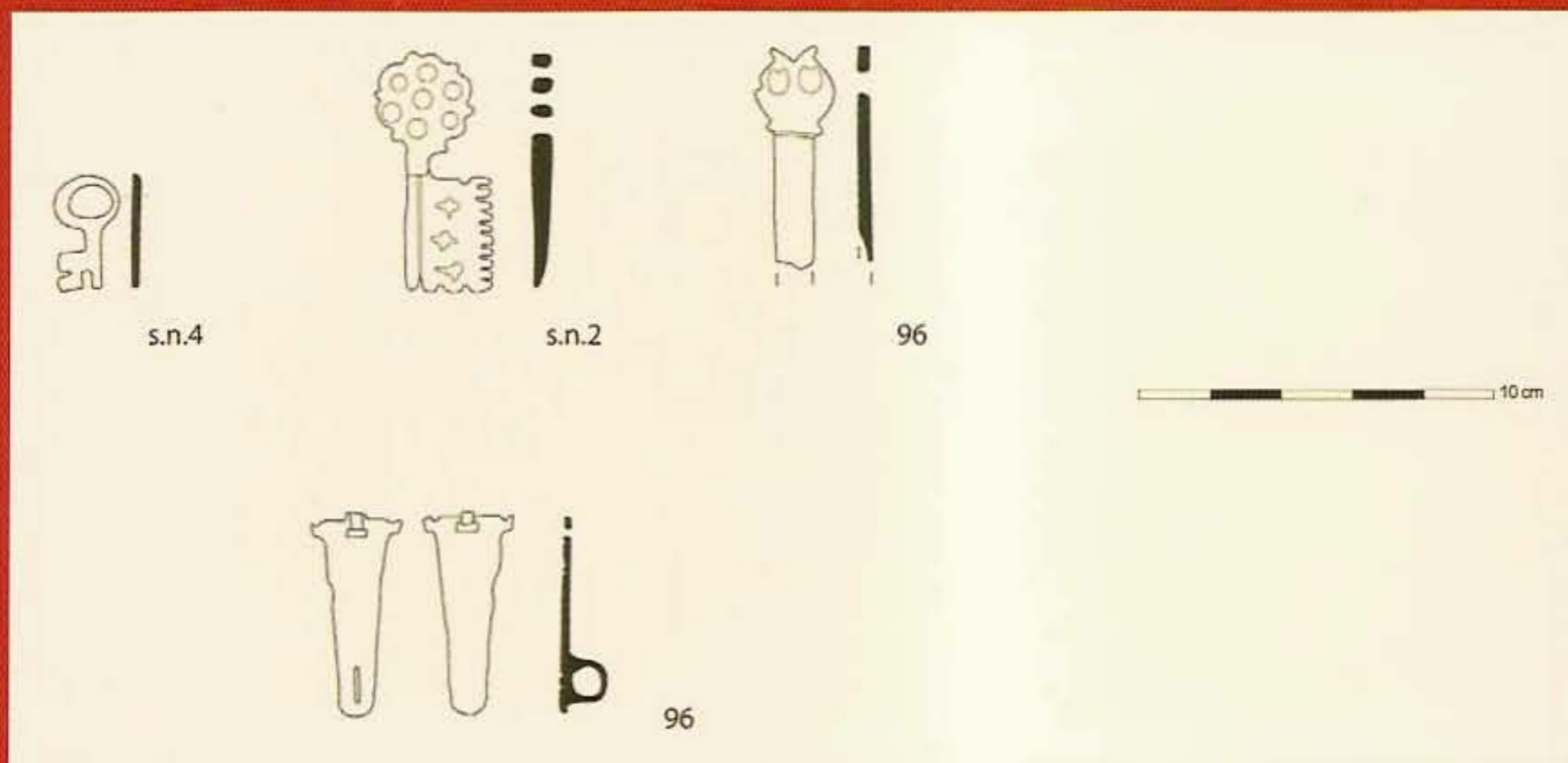
Only some hundreds of metres to the east of Monte Molião, several cemeteries were excavated in the 19<sup>th</sup> and the beginning 20<sup>th</sup> century. This location, at the periphery of the urban centre, can be understood by the prohibition, during Roman, post-republican times, of burying the death inside the town area. The cemeteries were thus to be found along the roads.

There is evidence that many of these graves were cremation burials. The funerary pyre was located in a specific area, the *ustrinum*, and the ashes were placed inside an urn, and this was deposited in a small pit. Usually an oil lamp and glass vessels, as well as other objects were placed inside the burial pit.

But inhumations were also found, corresponding chronologically to the later use of these cemeteries. In these cases, the body was placed in a rectangular shaped grave.

Unfortunately, and given the conditions under which these discoveries were made (one hundred





Chaves de bronze de época romana de Monte Molião  
Roman bronze keys from Monte Molião.

Há, neste momento, evidências de que Monte Molião foi o centro organizador deste processo de «colonização interna». O sítio é profundamente transformado do ponto de vista urbanístico, construindo-se edifícios públicos e privados de que falam tanto as plantas recuperadas durante os trabalhos de campo, como os materiais exumados, quer metálicos quer cerâmicos. Algumas das salas destas construções eram pavimentadas por mosaicos, como se depreende da quantidade assinalável de *tessellae* que foram encontradas no decorrer dos trabalhos de campo de 2006. Os dados permitem defender que Monte Molião seria o «Lugar Central» do território da baía. Aí se programou e organizou a ocupação das terras em seu redor.

As importações do século I em Monte Molião são muito abundantes, prolongando-se ainda em números significativos até ao final do século II. Incorporam baixela de mesa, proveniente, primeiro, de Itália, depois do Sul da Gália, e, mais tarde, da Andaluzia e do Norte de África. Os produtos alimentares envasados em ânforas, como o azeite e os preparados de peixe, chegaram sobretudo da Andaluzia, ou seja da Província da Bética.

Mas, para além das actividades administrativas, em Monte Molião praticou-se a tecelagem e a agricultura e alguns dos seus habitantes dedicar-se-iam à pesca. Destas actividades falam, uma vez mais, os espólios recolhidos.

A escassas centenas de metros a Este de Monte Molião, foram escavadas, nos séculos XIX e inícios do XX, várias necrópoles. Esta localização, na periferia do núcleo urbano, compreende-se pela proibição que existia na época romana (pós-republicana) de enterrar os mortos dentro das cidades. Os cemitérios eram colocados ao longo das estradas.

Há indícios de que muitas das sepulturas seriam de incineração. A pira funerária estava localizada numa área específica (*ustrinum*), e as cinzas eram colocadas no interior de uma urna que era depositada numa pequena fossa. Nessa fossa colocavam-se, habitualmente, também, uma lucerna e vasos de vidro, para além de outros objectos.

Mas a inumação também foi documentada, correspondendo a momentos cronologicamente posteriores. Nestes casos o corpo era depositado numa fossa de forma rectangular.



Denário de prata de Monte Molião, com a legenda *Cilpes*  
Silver denarius from Monte Molião showing the legend *Cilpes*.  
(Foto|Photo:Victor S. Gonçalves)

years ago the methods were less than accurate and the excavators only emptied the burials and collected the artefacts), there is no detailed information about the grave types, which could be as diverse in the cremation form as well as in the inhumation graves. Nevertheless, we know that much of the inhumation graves in the Monte Molião cemeteries were covered inside with flat tiles, forming a kind of box, being then also covered with two rows of flat tiles, forming a roof.

The Monte Molião cemeteries are rich in glass and pottery vessels, and the little bronze sculpture representing the god Mercury is famous.

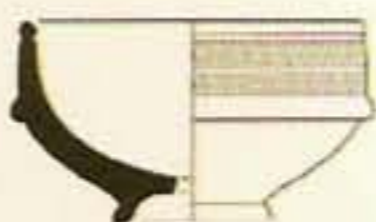
As we said above, Rome stresses its power over the Lagos bay area in the course of the first half of the 1st century A.D. In the Paúl, as well as in the hinterland in Fonte Velha de Bensafrim, and also near Meia Praia, there are relevant remains, which can be related to the farming aspects of the Romanisation.

Standing out among these remains is Fonte Velha, where some hundred years ago a cemetery was excavated, the finds were then incorporated into the Figueira da Foz county museum collections. Once again, both funerary rites (cremation and inhumation) were present, showing a continuity in the use of the necropolis (cremations were used in the 1<sup>st</sup> century, and inhumations date from the 2<sup>nd</sup> century onward). The materials found with them are not different from those obtained from the Molião cemeteries, although in a significantly smaller amount. In this area, there is also a funerary stone alluding to the burial of three members of the same family (father, mother and daughter), whose names show that they were local people, having adopted Roman names in the course of time.

The Roman cemetery at Fonte Velha, overlying another, much older but no less famous Iron Age necropolis, is certainly related to a Roman settlement of the *villa* type in the hills west of Bensafrim, where farming would have been the main occupation.

The same function, and the same typology, can be ascribed to the *villa* found at Meia Praia, where a room paved with mosaics was largely destroyed to make another, later one.

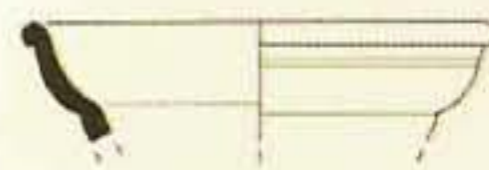
The older Roman remains found in the ground beneath the town of Lagos also date back to the first half of the 1<sup>st</sup> century A.D. In fact, sherds of samian ware (*terra sigillata*), dating from the time of the emperors Tiberius and Claudius, found in the Rua Silva Lopes in layers immediately preceding the foundation of a fish salting factory excavated there, prove that Lagos was already occupied around A.D. 40.



2006.97.25



2006.97.48



2006.97.52



2006.97.23



15603 B



2006.97.23



2006.97.67

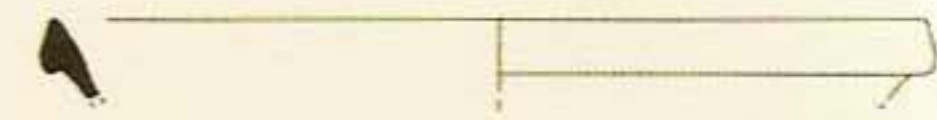


2006.97.20

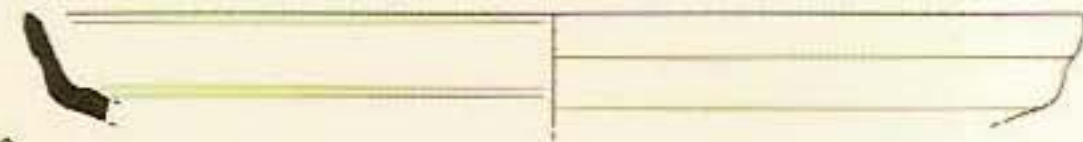
2006.97.28



2006.97.32



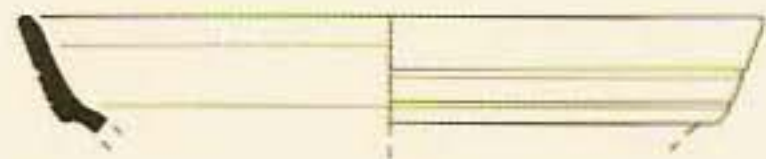
2006.97.29



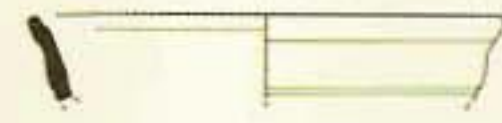
2006.97.34



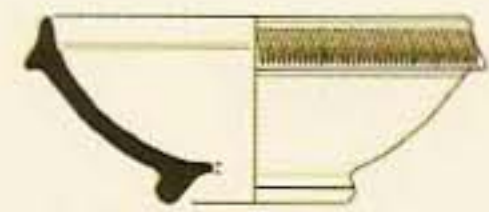
2006.97.33



2006.97.38



15524 C



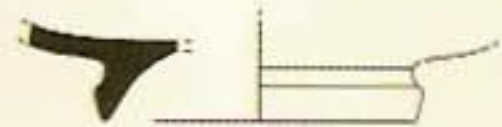
2006.97.30



2006.97.17



2006.97.26



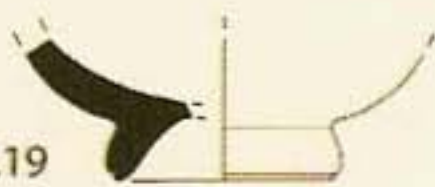
15524 B

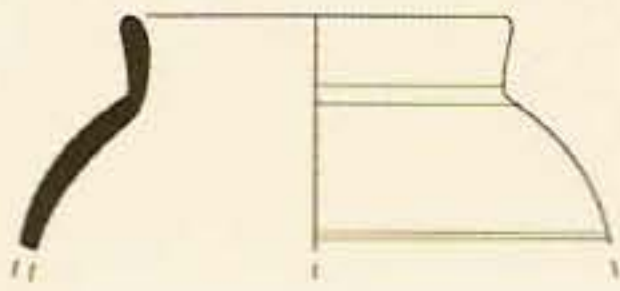


2006.97.35

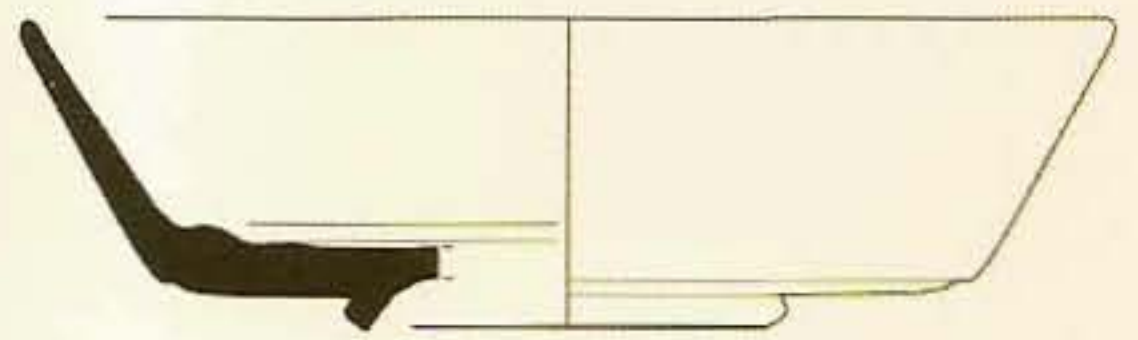


2006.97.19





2006.97.53



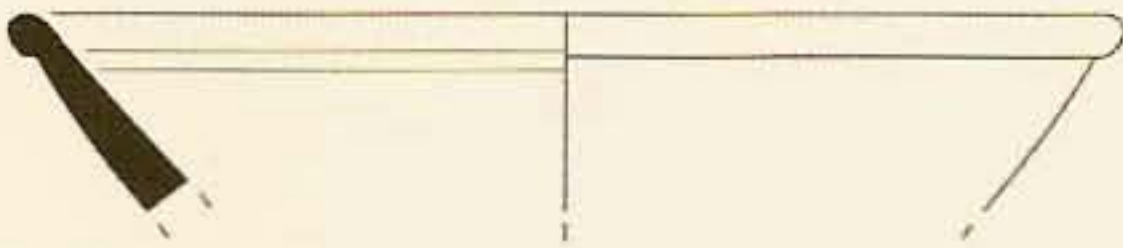
2006.97.92



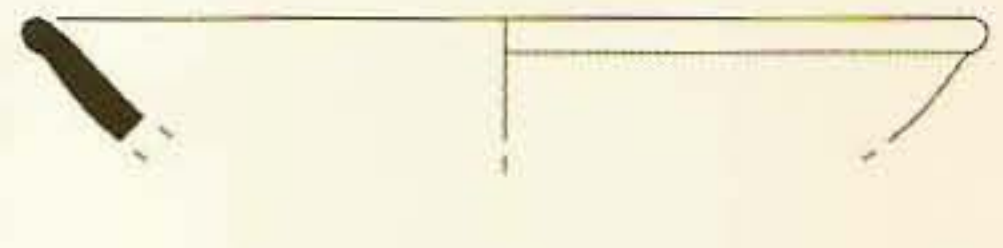
2006.97.51



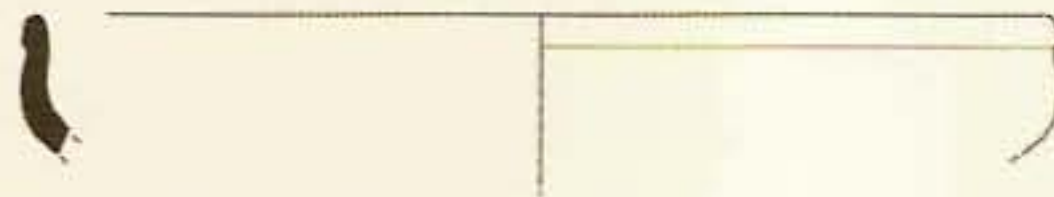
2006.97.50



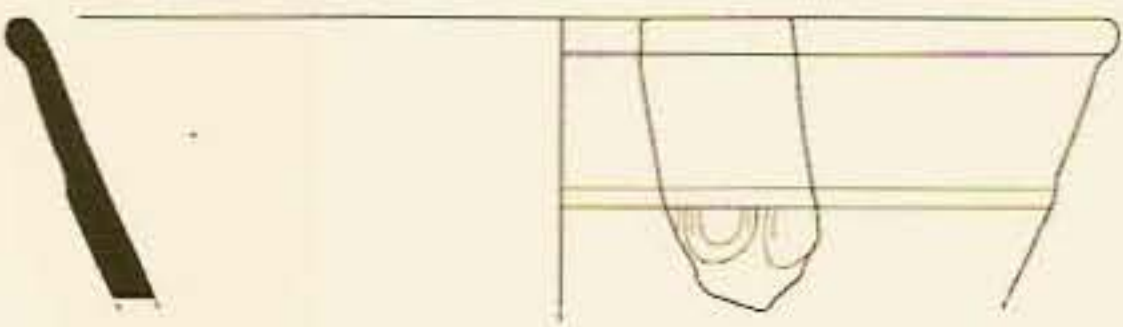
2006.97.46



2006.97.49



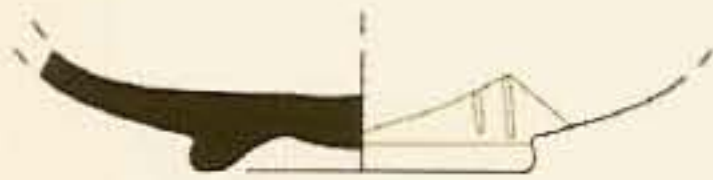
2006.97.47



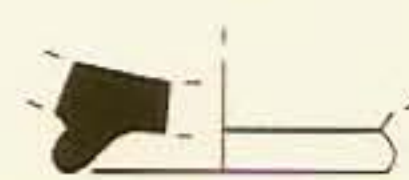
2006.97.43



2006.97.45



2006.97.59



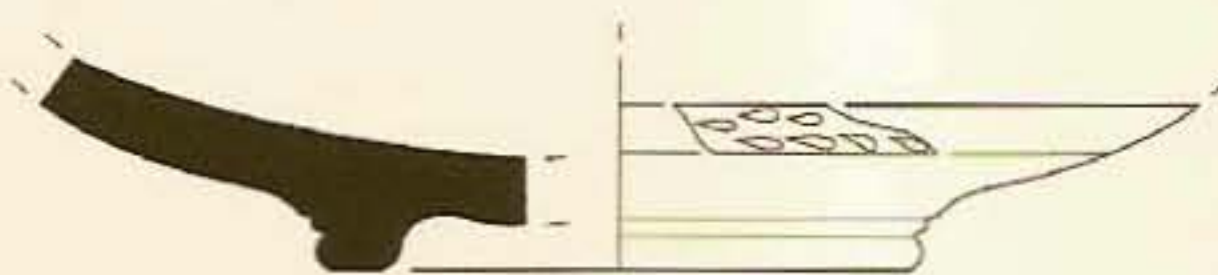
2006.97.55



2006.97.61



2006.97.1



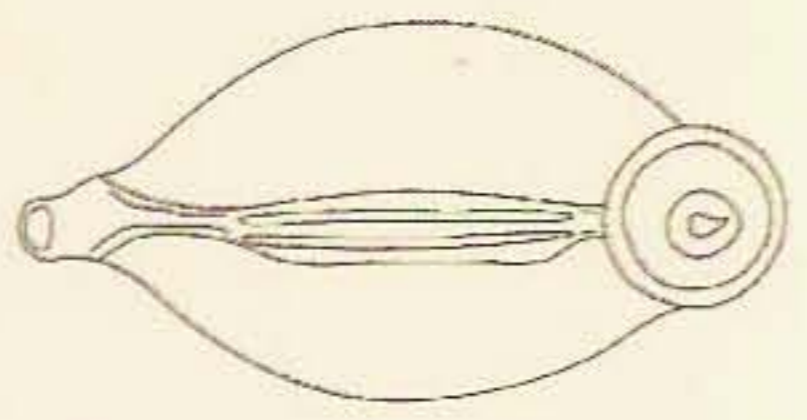
2006.97.04



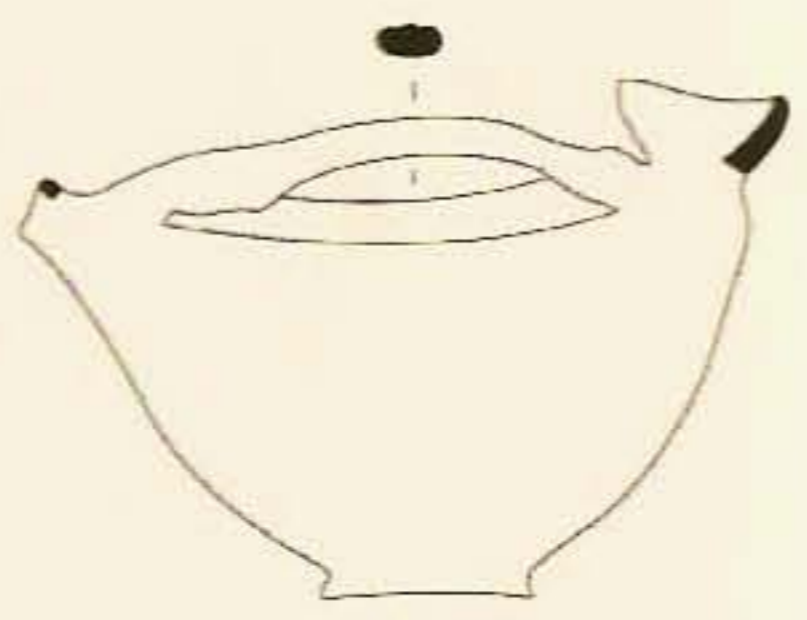
2006.97.57



2006.97.57

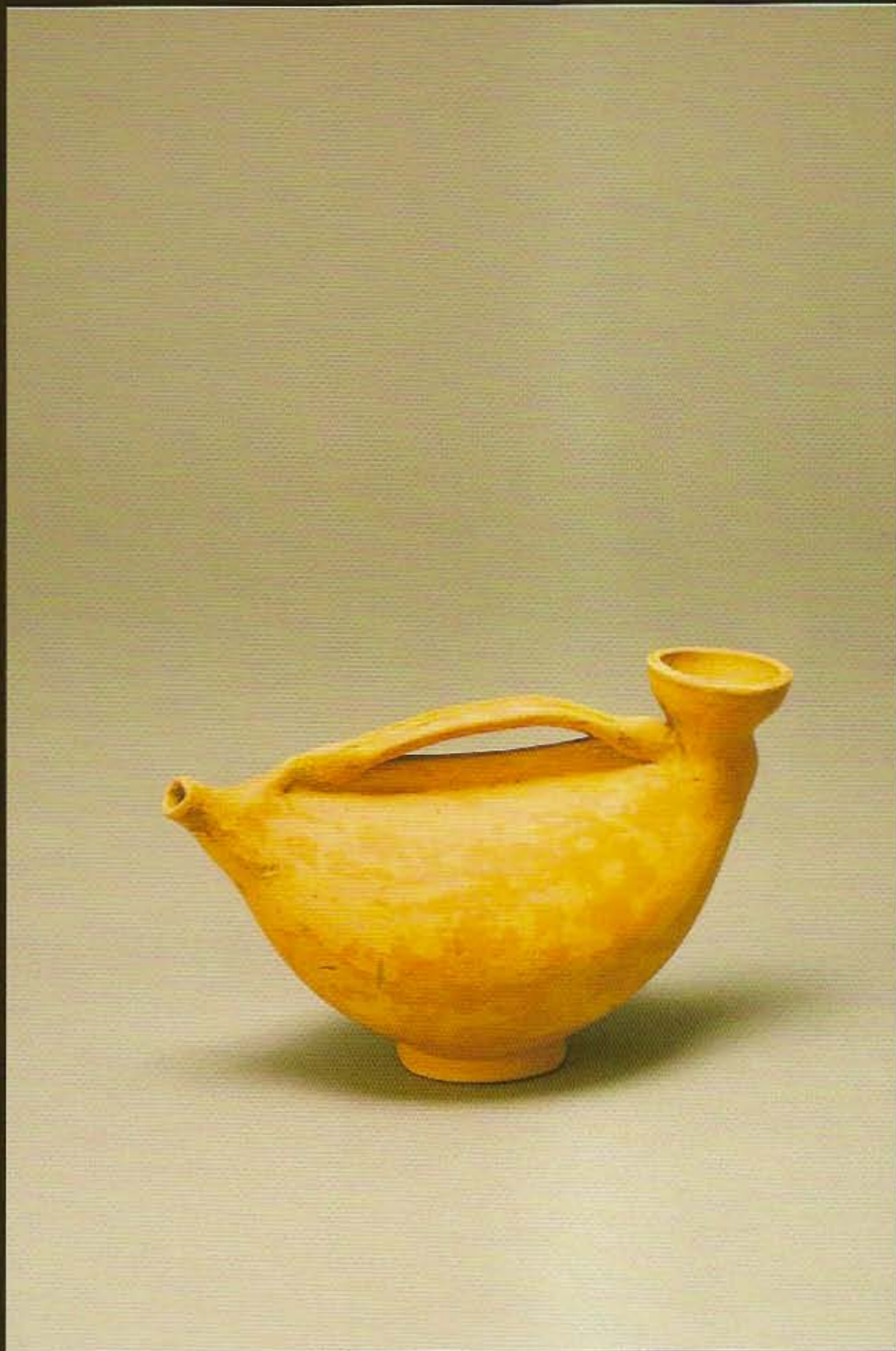


13784



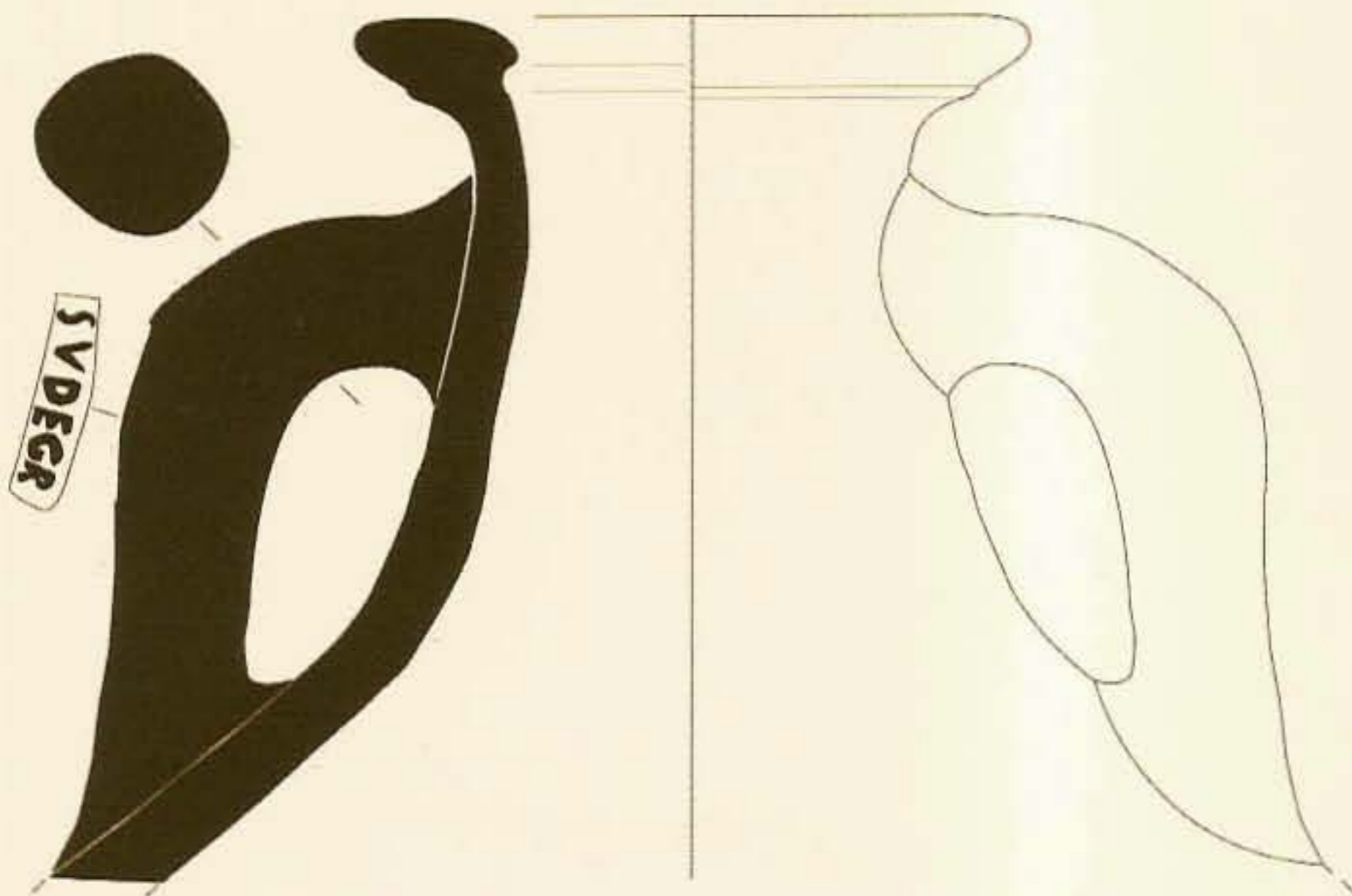
15021



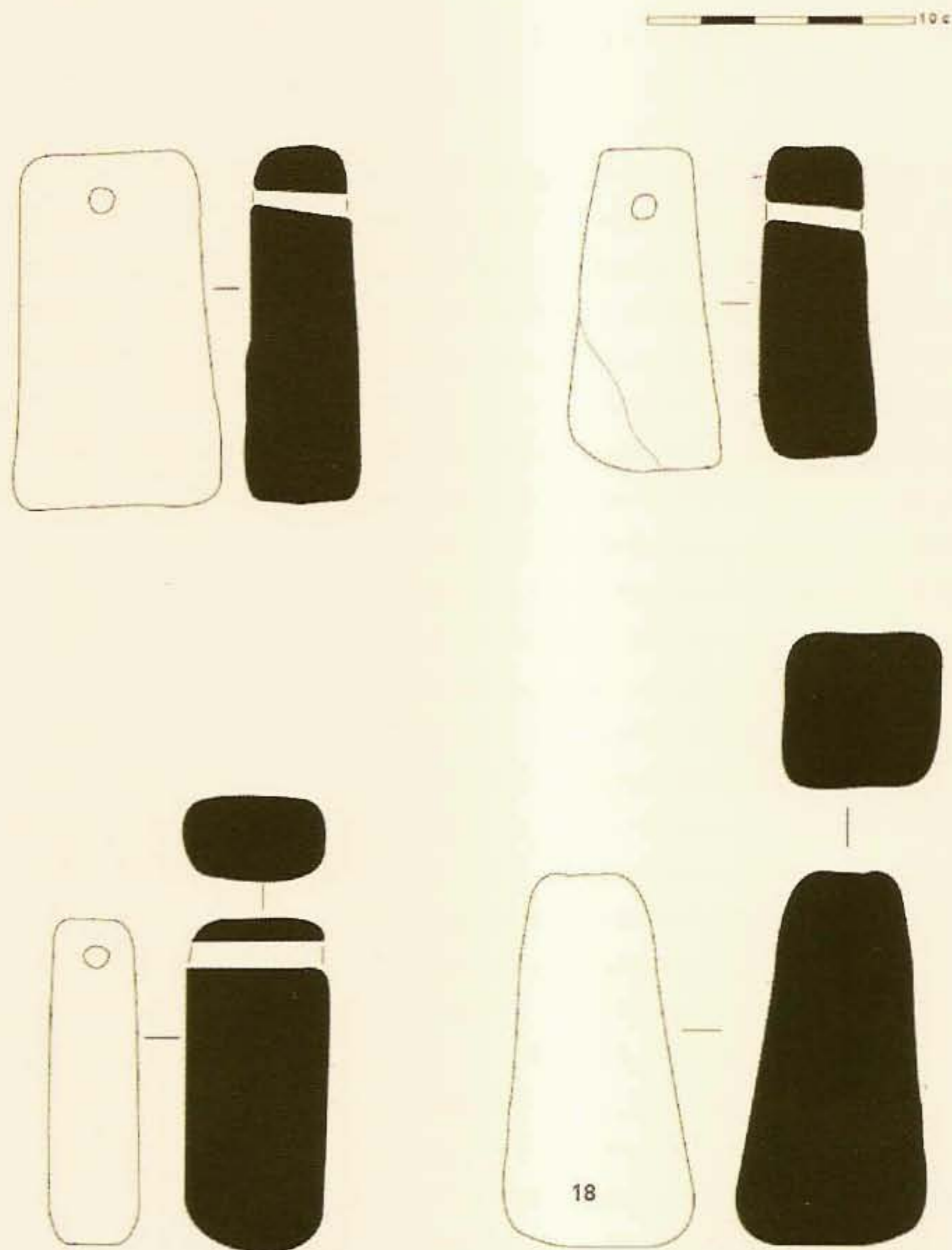


Askos terra sigillata clara A, forma Hayes 123. Museu Nacional de Arqueologia  
Samian Askos, terra sigillata chiara A of the Hayes 123 form  
(Foto|Photo: J. P. Ruas)

10 cm



Ânfora Dressel 20, de meados do século I, recolhida em Monte Molião por Estácio da Veiga. Foi produzida no vale do Guadalquivir e transportou azeite. Museu Nacional de Arqueologia  
Amphora of the type Dressel 20, mid 1st century A.D., found by Estácio da Veiga at Monte Molião. It was produced in the Guadalquivir valley and used for transporting olive oil. Museu Nacional de Arqueologia



Pesos de tear de Monte Molião. Museu Nacional de Arqueologia  
Loom weights from Monte Molião. Museu Nacional de Arqueologia

Infelizmente, e dadas as condições em que estas descobertas foram realizadas (há cem anos os métodos não eram rigorosos e tratou-se, sobretudo, de esvaziar sepulturas para recolher os artefactos), não existe informação detalhada sobre os tipos dos enterramentos, que poderiam ser variados, quer nas incinerações quer nas inumações. No entanto, sabe-se que muitas das fossas das inumações nas necrópoles de Monte Molião eram «ferradas» de telhas, que desenhavam uma espécie de caixa, sendo cobertas também por telhas, que, em número de duas, formavam um telhado de duas águas.

As necrópoles do Monte Molião são ricas em peças de vidro e de cerâmica e é famosa a pequena escultura de bronze que representa o deus Mercúrio.

Como se disse acima, ainda no decorrer da primeira metade do século I a romanidade expande-se na área da baía de Lagos. Quer no Paúl, quer já no interior em Fonte Velha de Bensafirim, quer ainda junto à Meia Praia, existem vestígios romanos de alguma dimensão que poderão relacionar-se com o âmbito agrícola da romanização.

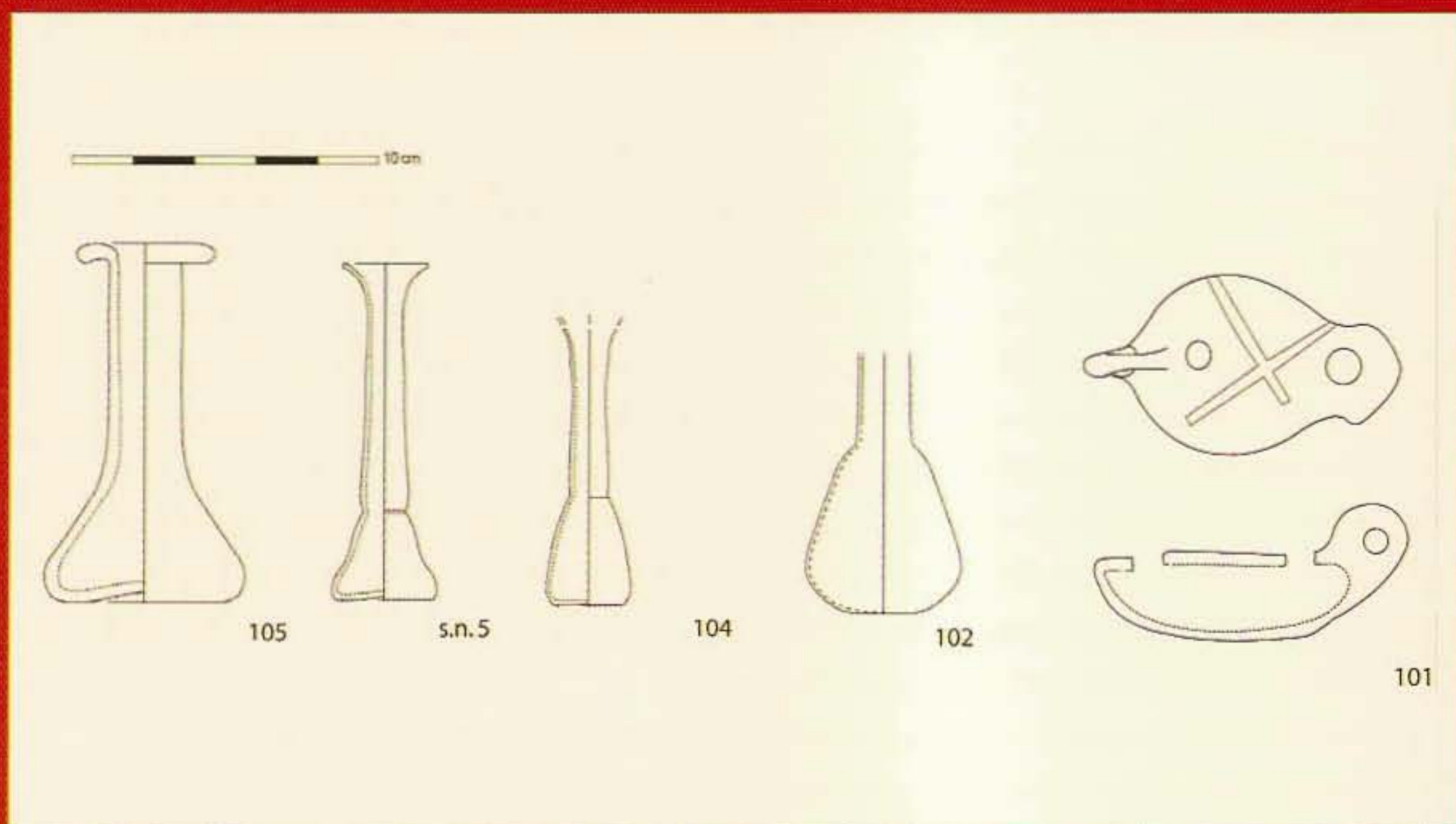
But data on Roman Lagos are mainly associated with activities based on fish processing, like the factories found in the Rua Silva Lopes and also in the Rua 25 de Abril. Here was found a series of tanks, placed in a U shape around a passage, or central yard. Inside those tanks, fish and their entrails were deposited, and salt was added. The sauce resulting from a long period of the soaking of these products was then put inside amphorae, expressly made for this purpose, and shipped to other areas far away or quite close by, where it was consumed. This type of industrial unit is distributed along the entire Centre and South Portuguese coast, and all around the Mediterranean and along North African Atlantic coasts. Fish derivatives were an important part of the Roman food diet, and they had a strong place in the market. We know that its origin, probably Iberian, dates back at least to the 5<sup>th</sup> century B.C., when it was being produced in western Andalusia, but it was in Roman times that this industry was greatly increased. After the beginning of the 1<sup>st</sup> century A.D., the sauces (and there was a huge variety of them), and also the amphorae were produced in great quantity in the Cadiz bay area.

The archaeologists who excavated the factory in the Rua Silva Lopes left unsolved the date when this industry was there established for the first time, although they suggest that this could have happen in the second half of the 1st century, but the stratigraphic arguments to support this idea are not confirmed. Also, the Lusitanian containers, which were used to ship the produced sauces, are missing. Although it is true that, for similar situations, it has been argued that the amphorae produced in the Cadiz bay and found in the Lusitanian fish-processing factory areas could have been imported for that purpose, i.e., the containers from the *Baetica* arrived empty and the Lusitanian products were then shipped inside them.

The *Gadir* amphorae of the 1<sup>st</sup> century that were found in the Rua Silva Lopes were one of the arguments to sustain an old chronology for the production. Nevertheless, according to these amphorae and other materials registered in that excavation, as well as in other areas of Lagos, one could also say that the importation of craftwork and provisions from Andalusia, and also from Italy and Gaul, were to supply a population settled on the right bank of the Bensafirim river.

What seems to be certain is that, from the 3<sup>rd</sup> to the 6<sup>th</sup> century A.D., the industry of fish derivatives flourished in Lagos, and it seems uncontroversial that the production of containers for the sauces played an important role in the regional economy.

But, although the materials of the first half of the 1<sup>st</sup> century A.D. found in the Rua Silva Lopes could not be directly related to the beginning of the fish derivatives industry, one should stress that they allow us to confirm that the Roman occupation of the town of Lagos began in a relatively early stage of the Romanisation in the western Algarve. If this early occupation corresponds to a *villa* independent from the urban centre in Monte Molião, as already suggested, it seems an interesting proposal, but it could only be argued *ex-silentio*: in the urban centre of Lagos no buildings have been found which allow us to see there an urban centre of first range. Nevertheless, one should notice that the factory and other contexts have their settlement peak at the time when Monte Molião declines, and it is not perhaps controversial to suggest, at this stage of the research, that there was a transfer of functions from Molião to Lagos, by the end of the 2<sup>nd</sup> century A.D. The possible coastal change of the estuary and the location of the port in an area closer to the sea could explain that transfer.



Destes vestígios destacam-se os da Fonte Velha, onde, há cerca de cem anos, foi escavada uma necrópole, cujos materiais ingressaram no Museu Municipal da Figueira da Foz. Uma vez mais, os dois ritos funerários (incineração e inumação) estão presentes, evidenciando uma continuidade da utilização da necrópole (as incinerações são do século I, e as inumações datam do século II, em diante). Os espólios encontrados associados não diferem dos que as necrópoles do Molião proporcionaram, ainda que o seu número seja consideravelmente inferior. Desta área, existe ainda uma lápide funerária que assinala os enterramentos de três elementos de uma mesma família (pai, mãe e filha). Os nomes mencionados evidenciam que se trata de indígenas, que adoptaram antropónimos romanos.

A necrópole romana da Fonte Velha, que aliás se sobrepunha a uma outra mais antiga, mas não menos célebre, da Idade do Ferro, estará certamente relacionada com uma ocupação romana de tipo *uilla* localizada nos cabeços a Oeste de Bensafrim. Aqui, a função agrícola deveria prevalecer.

A mesma função e a mesma tipologia pode ser adscrita à chamada «*Uilla da Meia Praia*», onde uma sala pavimentada com um mosaico foi, em grande parte, destruída para instalar uma outra mais tardia.

Datam também da primeira metade do século I (entre os reinados de Tibério e Cláudio) os vestígios romanos mais antigos encontrados no subsolo de Lagos. Com efeito, fragmentos de *terra sigillata*, datados do reinado de Tibério e de época claudiana, encontrados na Rua Silva Lopes associados aos níveis imediatamente anteriores à fundação da fábrica de salga de peixe escavada nesse local, comprovam, que, em torno ao ano 40 da nossa Era, Lagos já se encontrava ocupada.

Mas os dados da Lagos romana prendem-se, fundamentalmente, com actividades industriais baseadas na transformação do pescado, como é o caso das estruturas fabris identificadas na Rua Silva Lopes, mas também na Rua 25 de Abril.

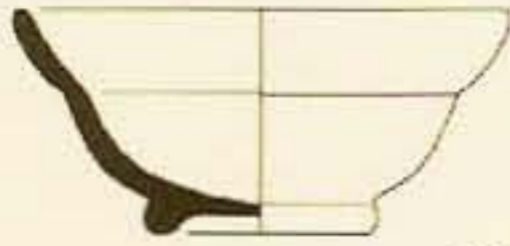
Trata-se de tanques distribuídos em volta de um corredor, ou pátio central, formando um U. Dentro desses tanques, colocava-se o peixe e as suas vísceras, adicionando-se sal. O molho que resultava da prolongada maceração destes produtos era envasado em contentores especialmente fabricados para esse efeito (as ânforas), dentro dos quais era exportado para territórios mais ou menos próximos, onde seria consumido. Este tipo de unidade industrial está distribuído um pouco por toda a costa centro sul portuguesa, bem como em vastas áreas do Mediterrâneo e Atlântico norte africano. Os preparados de peixe faziam parte da dieta alimentar romana e eram muito procurados nos mercados. Sabe-se que a sua origem, provavelmente peninsular, remonta pelo menos ao século V a.C., altura em que eram produzidos na Andaluzia Ocidental, mas em época romana esta indústria cresceu exponencialmente. A partir dos inícios do século I da nossa Era, foram produzidas na área da baía de Cádiz em grandes quantidades quer os molhos (e havia vários tipos de molho), quer as ânforas.

Os arqueólogos que escavaram a fábrica da Rua Silva Lopes deixam em aberto a data do início da sua laboração, ainda que admitam, com reservas, que este possa ter acontecido na segunda metade do século I. As provas que confirmam esta cronologia não parecem ser, do ponto de vista estratigráfico, suficientemente indiscutíveis. Por outro lado, estão ausentes os contentores lusitanos, que se destinariam a conter e exportar o produto produzido. É verdade que tem sido proposto para situações análogas que as ânforas produzidas na baía de Cádiz e encontradas em áreas de fabrico de preparados de peixe lusitanos podiam ter sido importadas para esse fim, ou seja os contentores béticos chegavam vazios e o produto lusitano seria exportado no interior daqueles.

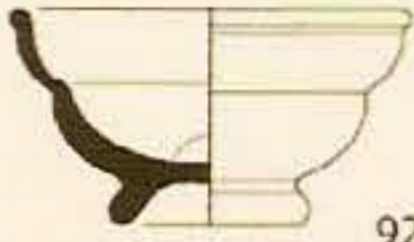
As ânforas gaditanas do século I que efectivamente se encontraram na Rua Silva Lopes foram um dos argumentos utilizados para defender a cronologia antiga da produção. Contudo, pode também admitir-se que estas ânforas, bem como outros materiais identificados nesta escavação, e em outras áreas do subsolo de Lagos, permitem que se admita que os produtos manufacturados e alimentares andaluzes e mesmo itálicos e gálicos, do século I, foram importados para abastecer uma população instalada na margem direita da Ribeira de Bensafrim.

O que parece certo é que, entre os séculos III e VI, a indústria dos preparados de peixe floresceu em Lagos, parecendo indiscutível que a produção dos contentores que se destinavam a envasar os molhos deverá ter tido também papel importante na economia da região.

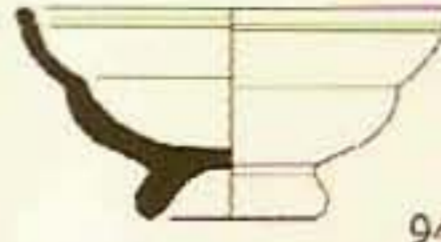
Mas, mesmo que os materiais da primeira metade do século I encontrados na Rua Silva Lopes não possam relacionar-se, directamente, com o início da indústria de preparados de peixe, deve destacar-se que eles servem para confirmar que a ocupação romana da cidade de Lagos se iniciou em fase relativamente precoce da romanização do Algarve ocidental. Se esta ocupação correspondeu, como já foi proposto, a uma *villa* dependente de Monte Molião é proposta interessante, mas que parece comprovada apenas por argumentos *ex silentio*: na área urbana da cidade de Lagos não apareceram, até ao momento, quaisquer elementos edificados que permitam falar de um núcleo urbano de primeira grandeza. De qualquer modo, convém lembrar que a fábrica e outros contextos apresentam os seus momentos áureos num momento em que o Monte Molião parece entrar em alguma decadência, não sendo absurdo propor, no estado actual dos nossos conhecimentos, uma transferência de funções, a partir dos finais do



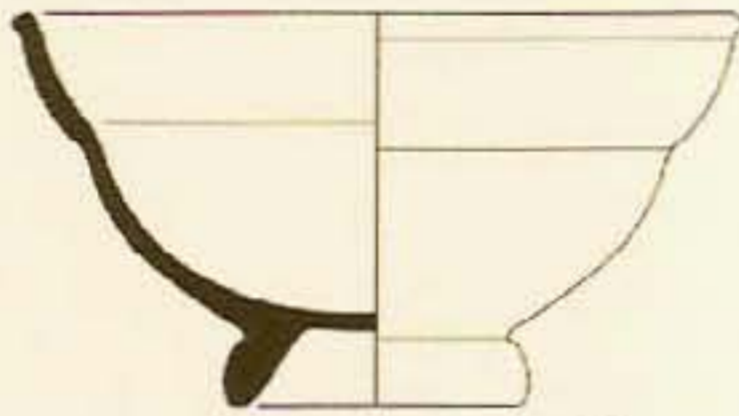
s.n. 1



92



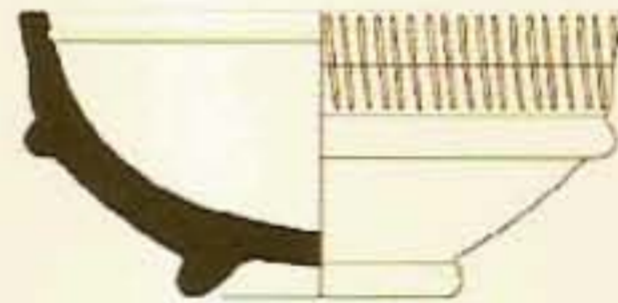
94



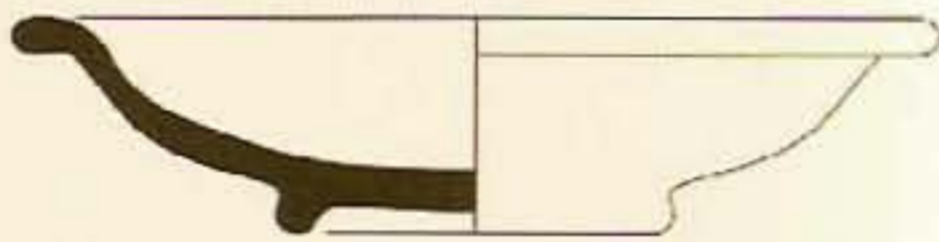
99



129



97



98



88



século II, de Molião para Lagos. O possível assoreamento progressivo do estuário e uma localização do porto em área mais próxima do mar podem explicar esta transferência.

Muito interessantes são os dados que se reportam ao prolongamento de actividades industriais de âmbito romano até a um momento avançado do século VI. Tais dados, que confirmam agora de forma indiscutível o que se podia inferir indirectamente de outros elementos, mostram que o extremo ocidental do Império permaneceu integrado nas rotas comerciais mediterrâneas dos séculos V e VI.

Assim, pode afirmar-se que, entre o século I e o VI da nossa Era, Lagos foi habitada por um grupo humano que se manteve bem articulado com o seu território, explorando os recursos marinhos (peixe e sal) indispensáveis a uma indústria que soube desenvolver. Essa articulação era também forte com os outros sítios romanos da área envolvente, sendo também evidente a sua integração no Império em geral, a avaliar pelas abundantes importações registadas quer de produtos alimentares, quer manufacturados. A Itália, a Gália, a Bética, o Norte de África, e mesmo o Mediterrâneo Oriental, abasteceram de vinho, azeite e preparados de peixe os habitantes de Lagos entre o século I e o VI.

Esses habitantes estão fisicamente materializados, quer nos enterramentos que se escavaram na cidade, como o da mulher da Rua Marreiros Neto, datável dos finais do século II/III, quer na lápide funerária da menina de dois anos, chamada Lupa, recuperada na Avenida dos Descobrimentos.



Urna cinerária da Fonte Santa, tal como está exposta no Museu Municipal da Figueira da Foz.

Terá sido encontrada por Santos Rocha coberta com duas taças de *terra sigillata* sudgálica

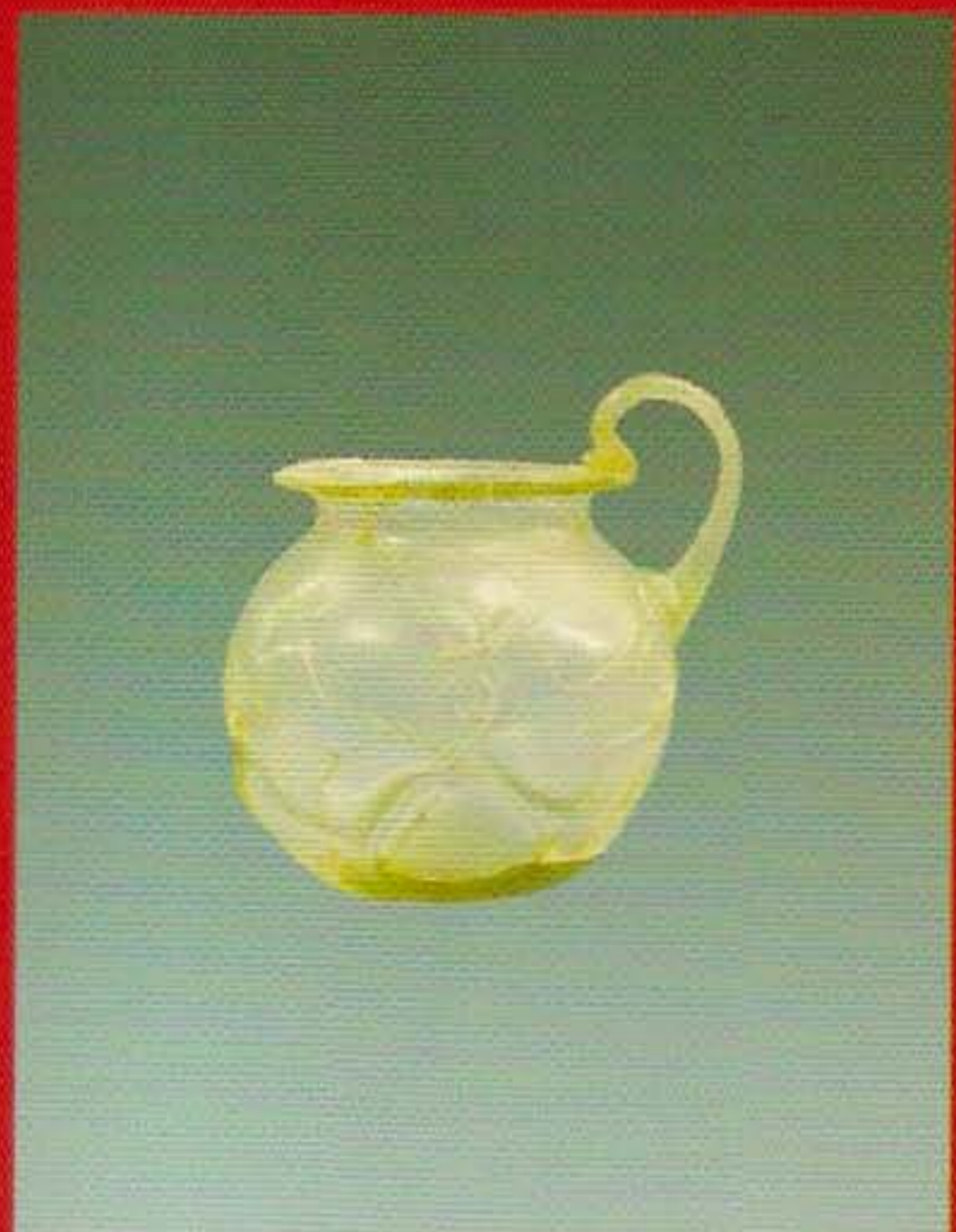
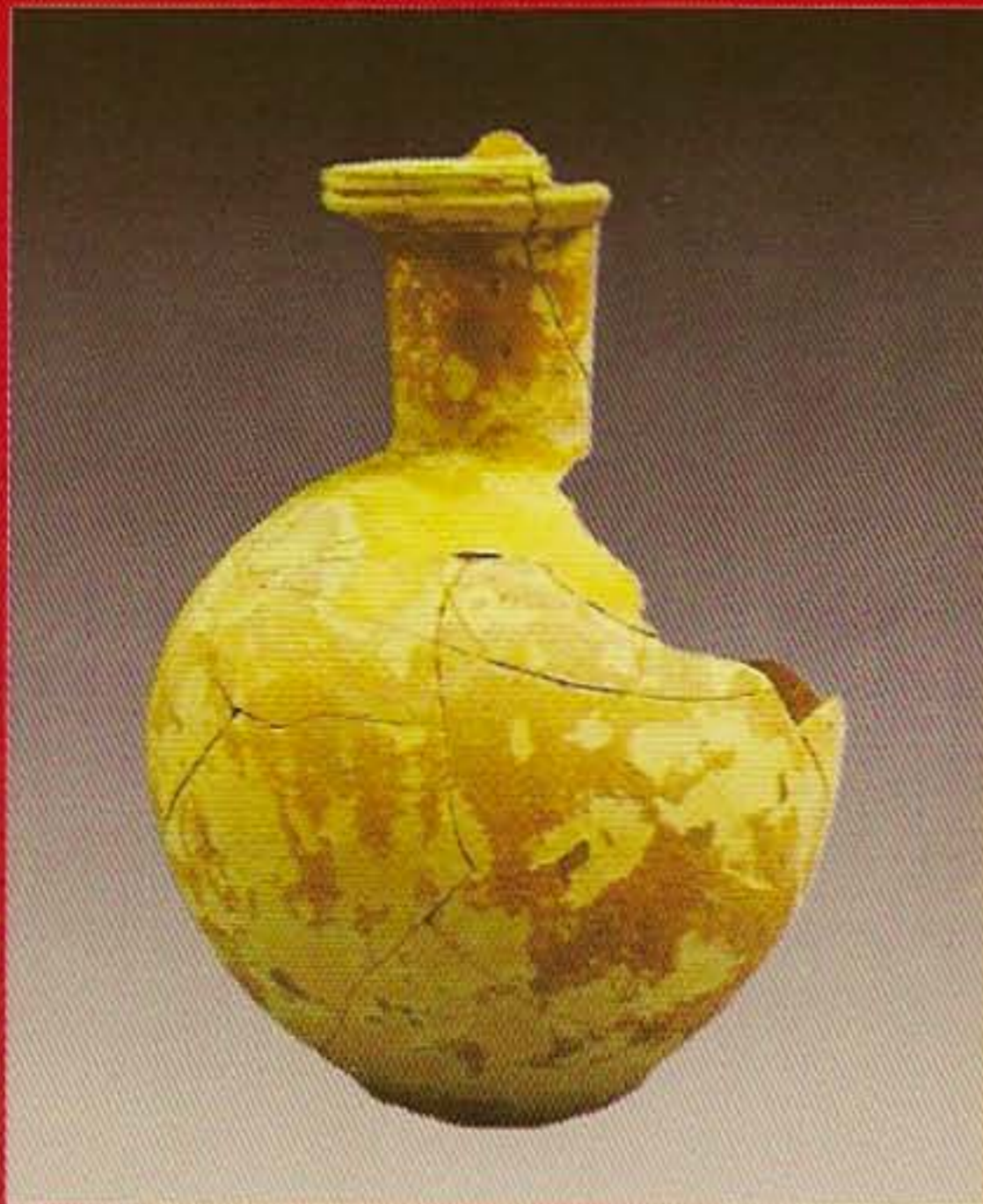
Cremation urn from Fonte Velha, exhibited in the Museu Municipal da Figueira da Foz.

It was found by Santos Rocha covered with two cups of south-Gallic samian ware

Most interesting is the data concerning the maintenance of Roman type activities in the later 6th century A.D. This data, now confirms what could be indirectly inferred from other finds, and show that the extreme West of the Empire remained inside the Mediterranean trade routes of the 5<sup>th</sup> and 6th centuries A.D.

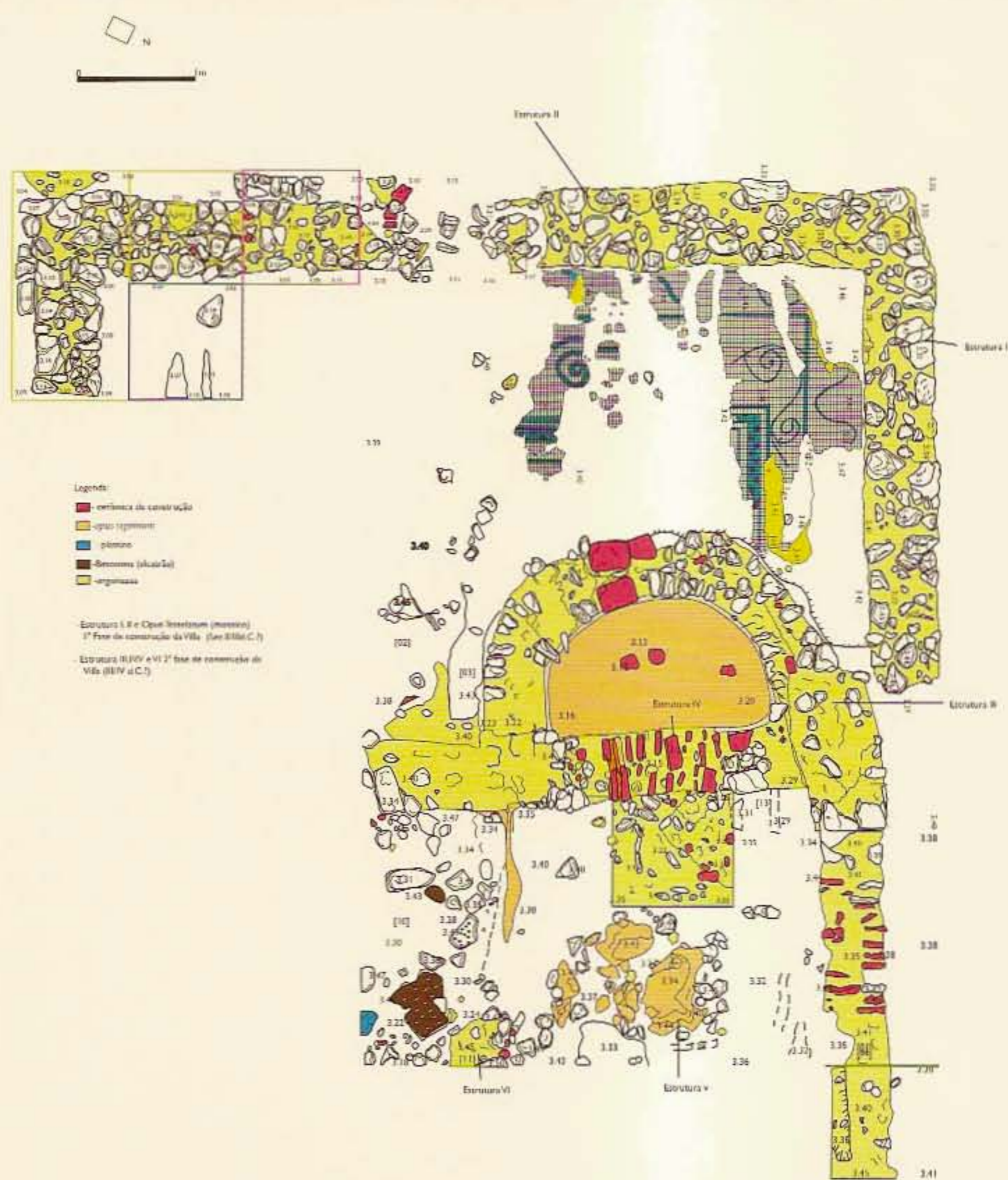
So it can be said that from the 1<sup>st</sup> to the 6<sup>th</sup> century A.D., a human group which was well established with its territory within the Lagos area, exploited the marine resources (fish and salt) necessary to the flourishing industry they were able to develop. There was also a strong link with other sites in the neighbouring area, and it is also evidence for their integration in the Roman Empire as a whole, shown by the abundant import of food supplies and craftwork. From the 1st to the 6<sup>th</sup> century A.D., Italy, Gaul, *Baetica* and North Africa, and even the Eastern Mediterranean, supplied the inhabitants of Lagos with wine, olive oil and fish sauces.

The remains of some of these early inhabitants have been found in the burials excavated in the town, like the woman found in the Rua Marreiros Neto, dating back to the 2<sup>nd</sup>/3<sup>rd</sup> century A.D., as well as in the funerary stone with inscription of the two year old girl named *Lupa*, found in the Avenida dos Descobrimentos.



Vaso de paredes finas e jarro de vidro da necrópole da Fonte Santa. Museu Municipal da Figueira da Foz  
Thin-walled vessel and glass jar from the cemetery of Fonte Velha. Museu Municipal da Figueira da Foz





Villa romana da Meia Praia: escavação e registo do mosaico e planta de situação  
 Roman villa at Meia Praia: excavation and detailed record of the mosaic floor, and situation plan  
 (Foto e desenho|photo and drawing: Palimpsesto, Lda)





Planta da fábrica de salga de peixe escavada na Rua Silva Lopes (segundo Ramos et al., 2006)  
Plan of the fish-processing factory excavated in the Rua Silva Lopes (after Ramos et al., 2006)

Vista da fábrica de salga de peixe escavada na Rua Silva Lopes  
View of the fish-processing factory excavated in the Rua Silva Lopes  
(Foto|Photo: Pedro Barros)



# Catálogo



**1. [ver página 30]**

**Moeda /Coin**

Prata /Silver

Romano:republicano /Roman:Republic

Monte Molião

UNIARQ

Inv.nº /Nr.:2472

Ø 1,8cm

Inédito /Unpublished

Denário de prata, apresentando no anverso, cabeça masculina e no reverso, cetáceo, sob a qual se encontra a legenda *CILPE(s)*. /Silver denarius; obverse showing the head of a man; reverse showing a whale, with the legend *CILPE(s)* underneath

**2. [ver página 26]**

**Moeda /Coin**

Prata /Silver

Romano:republicano (134 a.C.) /Roman:Republic (134 B.C.)

Monte Molião

IPA (Silves)

Inv.nº /Nr.:1875

Ø 2 cm

Sousa & Serra, 2005

Denário de prata que apresenta, no anverso, a cabeça de Minerva ou uma personificação de Roma, à esquerda da qual se lê a letra *G(eminus)*. No reverso, uma personagem que poderá representar Júpiter guiando uma quadriga de quatro cavalos, sob a qual se lê a letra *C*, à qual se presume que se seguiria a o nome de *Aburius*. Na segunda linha, lê-se ainda as duas primeiras letras de *Ro(ma)* /Silver denarius; obverse showing the head of Minerva or Rome, with the legend *G(eminus)* on its left; reverse showing Jupiter (?) driving a four-in-hand chariot with a *C* underneath (presumably followed by the name *Aburius*) and, in the second line, the two first letters of *Ro(ma)*

**3.**



**Moeda /Coin**

Bronze /Bronze

Romano:republicano /Roman:Republic

Monte Molião

Museu Municipal de Lagos

Inv.nº /Nr.:A2207

Ø 3cm

Viana et al. [Formosinho & Ferreira]

Asse de bronze, de emissão pompeiana. No anverso: cabeça masculina, com dois golfinhos em frente e as letras *CEL(sa)* atrás. No reverso: jovem a cavalo, com uma palma, sob o qual se encontra a legenda *CASE* (Lépida Celsa - Vellilla de Ebro, Saragoça, Espanha) /Bronze As coined 46-44 B.C. in Lepida Celsa (Vellilla de Ebro, Zaragoza, Spain) by the supporters of Pompey; obverse showing the head of a man in front of two dolphins and the legend *CEL(sa)* behind; reverse showing a young man riding a horse, with a palm, and the legend *CASE* underneath

4.

**Prato (fragmento) / Table dish (fragment)**

Cerâmica / Pottery

Romano: republicano (século I a.C.) / Roman: Republic (1st century B.C.)

Monte Molião

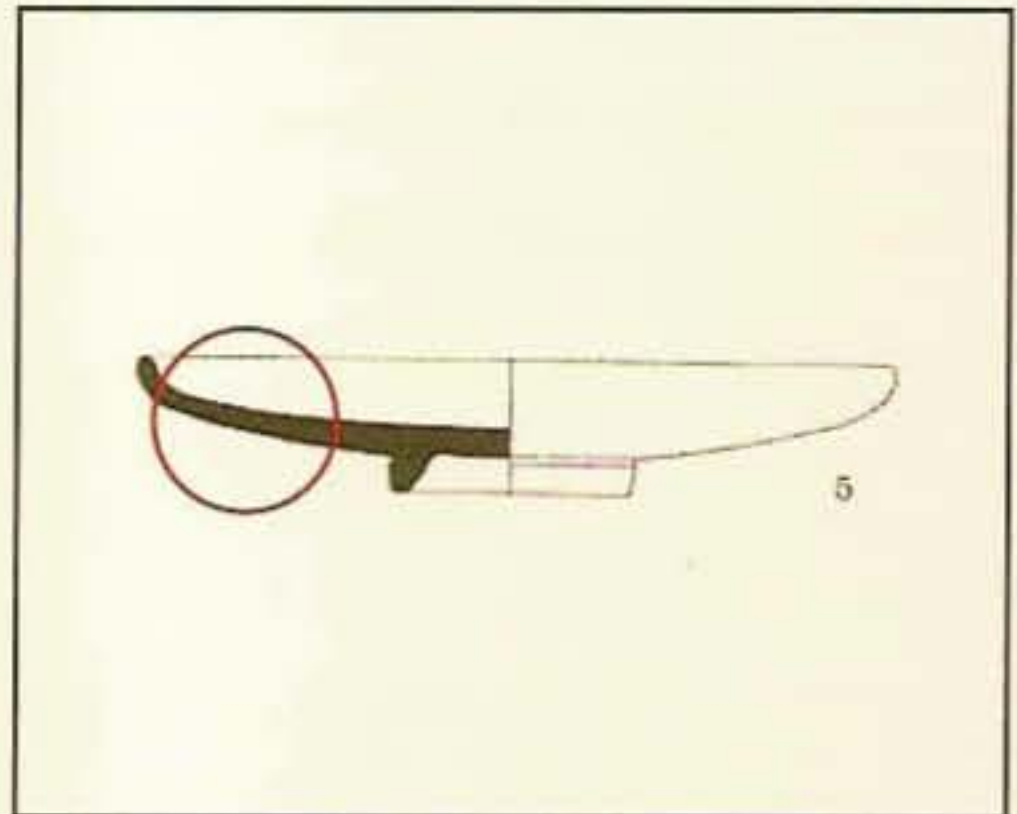
UNIARQ

Inv.nº / Nr.: 1000

Ø conserv. 10cm

Inédito / Unpublished

Fragmento de parede de prato da forma 5 em Campaniense B / Body sherd of a campana B table dish, form 5



5.

**Ânfora (fragmento) / Amphora (fragment)**

Cerâmica / Pottery

Romano: republicano (século II a.C.) / Roman: Republic (2nd century B.C.)

Monte Molião

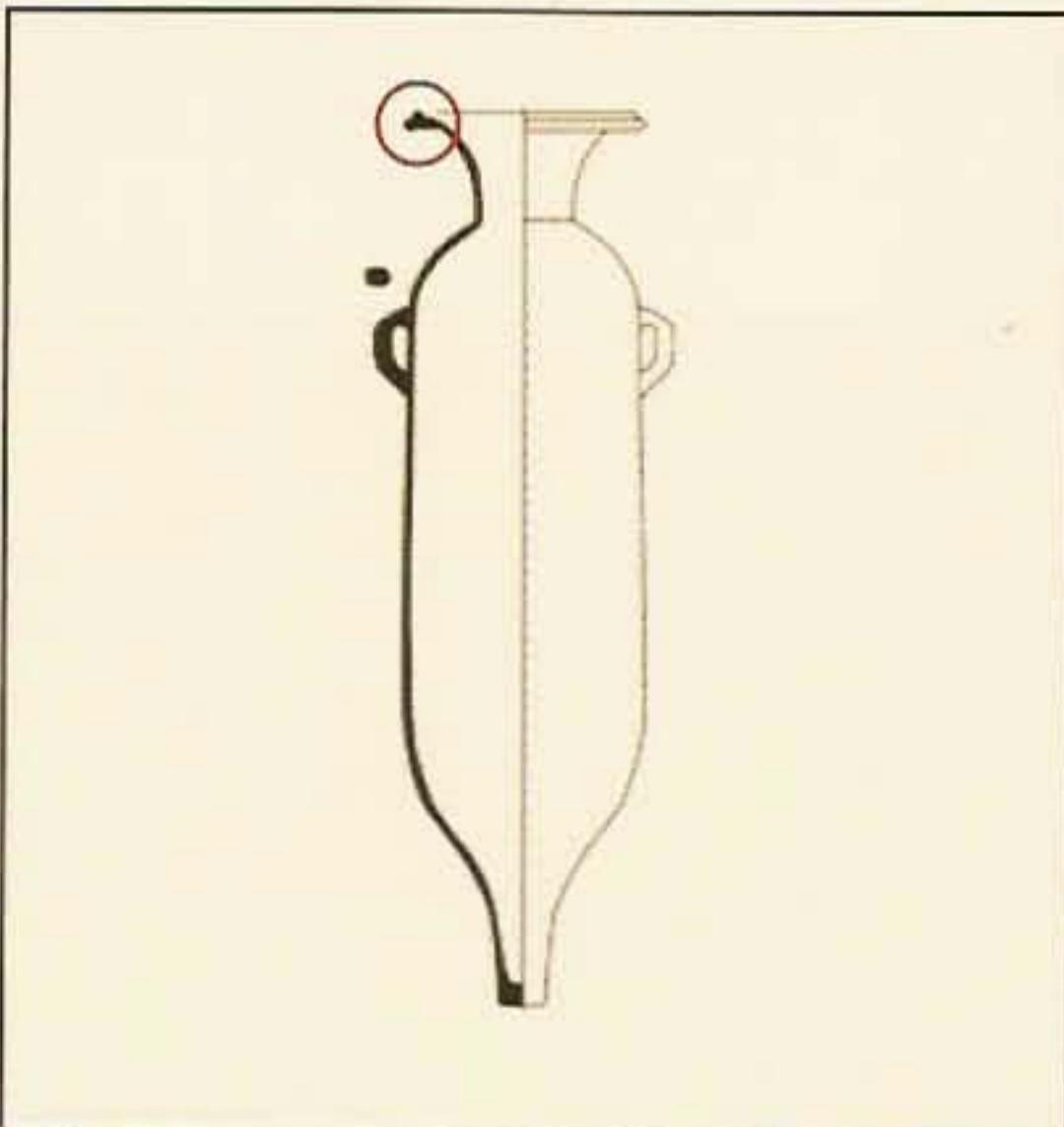
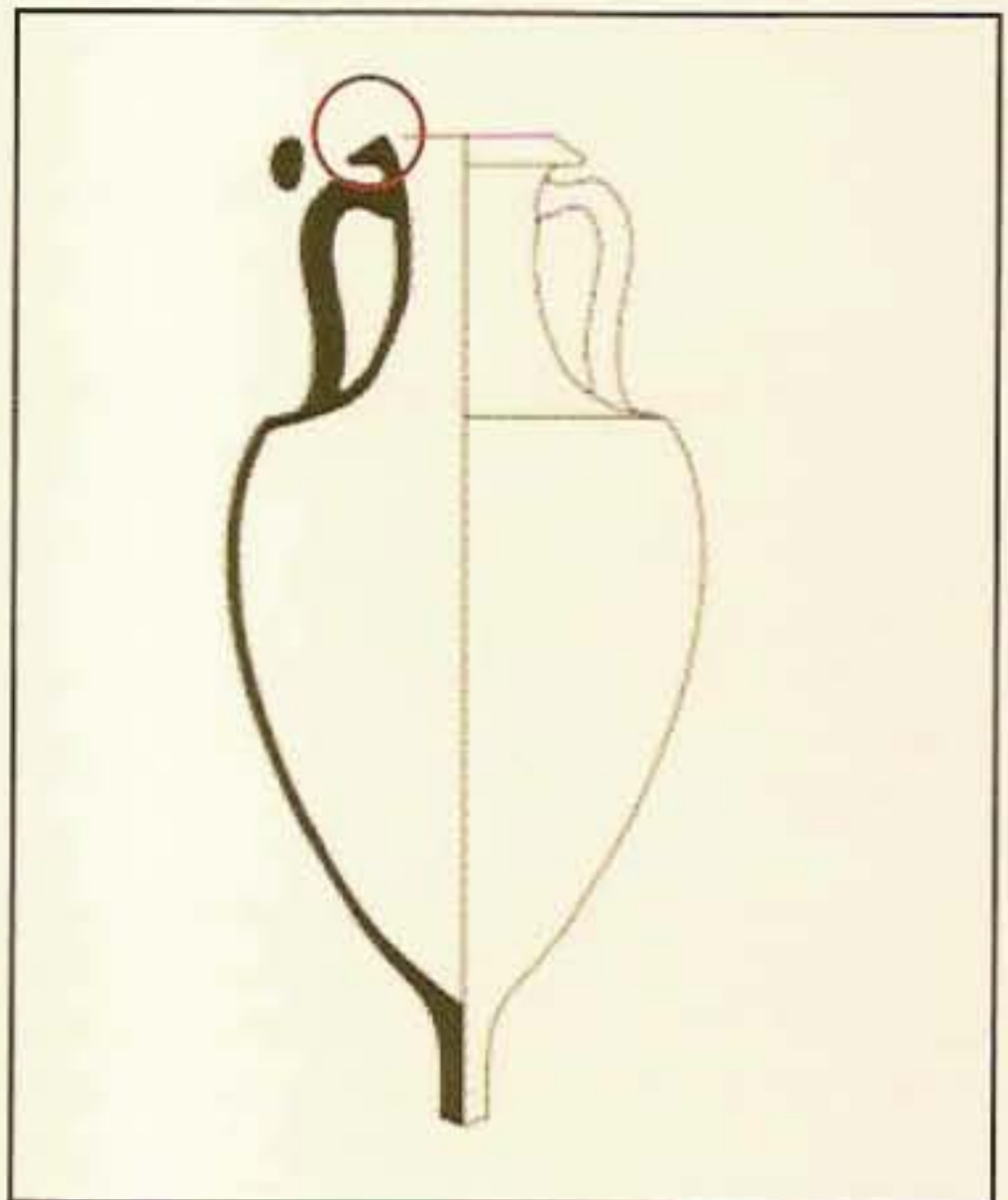
UNIARQ

Inv.nº / Nr.: 1717

A. conserv. 5,2cm h.

Inédito / Unpublished

Fragmento de bordo de ânfora greco-italica, de produção italiana (costa tirrénica) destinada ao transporte de vinho / Rim sherd of a Greco-italic amphora, produced in Italy (Tyrrhenian coast) for transporting wine



6.

**Ânfora (fragmento) / Amphora (fragment)**

Cerâmica / Pottery

Romano: republicano (século II/I a.C.) / Roman: Republic (2nd/1st century B.C.)

Monte Molião

UNIARQ

Inv.nº / Nr.: 1670

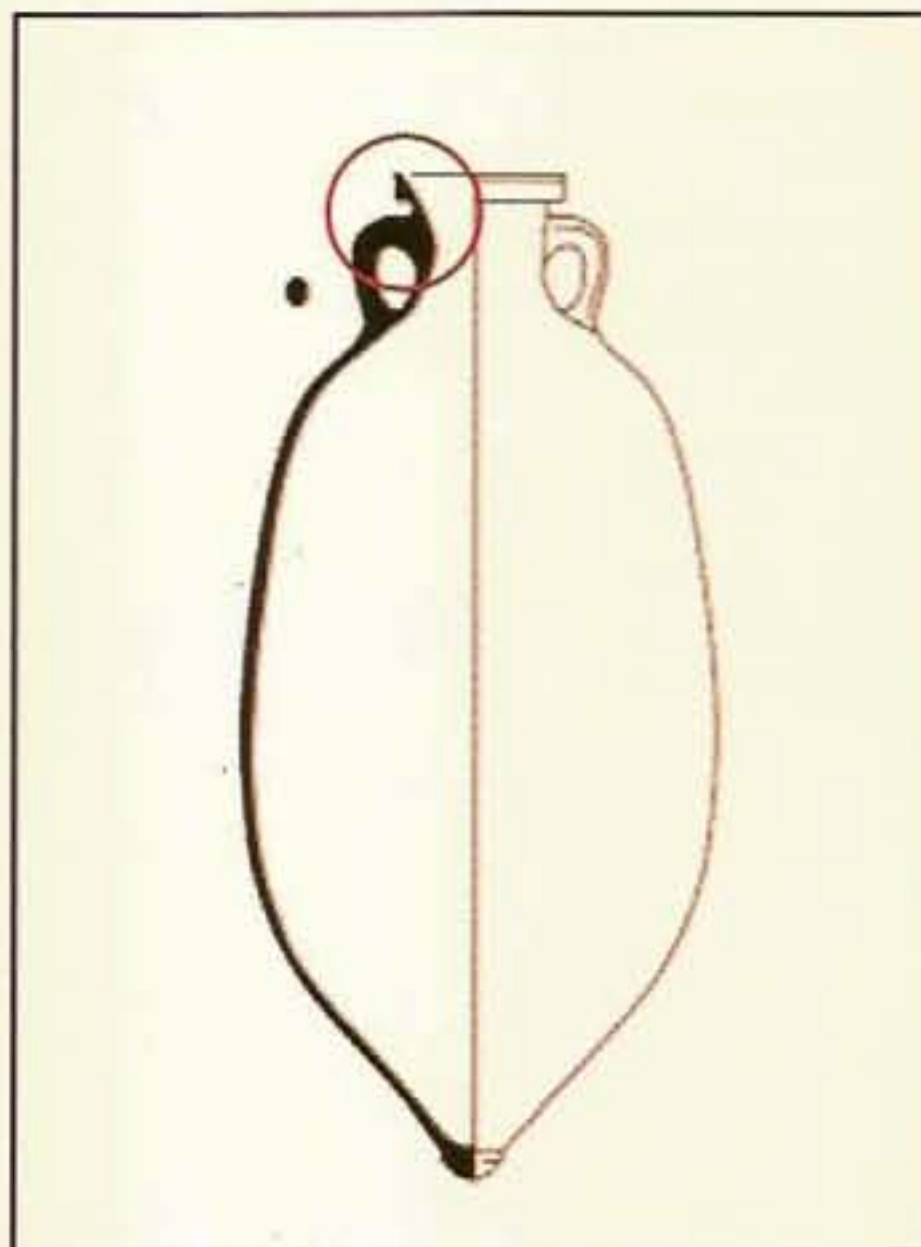
A. conserv. 3cm h.

Inédito / Unpublished

Fragmento de bordo de ânfora Mañá C2, de produção gaditana, destinada ao transporte de preparados de peixe / Rim sherd of an amphora of the Mañá C2 type, produced in the Gadir (Cádiz) area for transporting fish sauces

**7.**  
**Ânfora (fragmento) / Amphora (fragment)**  
 Cerâmica / Pottery  
 Romano: republicano (século II a.C.) / Roman: Republic  
 (2nd century B.C.)  
 Monte Molião  
 UNIARQ  
 Inv.nº / Nr.: 1671  
 A. conserv. 9cm h.  
 Inédito / Unpublished

Fragmento de bordo de ânfora de tipo tripolitana antiga de produção norte africana, destinada ao transporte de azeite / Rim sherd of an amphora of ancient tripolitain type, produced in North Africa for transporting olive oil



**8. (ver página 9)**  
**Estatueta do deus Mercúrio / Statuette of the god Mercury**  
 Bronze / Bronze  
 Romano: imperial / Roman: Empire  
 Monte Molião: necrópole / cemetery  
 Museu Nacional de Arqueologia  
 Inv.nº / Nr.: 1796  
 A. 8cm h.  
 Santos, 1972

Mercúrio de pé, na figura de um jovem efebo desnudo, segurando com a mão esquerda o emblemático caduceu e apresentando sobre a cabeça o não menos emblemático chapéu alado, o *petasus*, de abas largas, característico dos viajantes. Na mão direita, semifechada, podemos ainda ver agarrada a parte superior da bolsa, também vulgar atributo do deus Mercúrio / The god Mercury is standing as a naked ephesos, carrying in his left hand the herald's staff (caduceus with two entwined snakes) and covering his head with a winged hat (petasus), a feature for travellers; in his right, half-closed hand is still preserved the remain of a bag, also a common attribute of this god

**9.**  
**Espelho / Mirror**  
 Bronze / Bronze  
 Romano: imperial / Roman: Empire  
 Monte Molião: necrópole / cemetery  
 Museu Municipal Dr. Santos Rocha  
 Inv.nº / Nr.: 7552  
 13cm x 11cm  
 Inédito / Unpublished

Espelho rectangular, com decoração incisa / Rectangular mirror, incised decorations



10.

**Chave / Key**

Bronze / Bronze

Romano:imperial / Roman:Empire

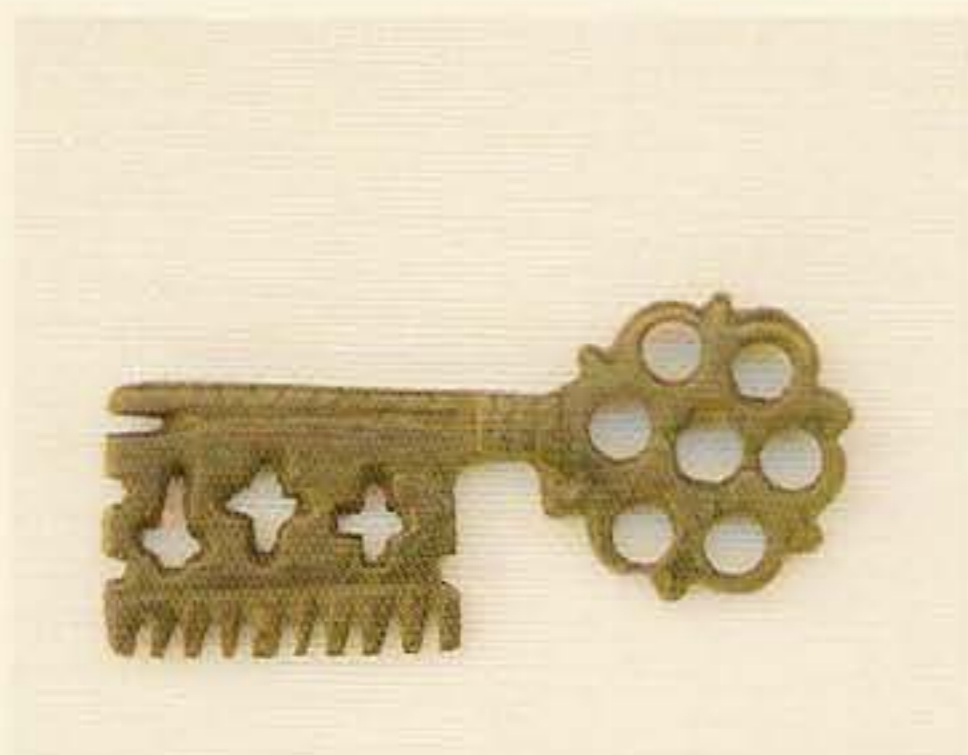
Monte Molião:necrópole? / cemetery?

Museu Municipal de Lagos

L.6,9cm.

Viana et al. [Formosinho & Ferreira], 1952

Pequena chave de bronze, com perfil denteado na sua extremidade / Small bronze key, with combed profile in the end



11.

**Chave / Key**

Bronze / Bronze

Romano:imperial / Roman:Empire

Monte Molião:necrópole? / cemetery?

Museu Municipal de Lagos

L.3,2cm

Viana et al. [Formosinho & Ferreira], 1952

Pequena chave de bronze, com perfil denteado na sua extremidade / Little bronze key, with clogged profile in the end

12.

**Jarro / Jug**

Bronze / Bronze

Romano:imperial / Roman:Empire

Monte Molião:necrópole? / cemetery?

Museu Municipal de Lagos

H. 10,2cm x Ø máx. 5,5cm

Viana et al. [Formosinho & Ferreira], 1952

Jarro de Bronze, cujo corpo globular representa cabeça de jovem efebo / Small bronze jug, with globular chaped featuring the head of an epebos



13.

**Pinça / Tweezers**

Bronze / Bronze

Romano:imperial / Roman:Empire

Monte Molião:necrópole? / cemetery?

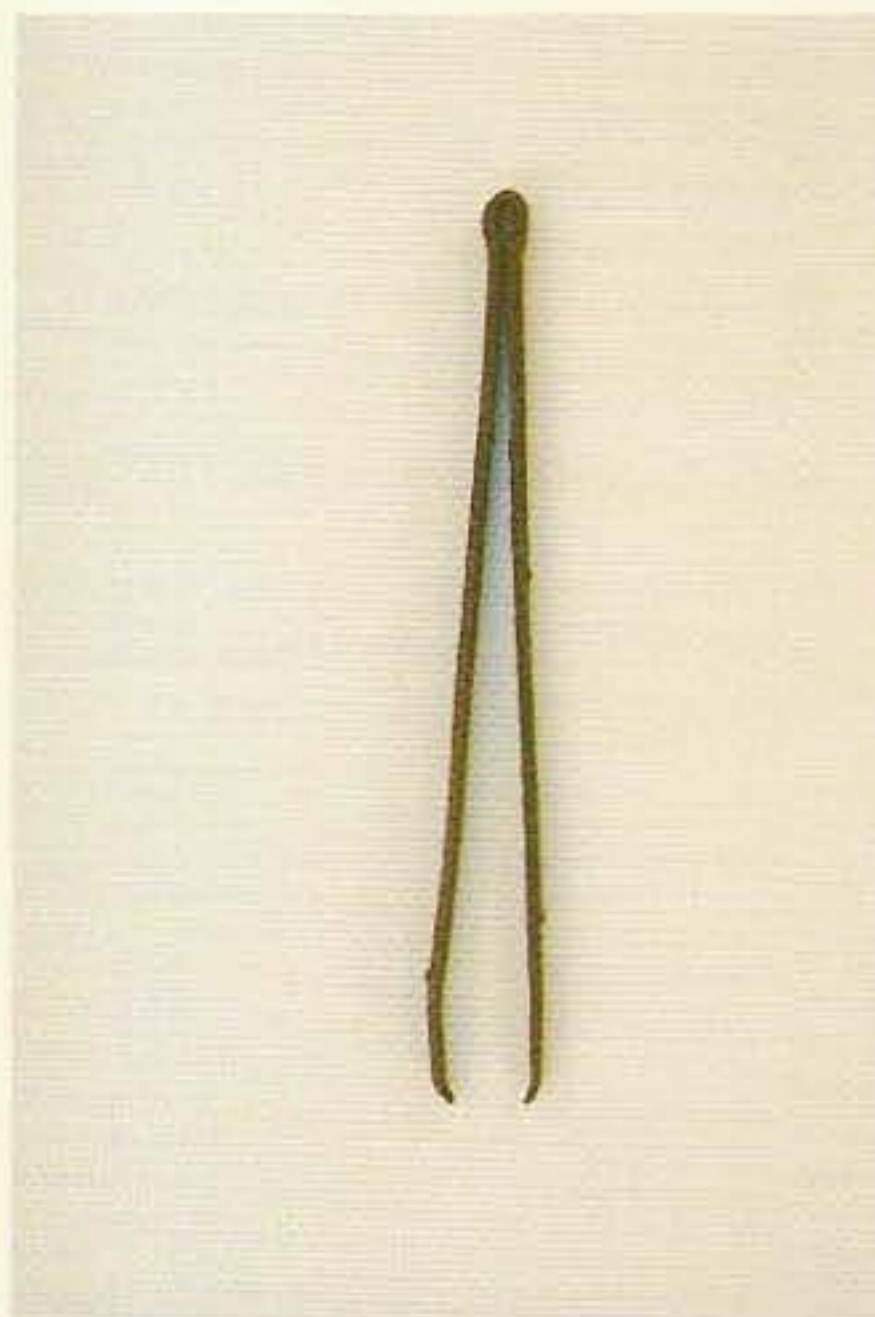
Museu Municipal de Lagos

Inv.nº / Nr.: A107

H. 11,3cm

Viana et al. [Formosinho & Ferreira], 1952

Pinça de bronze, completa / Bronze tweezers, complete



14. (ver página 17)

**Fuso de roca / Spindle**

Bronze e ferro / Bronze and iron

Romano:imperial / Roman:Empire

Monte Molião:necrópole? / cemetery?

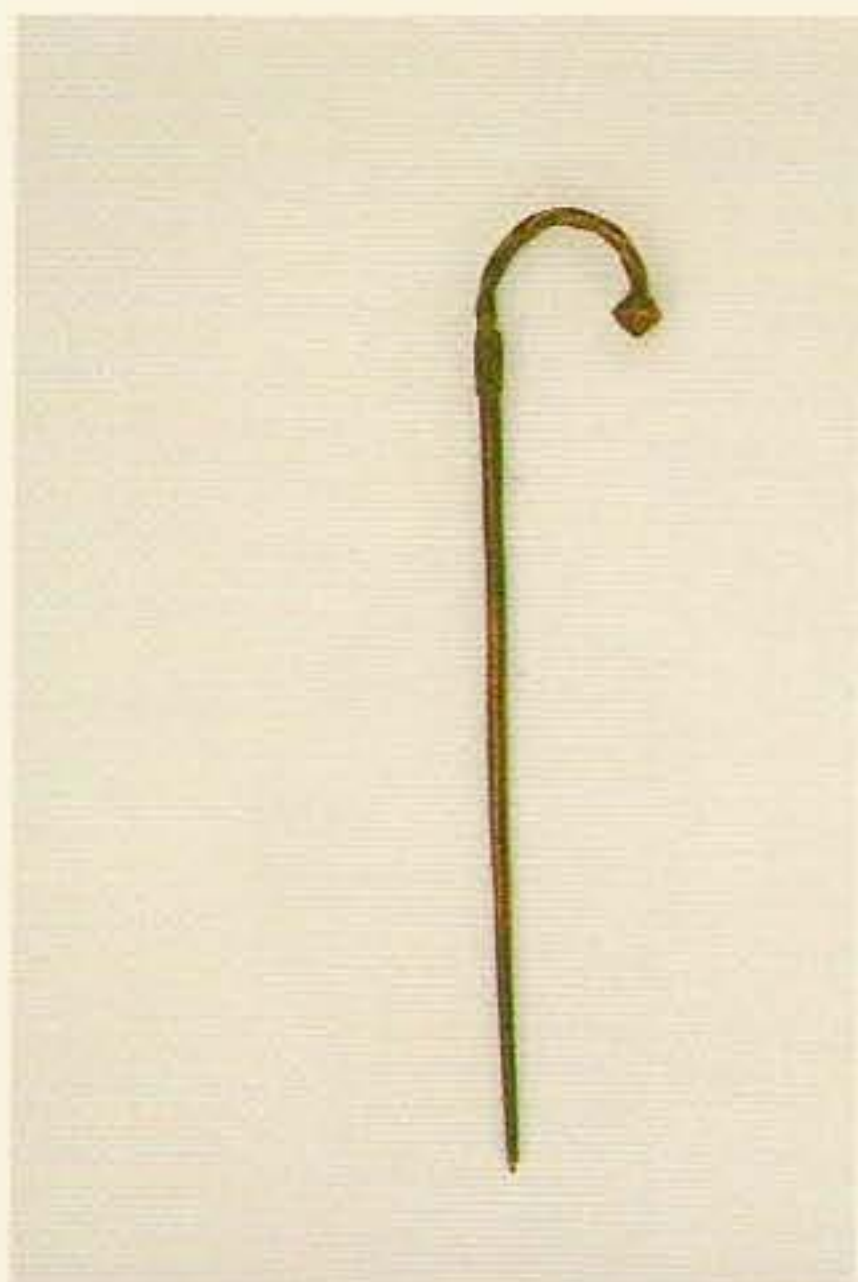
Museu Municipal de Lagos

Inv.nº / Nr.: 110

L. 6,9cm

Viana et al. [Formosinho & Ferreira], 1952

Haste de ferro, de secção circular, com volante formado por um disco de bronze, vasado em estrela de oito pontas /  
Iron spindle, with a bronze discoid spindle-whorl trim-decorated with an eight pointed star



15.

**Estilete / Stylus**

Bronze / Bronze

Romano:imperial / Roman:Empire

Monte Molião:necrópole? / cemetery?

Museu Municipal de Lagos

Inv.nº / Nr.: 2208

A. 12,2cm h.

Viana et al. [Formosinho & Ferreira], 1952

Estilete de bronze, com a parte superior ornamentada em estriado torço, rematando em botão gomado; apresenta na parte superior uma pequena secção quadrangular, com uma face lisa e as restantes três com incisões cruzadas em x /  
Bronze stylus, wired upper part with button end and rectangular in profile, with three of the faces decorated with x-shaped incisions

16.

**Contas de colar / Necklace beads**

Pasta vítrea / Glass

Idade do Ferro/Romano / Iron Age/Roman

Monte Molião: necrópole? / cemetery?

Museu Municipal de Lagos

Inv.nº / Nr.: 2209

Ø máx. 1 cm

Viana et al. [Formosinho & Ferreira], 1952

29 contas de colar de pasta vítrea, de secção geralmente circular ou ovalada / 29 glass beads circular or oval in section



17.

**Conta de colar / Necklace bead**

Cornalina / Carnelian

Romano: imperial / Roman: Empire

Monte Molião: necrópole? / cemetery?

Museu Municipal de Lagos

Inv.nº / Nr.: A2335

Ø 3cm

Viana et al. [Formosinho & Ferreira], 1952

Conta de colar de cornalina, de secção circular / Spherical carnelian necklace bead

18. (ver página 35)

**Askos / Askos**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (2ª metade do século II d.C. / Roman: Empire (second half of 2<sup>nd</sup> century A.D.)

Monte Molião: necrópole? / cemetery?

Museu Nacional de Arqueologia

Inv.nº / Nr.: 13784

H. 14cm

Santos, 1972; Delgado, 1971

Askos de Terra Sigillata Clara A, forma Hayes 123 / Samian askos, terra sigillata chiara A of the Hayes 123 form



19.

Prato / Table dish

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (séculos III/IV d.C. / Roman: Empire (3<sup>rd</sup>/4<sup>th</sup> century A.D.)

Monte Molião: necrópole? / cemetery?

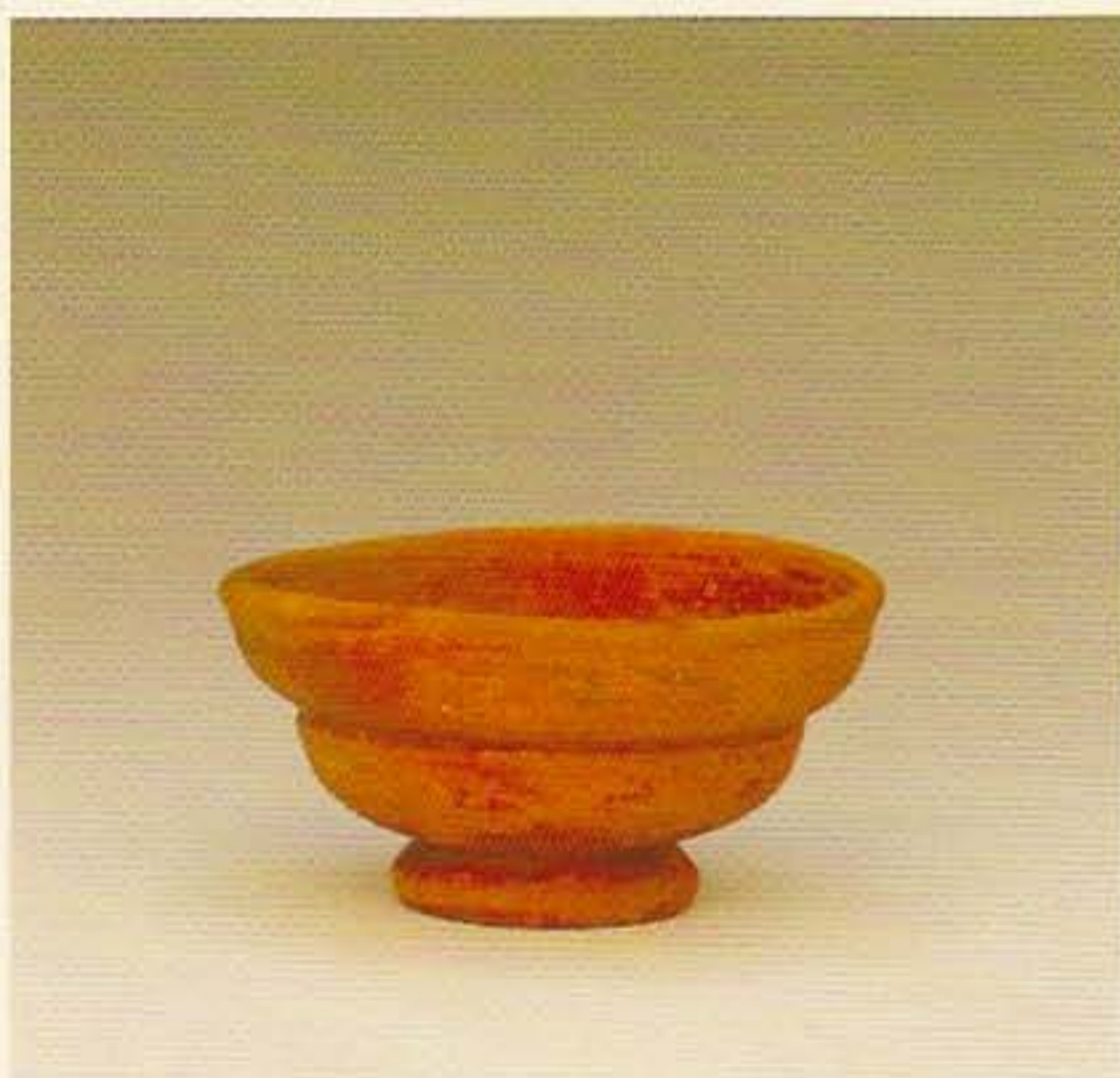
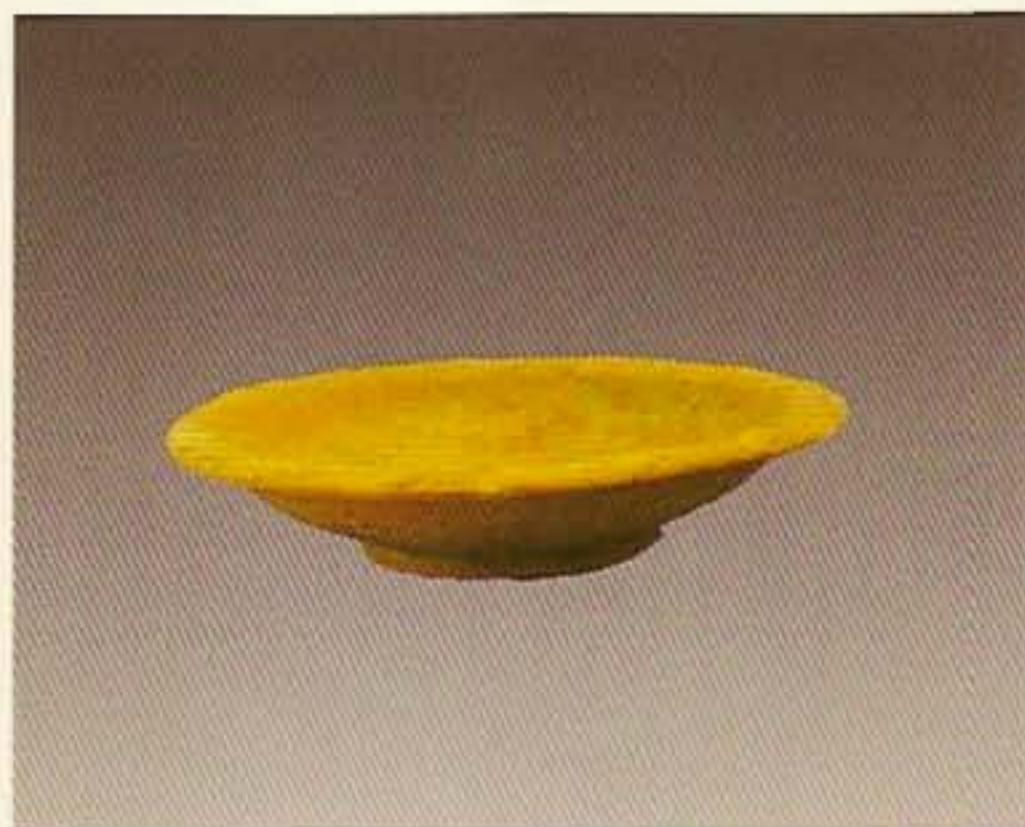
Museu Municipal Dr. Santos Rocha

Inv.nº / Nr.: 7556

Ø 5cm

Inédito / Unpublished

Prato de terra sigillata clara C, forma Hayes 50 / Samian dish, terra sigillata chiara C, Hayes 50 form



20.

Taça / Cup

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século I d.C. / Roman: Empire (1<sup>st</sup> century A.D.)

Monte Molião: necrópole? / cemetery?

Museu Municipal de Lagos

Inv.nº / Nr.: 92

Ø 7,2cm

Viana et al. [Formosinho; Ferreira], 1952

Taça de perfil completo, terra sigillata sudgálica, Dragendorff 27, de parede biconvexa, e bordo de secção semi-circular. Pé anelar. Marca no fundo interno, ainda que ilegível / South Gaul Samian cup of the Dragendorff 27 form, unreadable potters' stamp on the internal bottom

21.

Taça / Cup

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século I d.C. / Roman: Empire (1<sup>st</sup> century A.D.)

Monte Molião: necrópole? / cemetery?

Museu Municipal Dr. Santos Rocha

Inv.nº / Nr.: 99

Ø 13cm

Viana et al. [Formosinho; Ferreira], 1952

Taça de perfil completo, terra sigillata sudgálica, Dragendorff 27, de parede biconvexa, e bordo de secção semi-circular. Pé anelar. Marca no fundo interno, ainda que ilegível / South Gaul Samian cup of the Dragendorff 27 form, unreadable potters' stamp on the internal base and a zigzag scratch on the external body.



**22. (ver página 16)**

**Taça /Cup**

Cerâmica /Pottery

Romano: imperial (20-60 d.C.) /Roman: Empire (20-60 A.D.)

Monte Molião: necrópole? /cemetery?

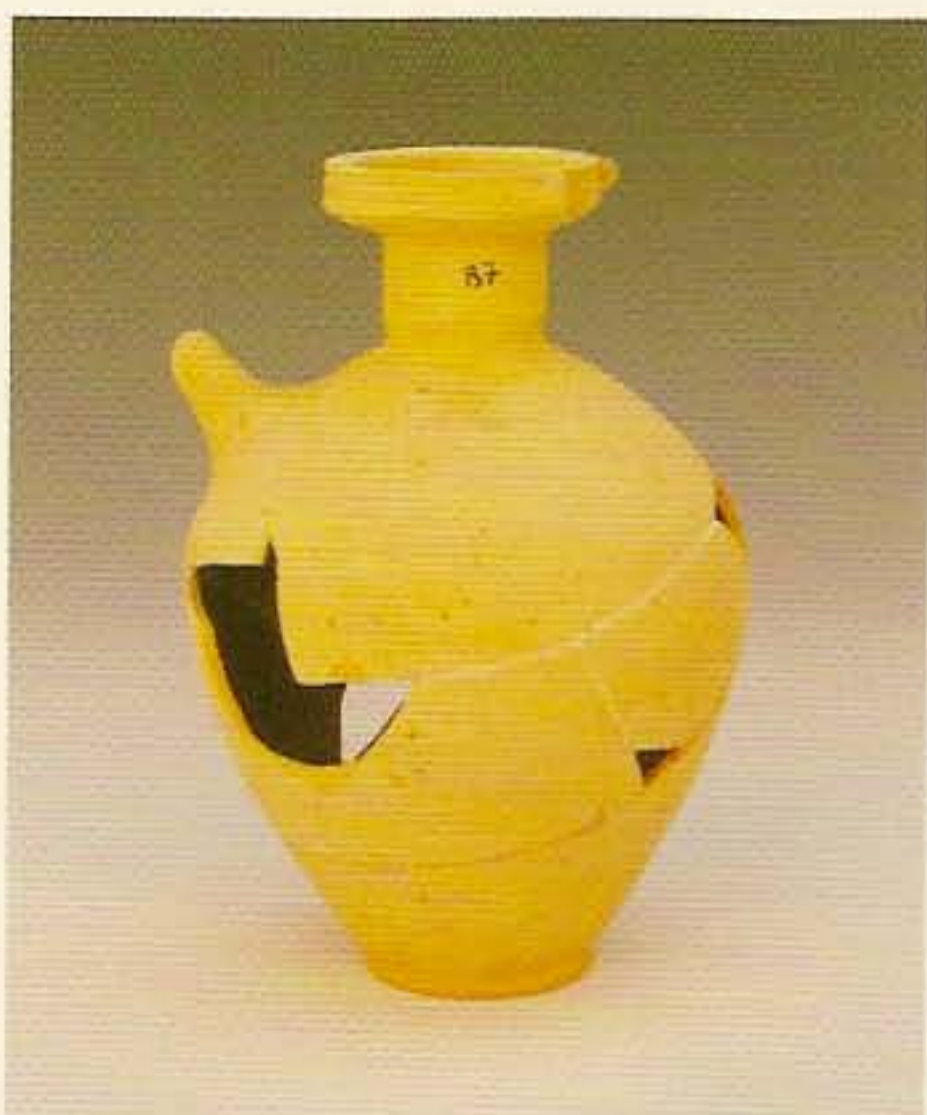
Museu Municipal de Lagos

Inv.nº /Nr.: 97

Ø 11 cm

Viana et al. [Formosinho; Ferreira], 1952

Taça de perfil completo, com bordo vertical e moldura externa bem marcada. *Terra sigillata* sudgálica, de tipo marmoreada, Dragendorff 24/25. Pé anelar. Apresenta decoração em guilhoché na superfície externa, entre o bordo e a moldura. Tem marca no fundo interno, ainda que ilegível / *South Gaul samian cup of the marmorata type, Dragendorff 24/25 form, showing complete profile, with vertical rim and external moulding; rouletted decoration on the external surface, between rim and frame; annular foot; unreadable potters' stamp on the internal base*



**25. (ver página 43)**

**Vaso /Vessel**

Cerâmica /Pottery

Romano: imperial (século I d.C.) /Roman: Empire (1<sup>st</sup> century A.D.)

Monte Molião: necrópole /cemetery

Museu Municipal Dr. Santos Rocha

A. 19 cm h.

Inédito /Unpublished

Vaso de colo alto, forma Mayet LII, com o corpo globular e fundo plano / *Thin-walled vessel of the Mayet LII form, with long neck, globular body and plain base*

**23. (ver página 17)**

**Unguentário /Unguentar**

Vidro /Glass

Romano: imperial /Roman: Empire

Monte Molião: necrópole /cemetery

Museu Municipal de Lagos

Inv.nº /Nr.: 105

A. 11,6 cm h.

Viana et al. [Formosinho; Ferreira], 1952

Unguentário de vidro, de perfil completo, bordo exvasado e fundo convexo. O reservatório é de perfil tronco-cônico / *Glass unguentary (perfume phial), showing its complete profile, outward rim, conical shaped reservoir and convex bottom*

**24.**

**Vaso /Spouted vessel**

Cerâmica /Pottery

Romano: imperial (século I d.C.) /Roman: Empire (1<sup>st</sup> century A.D.)

Monte Molião: necrópole /cemetery

Museu Municipal de Lagos

Inv.nº /Nr.: 87

A. 15,6 cm h.

Viana et al. [Formosinho; Ferreira], 1952

Vaso com colo alto, Mayet LII, fechado na sua parte interna por uma espécie de filtro, pouco espesso. O corpo é de tendência globular, estreitando à medida que se aproxima do fundo. Apresenta um bico vertedor na zona da pança / *Thin-walled vessel of the Mayet LII form; the long neck is closed inside by a sort of thin strainer; globular body growing narrow towards the base; spout on the upper part of the body*



26.

**Lucerna / Oil lamp**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século I d.C. / Roman: Empire (1<sup>st</sup> century A.D.)

Monte Molião: necrópole / cemetery

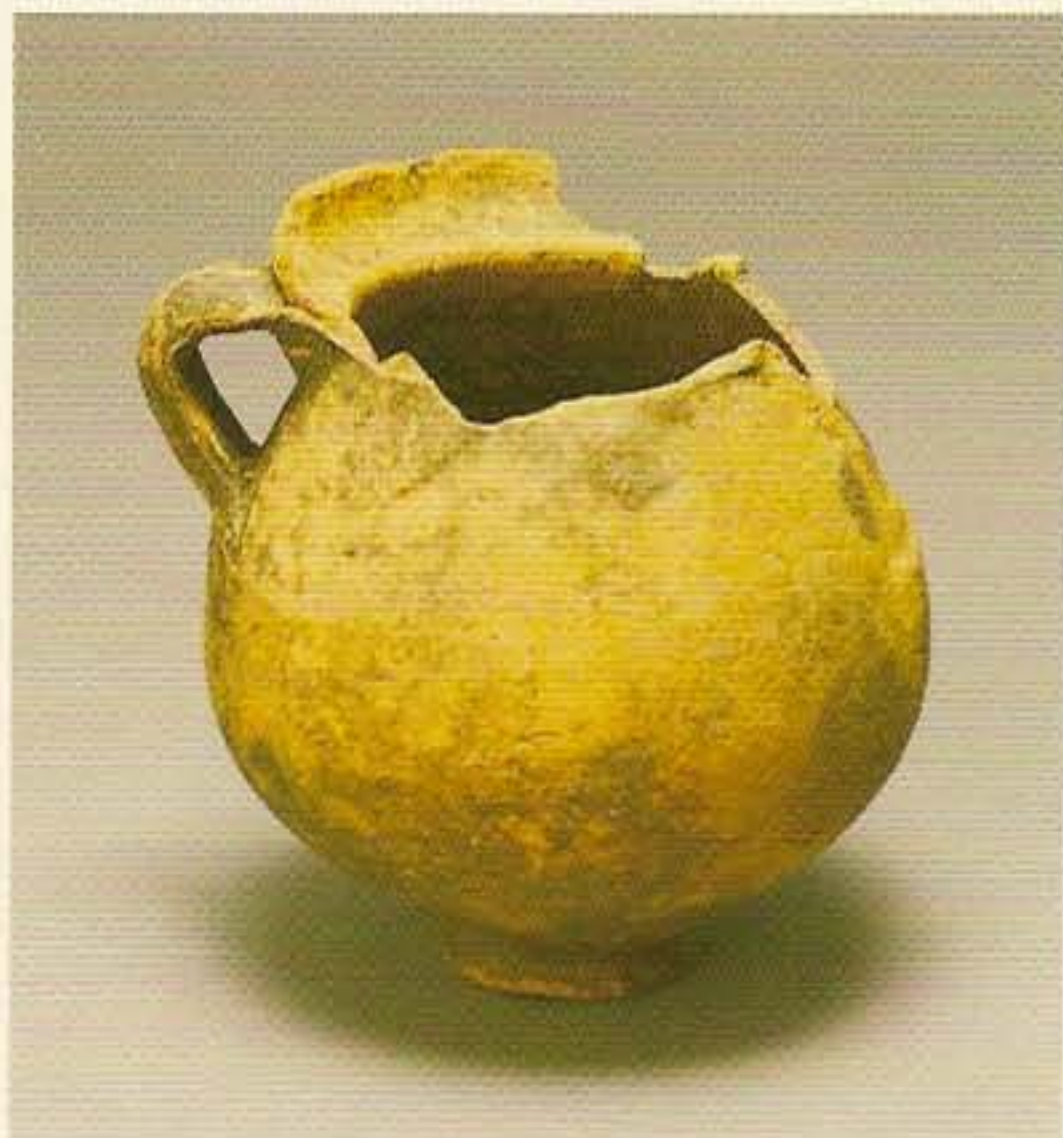
Museu Municipal de Lagos

Inv.nº / Nr.: 101

L. 15,6cm.

Viana et al. [Formosinho; Ferreira], 1952

Lucerna de perfil completo, com decoração incisa, em forma de cruz, no disco / Clay oil lamp, showing a cross decorating the disc



27.

**Potinho / Small pot**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial / Roman: Empire

Monte Molião: necrópole / cemetery

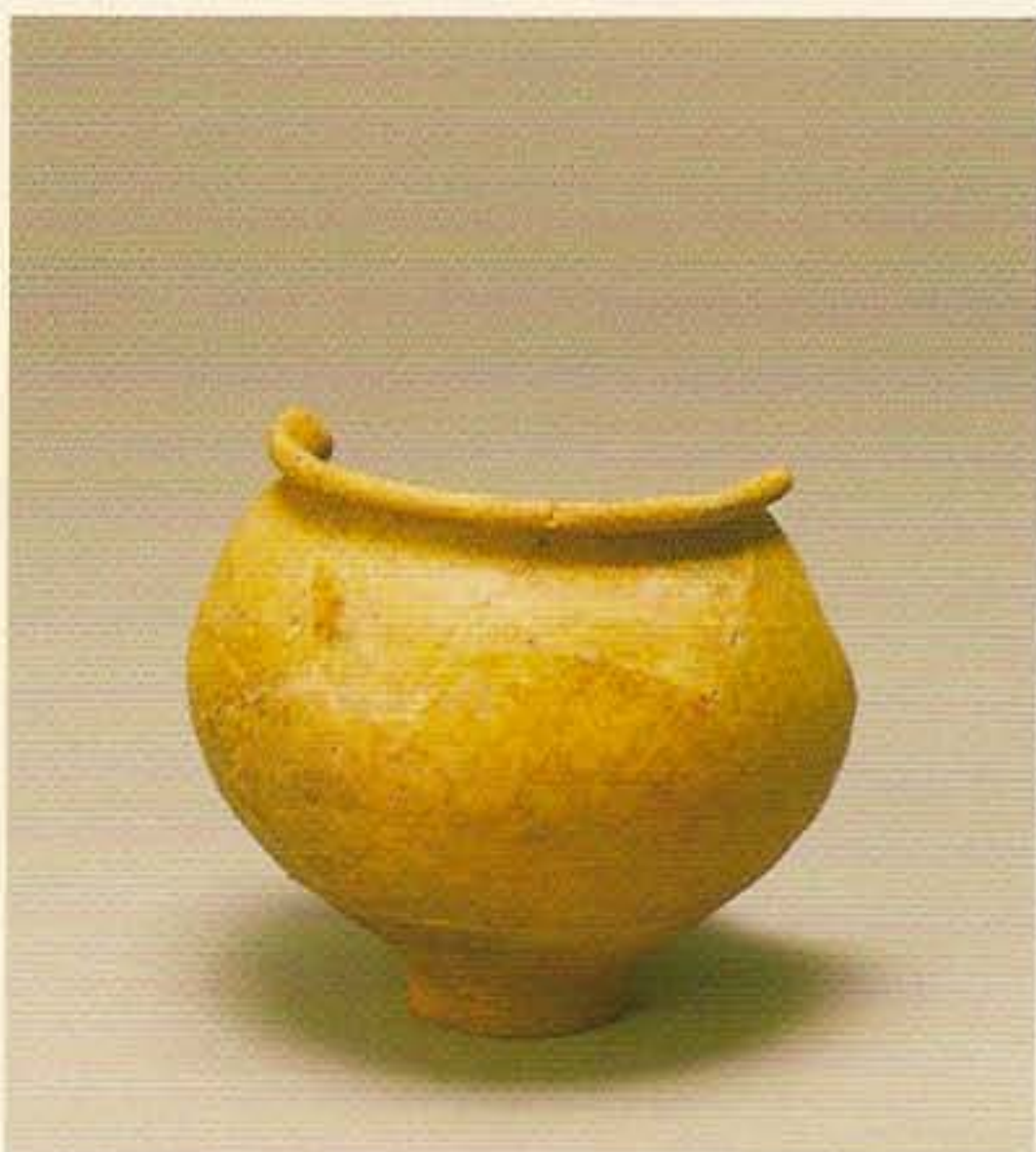
Museu Nacional de Arqueologia

Inv.nº / Nr.: 15531

A. 13cm h.

Inédito / Unpublished

Potinho de perfil em S com duas asas sobre o bordo / Small s-shaped pot with two handles on the rim



28.

**Potinho / Small pot**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial / Roman: Empire

Monte Molião: necrópole / cemetery

Museu Nacional de Arqueologia

Inv.nº / Nr.: 150.18

A. 11cm h.

Inédito / Unpublished

Potinho de perfil em S com duas asas sobre o bordo / Small s-shaped pot with two handles on the rim

**29.**

**Jarrinha / Small jug**

Cerâmica / Pottery

Romano:imperial / Roman:Empire

Monte Molião:necrópole / cemetery

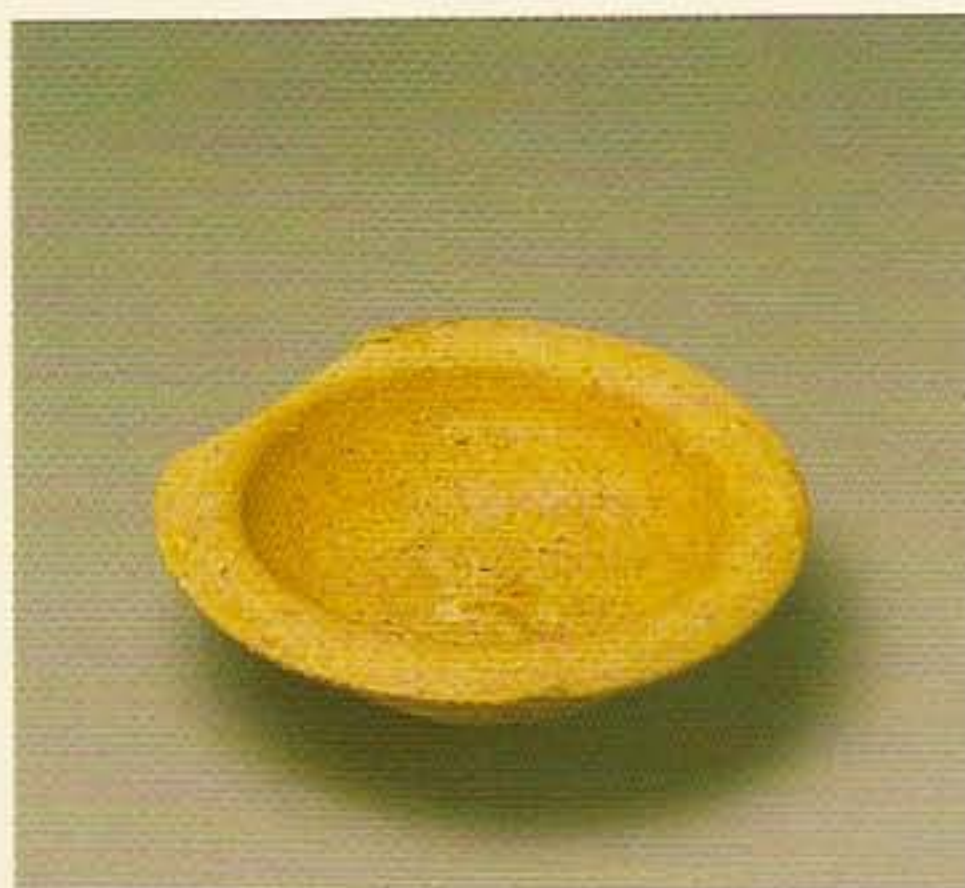
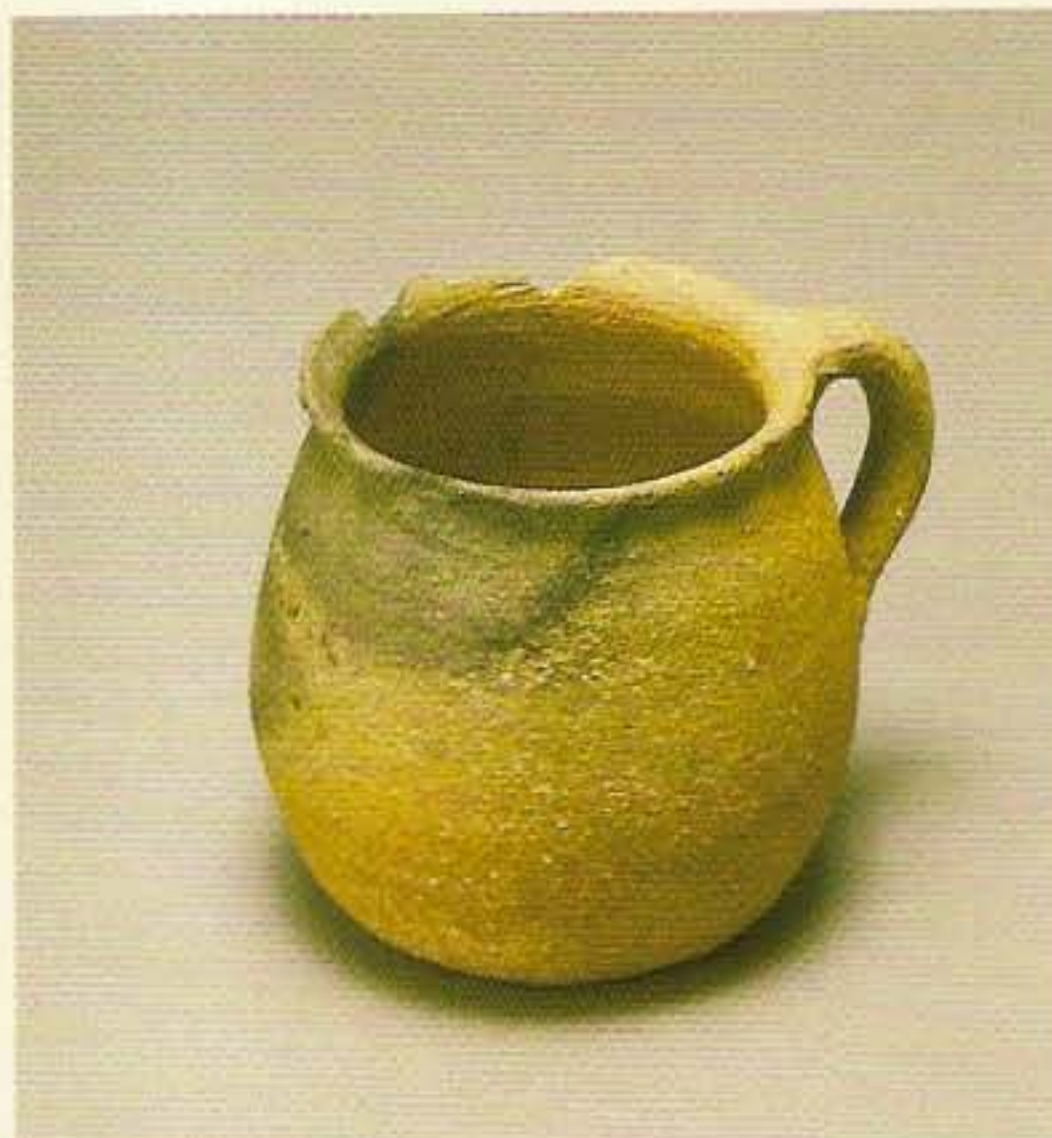
Museu Nacional de Arqueologia

Inv.nº / Nr.:2006.97.88

A.8cm h.

Inédito / Unpublished

Jarrinha de perfil em S, de fundo plano com uma asa sobre o bordo / Small s-shaped jug with one handle on the rim, plain base



**30.**

**Taça / Cup**

Cerâmica / Pottery

Romano:imperial / Roman:Empire

Monte Molião:necrópole / cemetery

Museu Nacional de Arqueologia

Inv.nº / Nr.:2006.97.87

A.9,8cm h.

Inédito / Unpublished

Taça de bordo exvertido, com o fundo côncavo / Cup with outward rim, bottom concave

**31.**

**Pequeno pote / Small pot**

Cerâmica / Pottery

Romano:imperial / Roman:Empire

Monte Molião:necrópole / cemetery

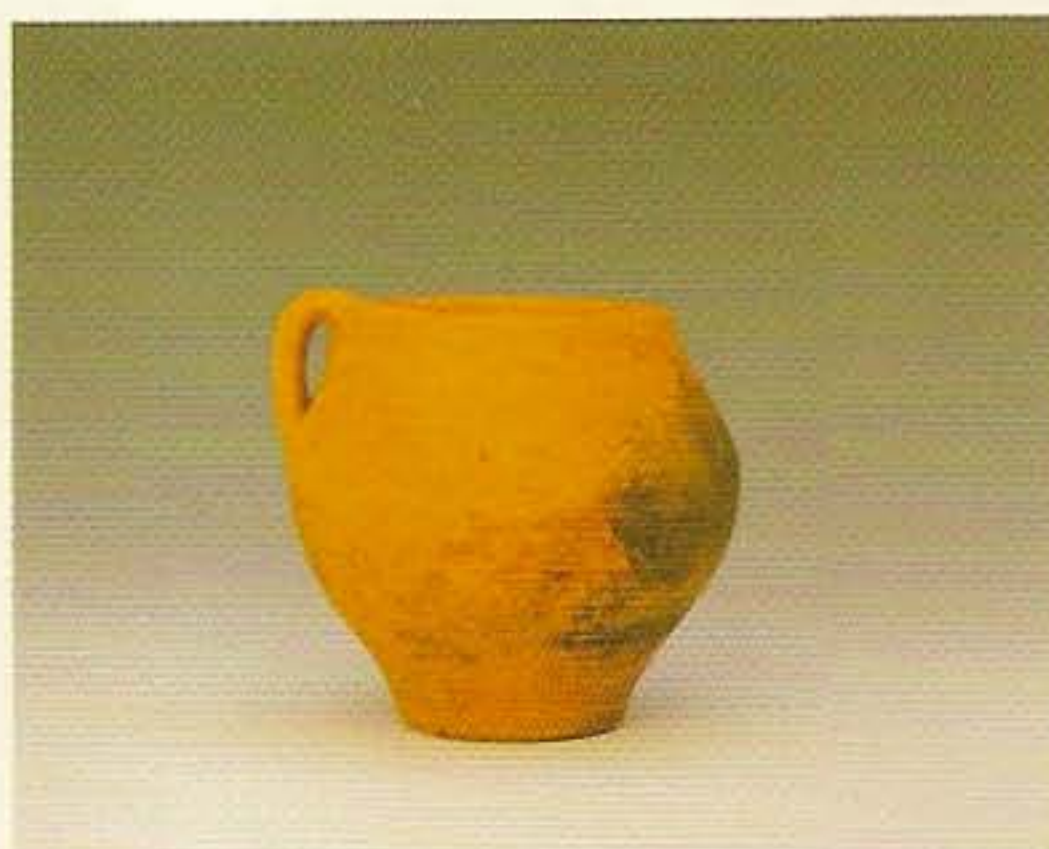
Museu Municipal de Lagos

Inv.nº / Nr.:2336

A.8,8cm h.

Viana et al. [Formosinho; Ferreira], 1952

Pequeno pote de perfil completo, com uma asa, de secção oval e fundo plano / Small pot, one handle oval in section, plain base.



**32. (ver página 16)**

**Urna cinerária / Cinerary urn**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial / Roman: Empire

Monte Molião: necrópole / cemetery

Museu Municipal de Lagos

Inv.nº / Nr.: 86

A. 23,4cm h.

Viana et al. [Formosinho; Ferreira], 1952

Vaso de perfil completo, de bordo exvasado e pequeno lábio pendente, com um colo ligeiramente estrangulado, terminando com um pequeno sulco. O corpo é de tendência ovóide e o fundo é plano. Apresenta uma banda pintada, de cor violácea, sobre o bordo / Entire vessel, outward rim with a small hanging lip, slightly strangled neck with a small groove at the edge; oval-shaped body, plain base; painted, violet colour band on the rim

**34. (ver página 15)**

**Copo / Glass**

Vidro / Glass

Romano: imperial (século IV) / Roman: Empire (4th century A.D.)

Fonte Velha de Bensafrim: necrópole / cemetery

Museu Municipal Dr. Santos Rocha

Inv.nº / Nr.: 4468

A. 11,4cm h.

Alarcão & Alarcão, 1952; Santos, 1972

Copo de paredes oblíquas decorado com duas linhas e três faixas paralelas. Vidro transparente de cor verde relva / Glass with walls growing narrow towards the base, decorated with two lines and three parallel bands; transparent, grass green coloured glass

**36.**

**Unguentário / Unguentar**

Vidro / Glass

Romano: imperial / Roman: Empire

Fonte Velha de Bensafrim: necrópole / cemetery

Museu Municipal Dr. Santos Rocha

Inv.nº / Nr.: 4451

A. 10,9cm h.

Alarcão & Alarcão, 1964; Santos, 1972

Unguentário tubular. O gargalo estrangulado, na base, e bordo liso, em aresta. Vidro de cor de álcool desnaturado / Tubular shaped unguentary (perfume phial); strangled neck, flat rim; green coloured glass

**33. (ver página 43)**

**Jarro / Jug**

Vidro / Glass

Romano: imperial (século I/II) / Roman: Empire (1<sup>st</sup>/2<sup>nd</sup> century A.D.)

Fonte Velha de Bensafrim: necrópole / cemetery

Museu Municipal Dr. Santos Rocha

Inv.nº / Nr.: 4460

A. 10,5cm h.

Alarcão & Alarcão, 1952; Santos, 1972

Jarro de corpo globular e fundo côncavo, colo baixo e lábio arredondado. Asa virguliforme. Bojo decorado com fios de vidro da mesma cor do vaso. Vidro transparente, quase incolor / Globular shaped jug, base concave, low neck, rounded rim; comma-shaped handle; the body is decorated with glass threads of the same colour as the vessel; transparent, almost

**35. (ver página 15)**

**Unguentário / Unguentar**

Vidro / Glass

Romano: imperial / Roman: Empire

Fonte Velha de Bensafrim: necrópole / cemetery

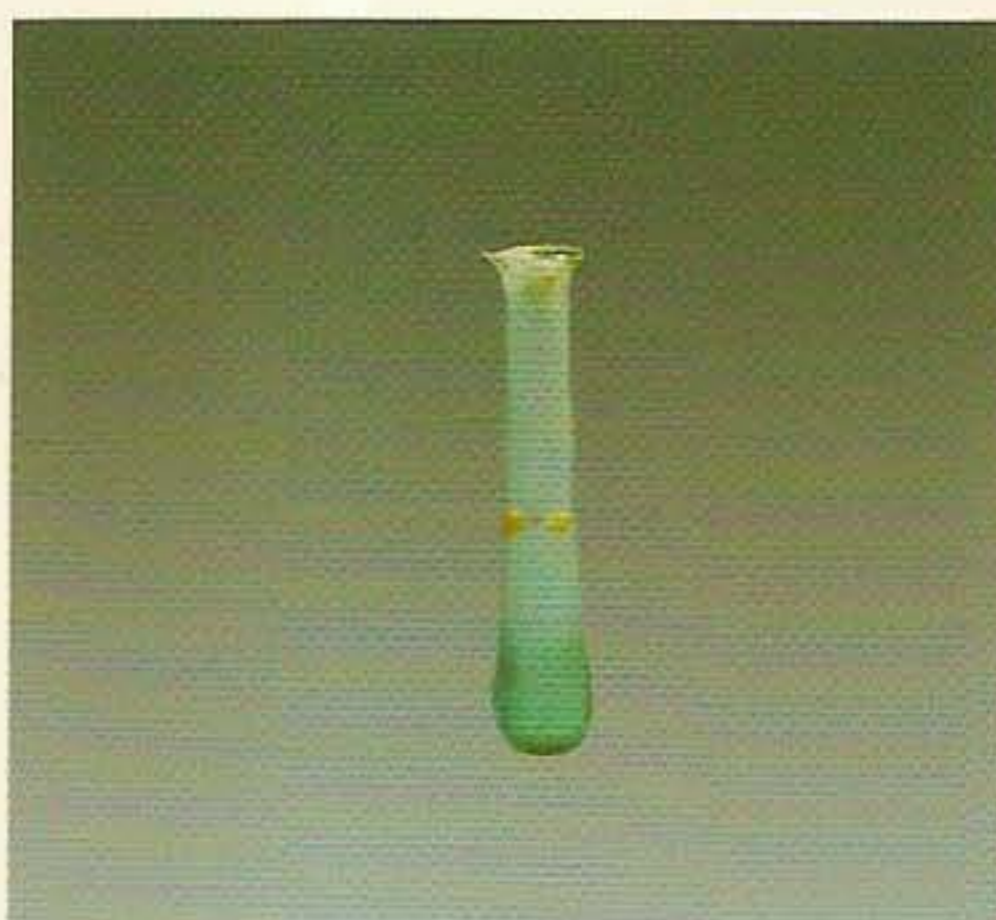
Museu Municipal Dr. Santos Rocha

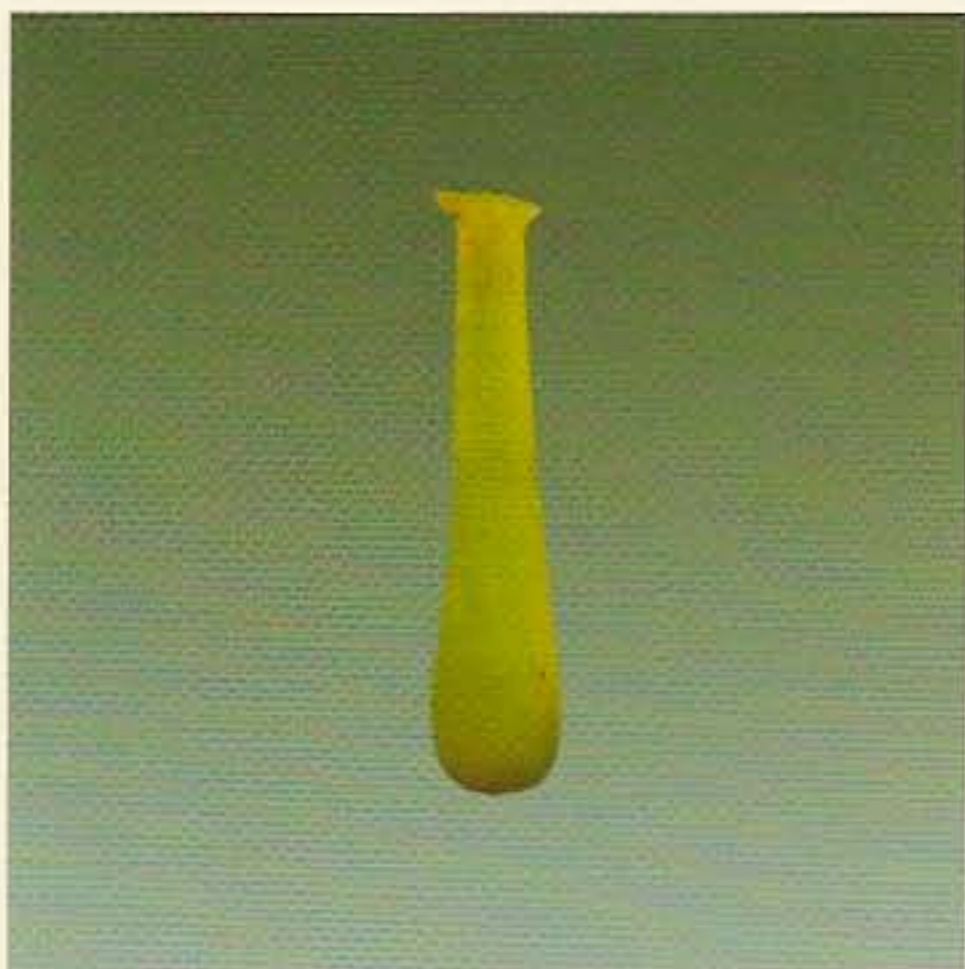
Inv.nº / Nr.: 4448

A. 12,2cm h.

Alarcão & Alarcão, 1964; Santos, 1972

Unguentário, tronco-cônico, de base côncava. O gargalo alto e tubular, terminando num bocal em forma de funil estrangulado na base. Vidro de cor de álcool desnaturado / Conical shaped unguentary (perfume phial), base concave; high, tubular-shaped neck, with strangled funnel-mouth; green coloured glass





37.

**Unguentário / Unguentar**

Vidro / Glass

Romano:imperial / Roman:Empire

FonteVelha de Bensafrim:necrópole / cemetery

Museu Municipal Dr.Santos Rocha

Inv.nº / Nr.:4452

A. 10,9cm h.

Alarcão & Alarcão, 1964; Santos, 1972

Unguentário tubular. O fundo ligeiramente côncavo, com estrangulamento na base do gargalo. Bordo irregular. Vidro de cor verde / Tubular shaped unguentarium (perfume phial), base slightly concave; strangled neck, irregular rim; green coloured glass

38. (ver página 42)

**Urna cinerária / Cinerary urn**

Cerâmica / Pottery

Romano:imperial / Roman:Empire

FonteVelha de Bensafrim:necrópole / cemetery

Museu Municipal Dr.Santos Rocha

A.25cm h.

Santos, 1972

Corpo ovóide e bordo exvertido / Oval-shaped, outward rim

39.

**Prato / Dish**

Cerâmica / Pottery

Romano:imperial / Roman:Empire

FonteVelha de Bensafrim:necrópole / cemetery

Museu Municipal Dr.Santos Rocha

Inv.nº / Nr.:4482

Ø 16,5cm

Santos, 1972

Prato de terra sigillata sud gálica, Dragendorff 36 / South Gaul samian dish of the Dragendorff 36 form

40.

**Prato / Dish**

Cerâmica / Pottery

Romano:imperial / Roman:Empire

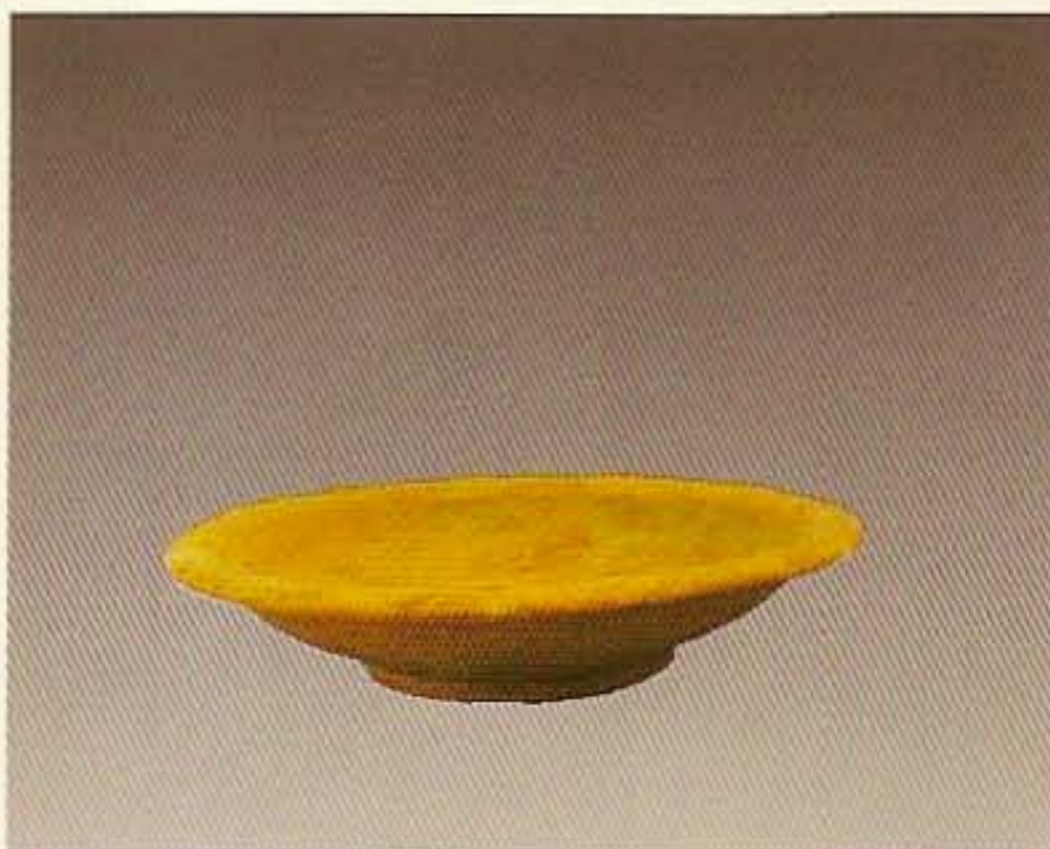
FonteVelha de Bensafrim:necrópole / cemetery

Museu Municipal Dr.Santos Rocha

Ø 13,0cm

Santos, 1972

Prato de terra sigillata sud gálica, Dragendorff 35 / South Gaul samian dish of the Dragendorff 35 form





41.

**Prato / Dish**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial / Roman: Empire

Fonte Velha de Bensafrim: necrópole / cemetery

Museu Municipal Dr. Santos Rocha

Inv.nº / Nr.: 4483

Ø 9,5cm

Santos, 1972

Prato de terra sigillata sud gálica, Dragendorff 35/  
South Gaul samian dish of the Dragendorff 35 form

42.

**Mosaico / Mosaic**

Calcário / Limestone

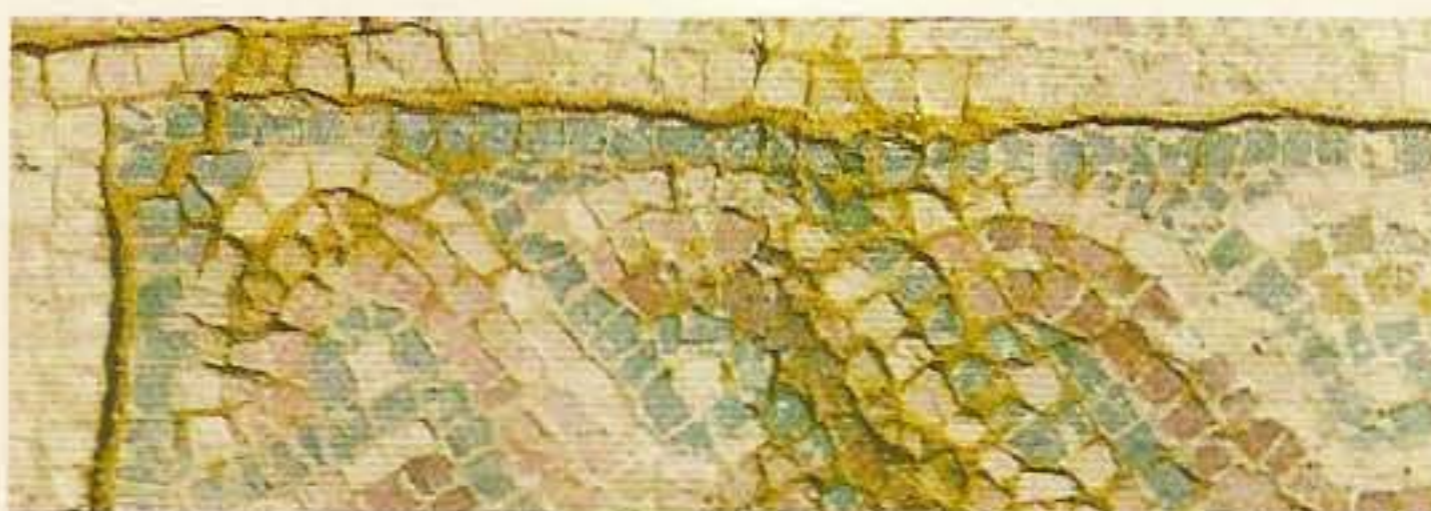
Romano: imperial / Roman: Empire

Meia Praia: villa

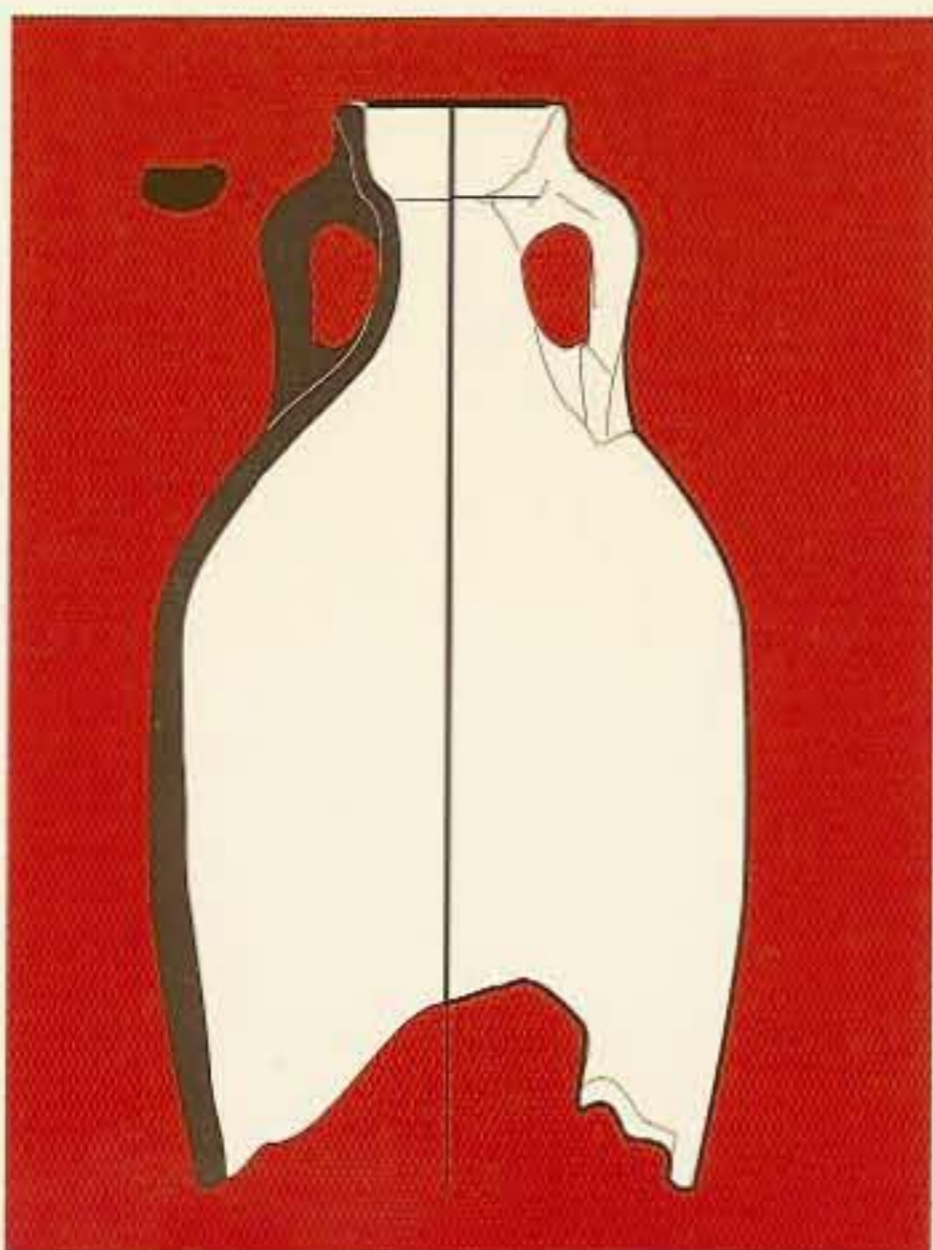
Museu Municipal de Lagos

C. cons. 2,5m x L. cons. 2,5m

Inédito / unpublished



Mosaico de padrão geométrico, utilizando tessellae de cor branca, cinzento, vários tons de rosa, ocre, vermelho e verde, que assentam sobre um suporte constituído por duas camadas sucessivas de argamassas de cal / Mosaic showing a geometric pattern, using white, grey, several rose, ochre, red and green coloured tessellae, originally fixed on a floor using two different layers of lime mortar



43.

**Ânfora / Amphora**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século V) / Roman: Empire (5<sup>th</sup> century A.D.)

Lagos, Rua Silva Lopes

IPA / Silves

Inv.nº / Nr.: 401

Ø máx. 24cm

Ramos et al. [Almeida; Laço], 2006

Parte superior de uma ânfora do tipo Almagro 51 a/b de produção algarvia, destinada ao transporte de preparados de peixe / Upper part of an amphora of the Almagro 51 a/b type, produced in Algarve for transporting fish sauces

44.

**Ânfora / Amphora**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século III/IV) / Roman: Empire  
(3<sup>rd</sup>/4<sup>th</sup> century A.D.)

Lagos, Rua Silva Lopes

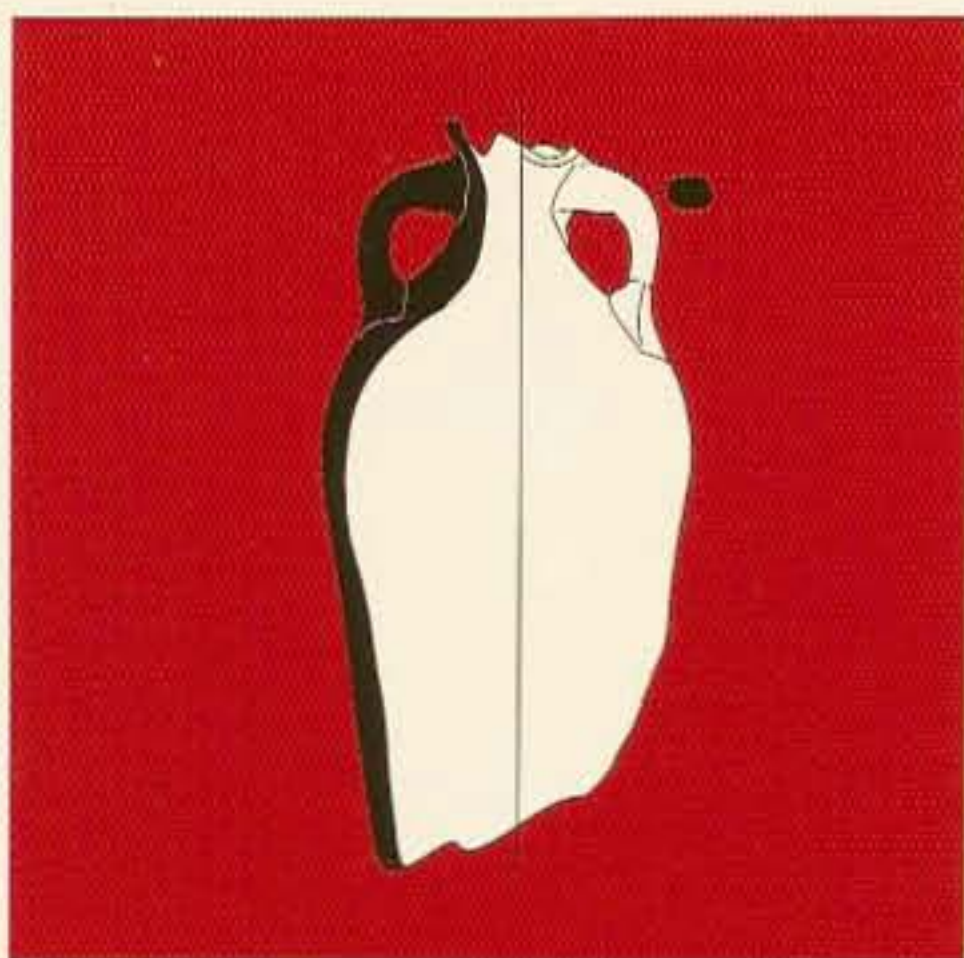
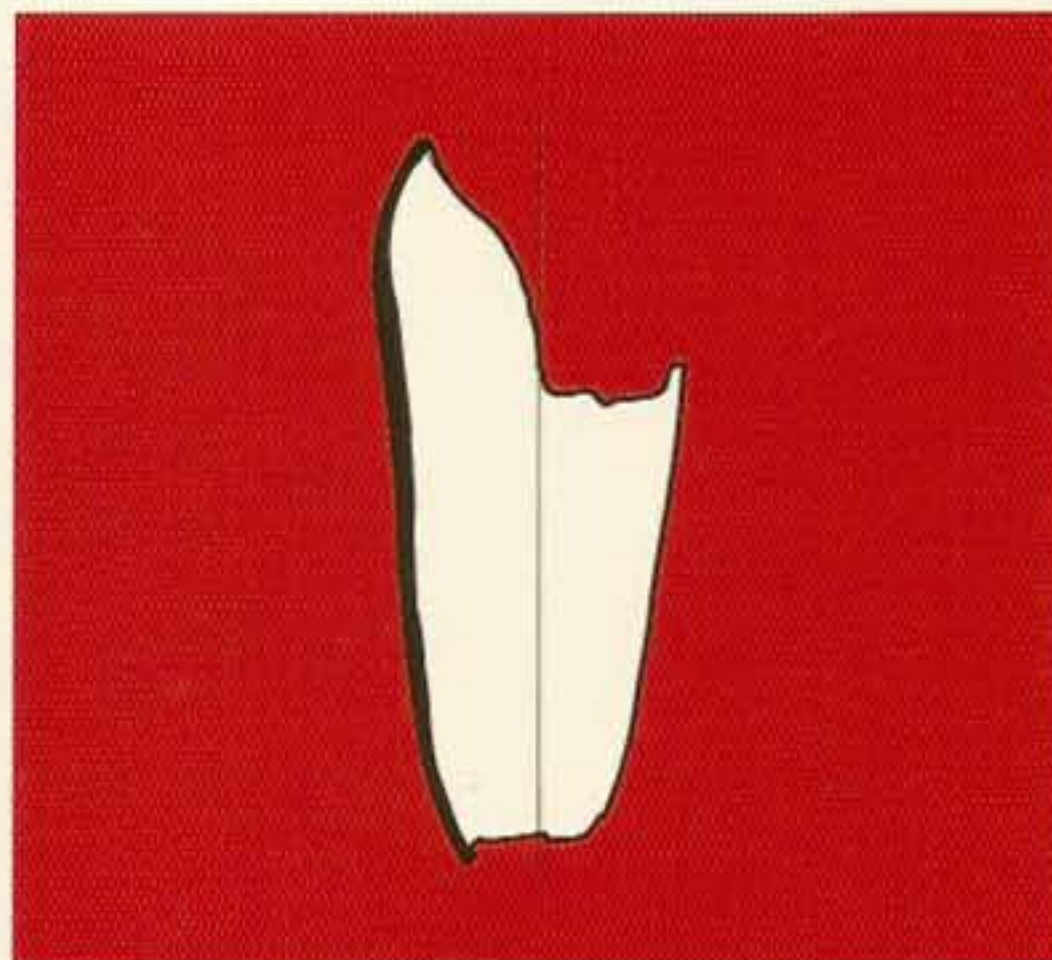
IPA / Silves

Inv.nº / Nr.: Lgs.A.2.11

Ø máx. 24cm

Inédito / Unpublished

Corpo de ânfora de tipo Almagro 51, de produção algarvia, destinada ao transporte de preparados de peixe / Body of an amphora of the Almagro 51 type, produced in Algarve for transporting fish sauces



45.

**Ânfora / Amphora**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século III/IV) / Roman: Empire  
(3<sup>rd</sup>/4<sup>th</sup> century A.D.)

Lagos, Rua Silva Lopes

IPA / Silves

Inv.nº / Nr.: Lgs.A.2.11

Ø máx. 32cm

Inédito / Unpublished

Colo, corpo e asas de ânfora de tipo Almagro 51, de produção algarvia, destinada ao transporte de preparados de peixe / Neck, body and handles of an amphora of the Almagro 51 type, produced in Algarve for transporting fish sauces

46.

**Ânfora / Amphora**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século III/IV) / Roman: Empire  
(3<sup>rd</sup>/4<sup>th</sup> century A.D.)

Lagos, Rua Silva Lopes

IPA / Silves

Inv.nº / Nr.: Lgs.A.2.11

Ø cons. 25 cm

Inédito / Unpublished

Corpo e fundo de ânfora de tipo Almagro 51, de produção algarvia, destinada ao transporte de preparados de peixe / Body and bottom of an amphora of the Almagro 51 type, produced in Algarve for transporting fish sauces





**47.**

**Funil / Funnel**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século III/IV) / Roman: Empire (3<sup>rd</sup>/4<sup>th</sup> century A.D.)

Lagos, Rua Silva Lopes

IPA / Silves

Inv.n<sup>o</sup> / Nr.: 450

Ø 21,5cm

Ramos et al. [Almeida; Laço], 2006

**48.**

**Cântaro / Jug**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século III/IV) / Roman: Empire (3<sup>rd</sup>/4<sup>th</sup> century A.D.)

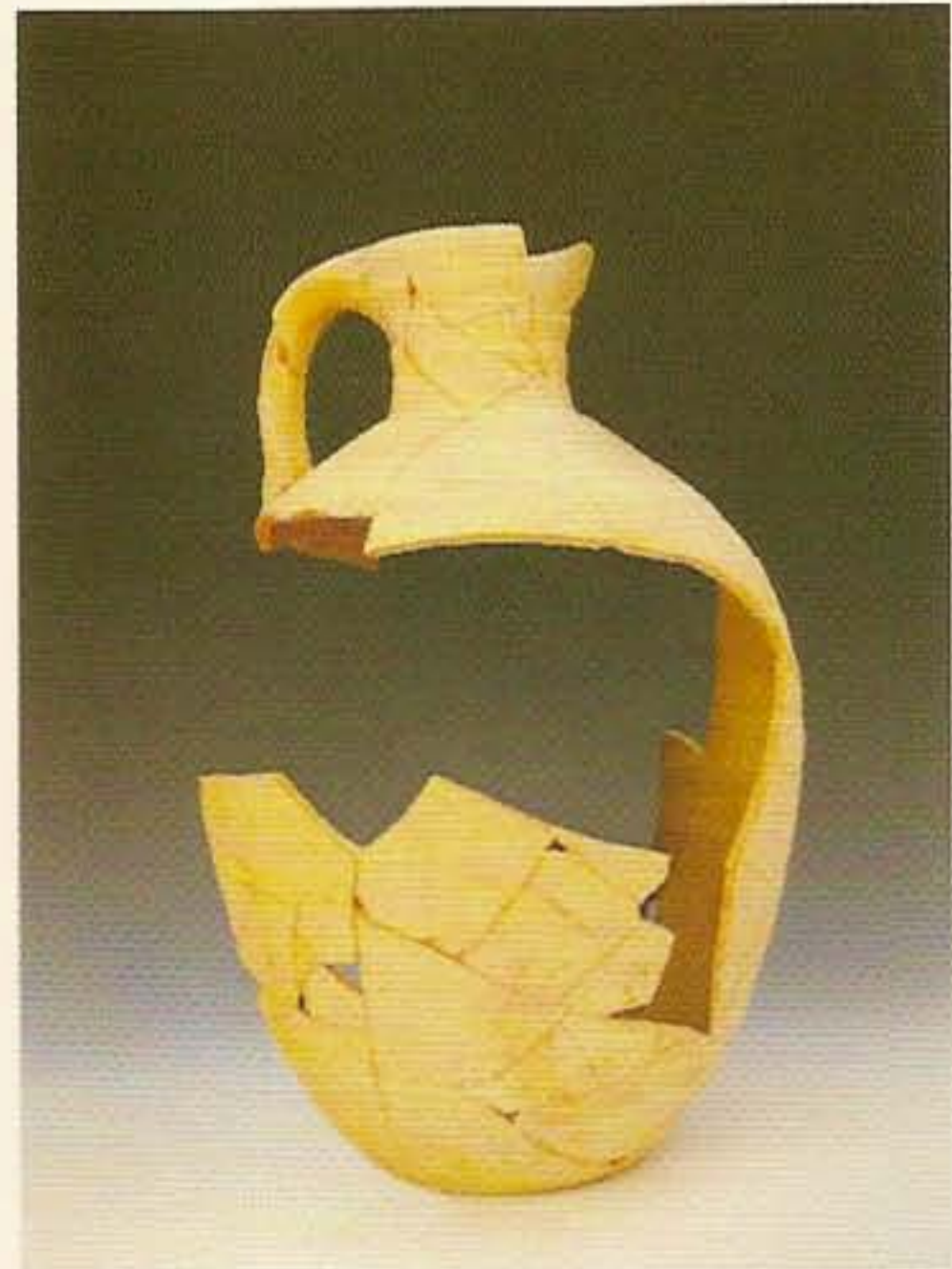
Lagos, Rua Silva Lopes

IPA / Silves

Inv.n<sup>o</sup> / Nr.: 400

A. 43cm h.

Ramos et al. [Almeida; Laço], 2006



**49.**

**Vaso com bico vertedor / Spouted pitcher**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século III/IV) / Roman: Empire (3<sup>rd</sup>/4<sup>th</sup> century A.D.)

Lagos, Rua Silva Lopes

IPA / Silves

Inv.n<sup>o</sup> / Nr.: 2[35]

A. 43cm h.

Ramos et al. [Almeida; Laço], 2006





50.

**Bilha / Jug**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século VI) / Roman: Empire (6th century A.D.)

Lagos, Rua Silva Lopes

IPA / Silves

Inv.nº / Nr.: 252

A. 26cm h.

Ramos et al. [Almeida; Laço], 2006

51.

**Prato / Table dish**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século VI) / Roman: Empire (6th century A.D.)

Lagos, Rua Silva Lopes

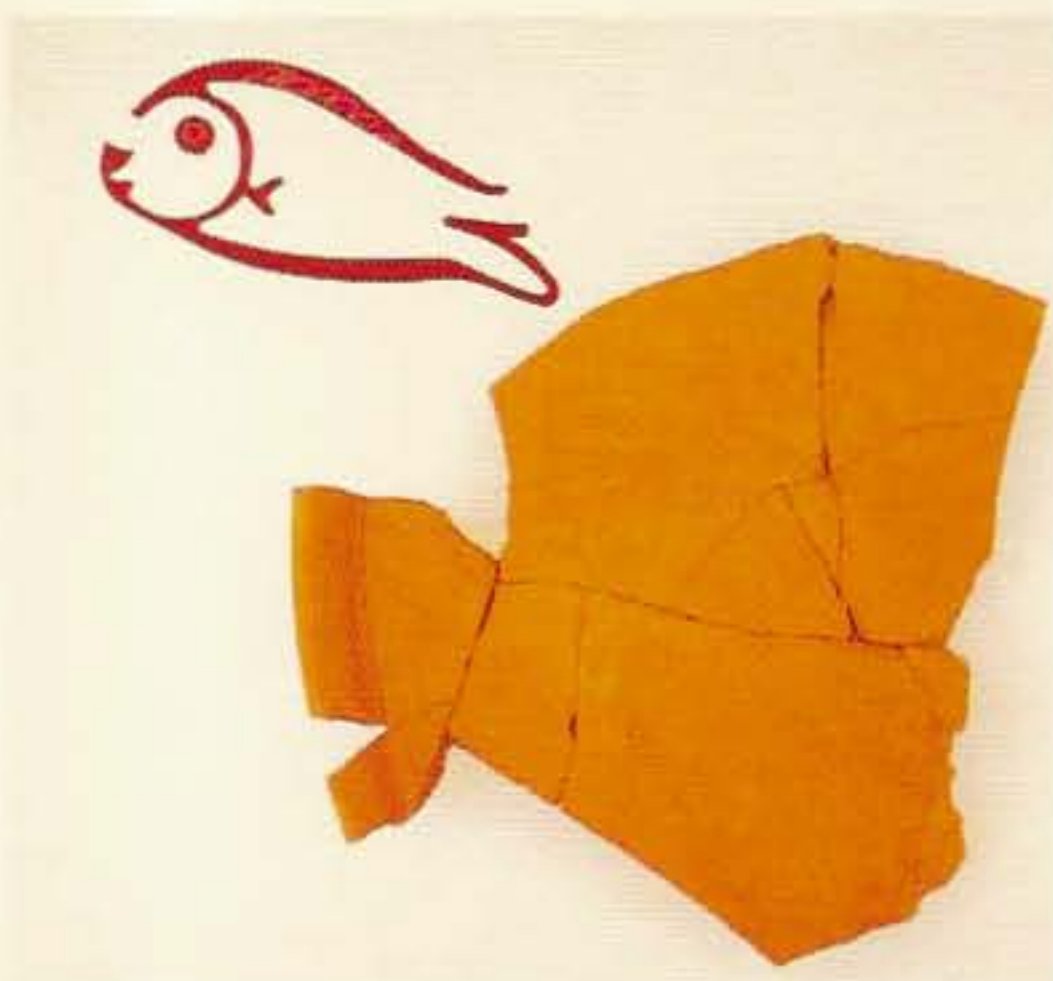
IPA / Silves

Inv.nº / Nr.: 186

Ø 38,5cm

Ramos et al. [Almeida; Laço], 2006

Prato do tipo *terra sigillata* clara, com decoração estampada (peixe), forma Hayes 104 / *Samian table dish, terra sigillata chiara type of the Hayes 104 form, decorated on the inside base with a fish stamp*



52.

**Lucerna / Oil lamp**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século III/IV) / Roman: Empire (3rd/4th century A.D.)

Lagos, Rua Silva Lopes

IPA / Silves

Inv.nº / Nr.: 118

C. 11,8cm l.

Ramos et al. [Almeida; Laço], 2006





**53.**

**Ara funerária / Funerary altar**

Calcário / Limestone

Romano: imperial (inícios do século II)

/Roman: Empire (beginning 2<sup>nd</sup> century A.D.)

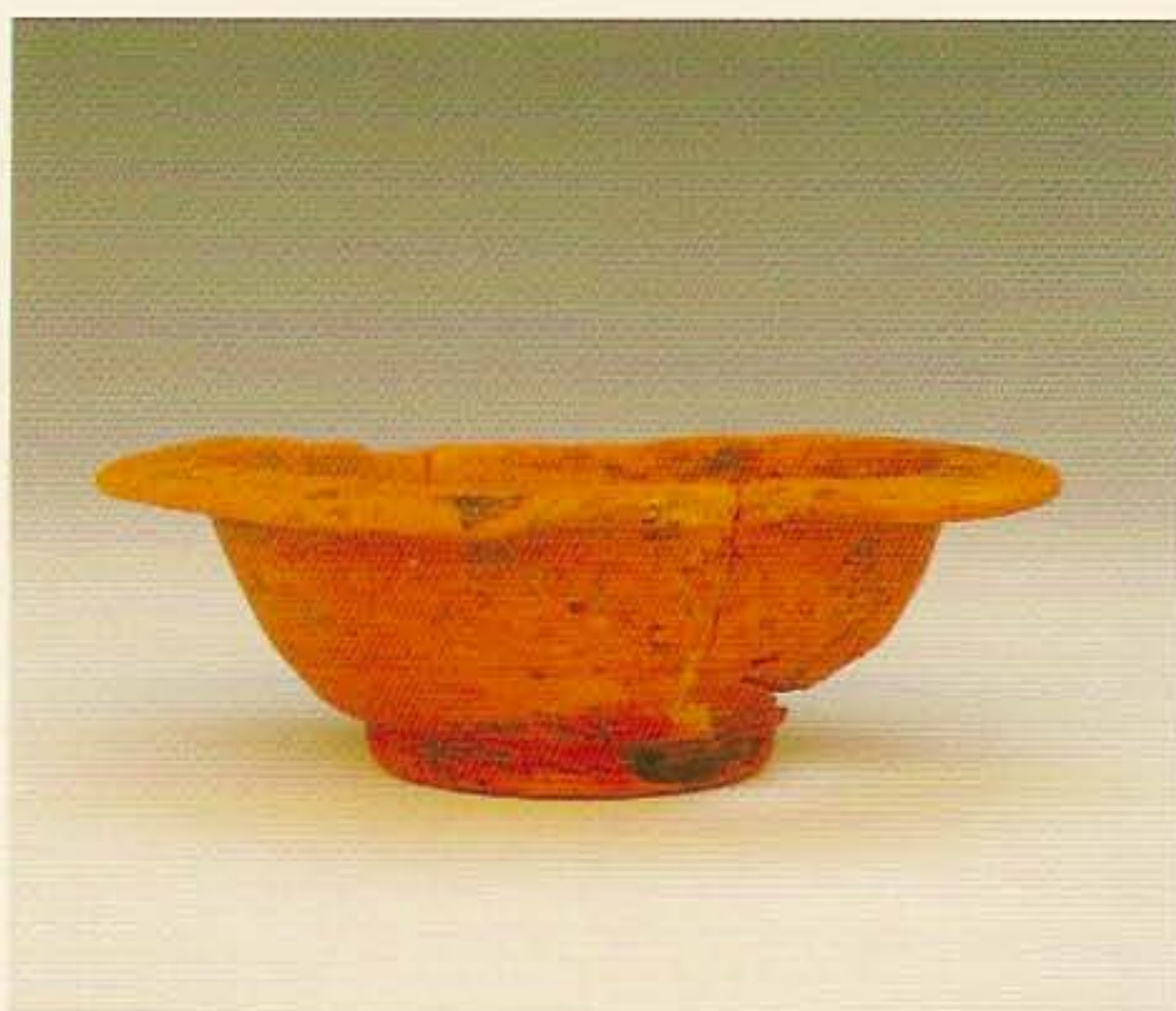
Lagos, Avenida dos Descobrimentos

Museu Municipal de Lagos

A. 53 cm h.

Encarnação, 1984 [IRCP??]

Árula funerária, estruturalmente simples, bem proporcionada: capitel com dois toros e frontão central. Inscrição: DIS (hedera) MAN (ibus) / LVPA. AN (norum) / II (duorum) M (ensium) X (decem) D (ierum) . XV (quindécim): Aos deuses Manes. Lupa de dois anos, dez meses e quinze dias / *Small sized funerary altar, well dimensioned simple structure, showing a latin inscription «Dedicated to the Manes. Lupa, aged two years, ten months and fifteen days»*



**54.**

**Taça / Cup**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século II/V d.C. /Roman:

Empire (1<sup>st</sup> century A.D.)

Lagos, Rua Marreiros Neto, 47-49: necrópole / cemetery

Museu Municipal de Lagos

Inv.nº / Nr.: 65(3)

Ø 11 cm

Duque et al. [Morán; Filipe; Almeida; Costa], 1952

Taça de cerâmica comum, de corpo hemisférico, bordo em aba horizontal, levemente descaída. Imita forma Hispânica 5 de terra sigillata hispânica que por sua vez se inspira na Dragendorff 35/36 de terra sigillata sudgálica, de forma III C 2 de Pinto / *Coarse ware cup of the Pinto III C 2 form, imitating Hispanic samian cups similar to the South Gaul samian Dragendorff 35/36 form*

55.

**Jarro / Jug**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século II/V d.C.)

/Roman: Empire (2<sup>nd</sup>/5<sup>th</sup> century A.D.)

Lagos, Rua Marreiros Neto, 47-49:

necrópole / cemetery

Museu Municipal de Lagos

Inv.nº / Nr.: 65(1)

A. 13cm h.

Duque et al. [Morán; Filipe; Almeida; Costa], 1952

Jarro de bordo exvertido e levemente espessado, com colo muito curto, e corpo piriforme / Jug with outward, slightly thickened rim, very short neck and pear-shaped body



56.

**Potinho / Small pot**

Cerâmica / Pottery

Romano: imperial (século II/V d.C.)

/Roman: Empire (2<sup>nd</sup>/5<sup>th</sup> century A.D.)

Lagos, Rua Marreiros Neto, 47-49:

necrópole / cemetery

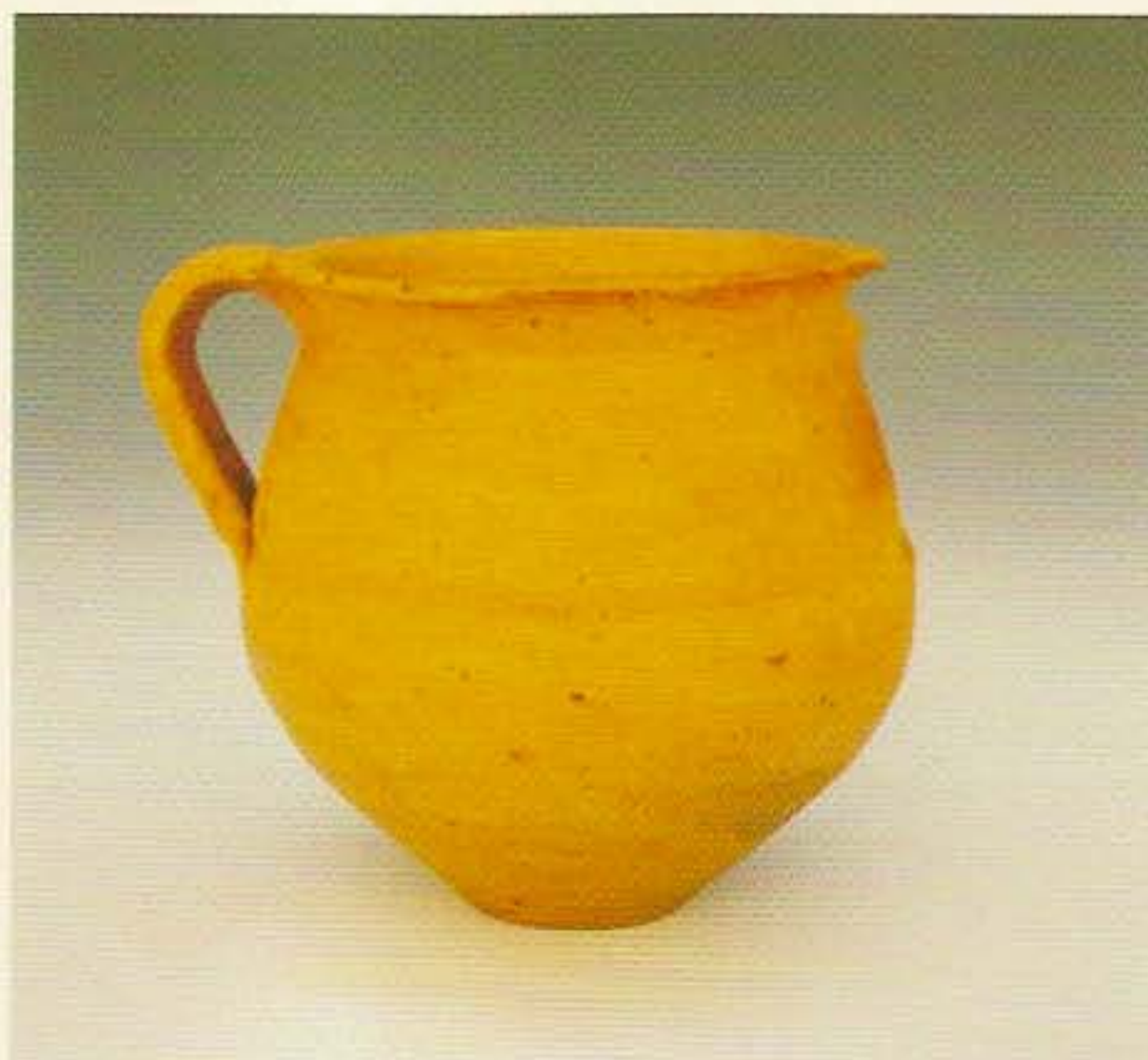
Museu Municipal de Lagos

Inv.nº / Nr.: 65(2)

A. 12cm h.

Duque et al. [Morán; Filipe; Almeida; Costa], 1952

Potinho com duas asas verticais, bojo ovóide, decoração brunida com listas paralelas na metade superior do bojo, de forma XA4 de Pinto / Small pot with two vertical handles, of the Pinto XA4 form, egg-shaped body, stroke burnished decoration of parallel lines on the upper part of the body



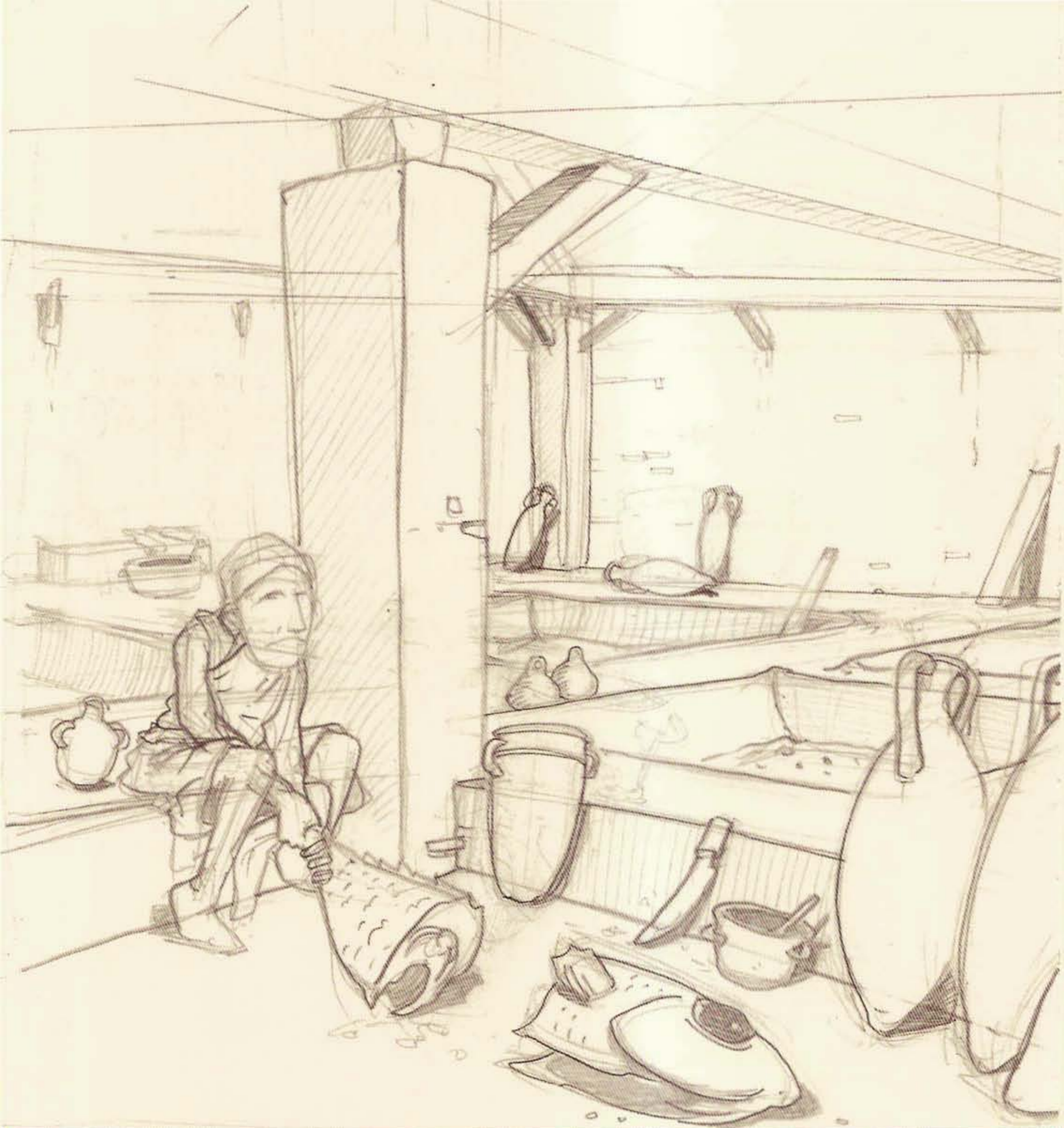


Ilustração da fábrica de salga escavada na Rua Silva Lopes  
Artist's view of the fish-processing factory excavated in the Rua Silva Lopes  
(Por|by: Jorge Pereira)



## **Bibliografial Bibliography**

Alarcão, J. e Alarcão, A. (1964) Vidros romanos do Museu da Figueira da Foz. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 74: 1-2, p. 80-120

Alarcão, J. (1992) Etnografia da fachada atlântica ocidental da Península Ibérica. In Almagro Gorbea, M. e Ruiz Zapatero, G. (eds.), *Paleoetnologia de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense, p. 339-346.

Alarcão, J. (2001) Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4: 2, p. 293-349.

Alarcão, J. (2006) Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia IV. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9: 1, p. 131-147.

Arruda, A. M. (2004) A Idade do Ferro em Portugal: leituras de Jorge de Alarcão. In Lopes, M. C.; Vilaça, R. (coord.s), *O Passado em cena: narrativas e fragmentos*. Coimbra/Porto: CEAUCP, FCT, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 75-98.

Arruda, A. M. (2005) - O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4: 23, p. 9-156.

Duque, L., Morán, E., Filipe, I., Almeida, P., Costa, C. (2006) Um caso de estudo: Necrópole tardo-romana no Centro Histórico de Lagos. *Xelb. Silves*. 6: 1, p. 27 a p. 40.

Encarnação, J. (1984) *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2 volumes.

Estrela, S. (1999) - Monte Molião, Lagos: intervenção de emergência (1998) e problemas da gestão do património em sítios arqueológicos classificados. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2: 1, p. 199-234.

Nunes, J. J. (1900) - Necrópole luso-romana nos arredores de Lagos. *O Archeologo Português*. Lisboa. V: p. 102-104.

Ramos, A. C., Almeida, R. R., Laço, T. (2006) O complexo industrial da Rua Silva Lopes (Lagos). Uma primeira leitura do sítio e análise das suas principais problemáticas no quadro da indústria conserveira da Lusitânia meridional. In *Actas do Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica*. Setúbal Arqueológica. Setúbal. 13: p. 83-100.

Rocha, A. Santos (1909) - Necrópole luso-romana do Molião. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. 3: 1, p. 103-105.

Santos, M. L.V.A. (1971) *Arqueologia romana do Algarve*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Sousa, E., Serra, M. (2006) - Resultados das intervenções arqueológicas realizadas na zona de protecção do Monte Molião (Lagos). *Xelb. Silves*. 6: 1, p. 5-20.

Vasconcellos, J. L. de (1917): Monte Molião Lagos. *O Archeologo Português*. Lisboa. XXII: p. 128.

Veiga, E. da (1910): Antiquidades Monumentaes do Algarve. *O Archeologo Português*. Lisboa. XV: p. 211-233.

Viana, A., Formosinho, J., Ferreira, O.V. (1952) - Alguns objetos inéditos do Museu Regional de Lagos. Monte Molião. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 62: 1-2, p. 133-142.

Apoios:



CONIMBRIGA

Museu Municipal  
da Figueira da Foz  
Dr. António dos  
Santos Rocha

